



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Ana Margarida Jorge Rego Marques

**O CASTELO DE SALIR: ESTUDO DAS SUAS
MATERIALIDADES ARQUEOLÓGICAS**

**Relatório de Estágio do Mestrado em Arqueologia e Território, na área de
especialização de Arqueologia Medieval e Moderna, orientado pela Professora Doutora
Helena Catarino e coorientado pelo Dr. Rui de Almeida, apresentado ao Departamento
de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra.**

Janeiro de 2021

FACULDADE DE LETRAS

O CASTELO DE SALIR: ESTUDO DAS SUAS MATERIALIDADES ARQUEOLÓGICAS

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	O Castelo de Salir: estudo das suas materialidades arqueológicas
Autor/a	Ana Margarida Jorge Rego Marques
Orientadora	Doutora Helena Catarino
Orientador da Entidade de Acolhimento	Dr. Rui de Almeida
Júri	Presidente: Doutor Pedro Jorge Cardoso de Carvalho Vogais: 1. Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva 2. Doutora Helena Maria Gomes Catarino
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Arqueologia Medieval e Moderna
Data da defesa	19-02-2021
Classificação do Relatório	17 valores
Classificação do Estágio e Relatório	17 valores



Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a oportunidade que me foi dada em realizar o meu estágio na Câmara Municipal de Loulé; foram meses de muita aprendizagem tanto a nível pessoal, académico e profissional, onde a família teve outro significado, ficando laços de amizade que espero, venham a perdurar muitos anos.

Parece-me oportuno agradecer aos meus orientadores, Doutora Helena Catarino, que me sugeriu este desafio e que me deu a oportunidade de voar mais alto do que eu pensava, sempre disponível e sempre atenta. Ao Mestre Dr. Rui de Almeida, que sempre teve a maior paciência comigo e me deu total autonomia para realizar um projecto que embora difícil, no final é sempre recompensador.

Queria agradecer também a todos os funcionários que trabalham na autarquia de Loulé, como a D. Alice, que sempre teve uma palavra de carinho e uma história para contar; a Lígia Laginha e Ana André, com quem tive oportunidade de trabalhar lado a lado durante todos estes meses; ao Sr. Branco, com as suas anedotas para alegrar um dia de inverno. À Paula Guerreiro, Regina Rodrigues, Julieta Caetano, Maria Antonieta Canteiro e Ricardina Inácio que me mostraram a alegria que é trabalhar na área de eleição, mesmo passando mais de 40 anos na mesma “casa” e com a mesma equipa; à Ana Isabel Guerreiro que me deu o carinho e o amor que qualquer pessoa necessita ao estar distante de qualquer familiar. Um agradecimento muito grande à Rita Vaza, Carolina Galtarossa, Soraia Martins e Sónia Dallot que me ajudaram a viver a vida com mais alegria, formaram assim, um grupo de amigas que espero que perdure por muitos anos. Um muito obrigada a todos estes e aos outros que não consegui enumerar.

À minha família e amigos que sempre me apoiaram e não saíram do meu lado, mesmo separados por 505km de distância, um muito obrigado. Em especial aos meus pais e irmã, ajudando-me a superar adversidades e dividiram comigo os momentos de felicidade e de angústia que um trabalho como este acarreta.

Por último um agradecimento ao meu avô Zé, que partilhou comigo o amor pela história e pelo mundo, sempre querendo apreender mais. Um muito obrigada por me tornares a pessoa que sou hoje.

Resumo

O presente relatório é resultado de um estágio realizado na Câmara Municipal de Loulé, no âmbito da conclusão do 2º ano de Mestrado em Arqueologia e Território.

O objectivo principal deste foi a análise e atualização dos parâmetros das fichas de inventários dos materiais referentes ao Castelo de Salir, concelho de Loulé, juntamente com o estudo formal e funcional desses materiais de época almóada, visando a sucessiva publicação, em forma de catálogo.

O Castelo de Salir, foi alvo de trabalhos arqueológicos sob a direção de Helena Catarino desde o ano de 1987 a 1998. Os materiais aí recolhidos constituíram parte do espólio de uma grande exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, intitulada de “Loulé. Territórios, Memórias e Identidades.”, que albergava não só objectos do Castelo de Salir, mas também outros materiais provenientes de diversos sítios arqueológicos de Loulé. O retorno dos materiais a Loulé, proporcionou o momento mais oportuno para o estudo dos mesmos.

O espólio presente em análise cingiu-se aos materiais pertencentes à exposição de Lisboa, das exposições presentes no Pólo Museológico de Salir e no Núcleo Sede. Durante a inventariação dos objectos foram ainda identificados, materiais armazenados na Reserva do Museu, que pelo seu grau de interesse foram integrados no grupo a analisar.

O estudo do espólio englobou parâmetros morfológicos, formais e funcionais, tendo os objectos sido alvo de divisão formal e funcional, revelando dados em termos de distribuição das peças pela Península Ibérica e confirmado algumas das cronologias dos materiais, comparando-os com outros conjuntos de objectos e sítios arqueológicos semelhantes ao Castelo de Salir, nomeadamente o Castelo de Paderne, Silves, Alcácer do Sal e Juromenha.

Palavras-Chave: Arqueologia Medieval, Cerâmica Islâmica, Materialidades não cerâmicas, Sul de Portugal, Castelo de Salir.

Abstract

This report is the result of an internship held at the Municipality of Loulé, within the scope of the conclusion of the 2nd year of the Master's Degree in Archeology and Territory. The main objective of this was the analysis and updating of the parameters of the material inventory records referring to Castelo de Salir, municipality of Loulé, together with the formal and functional study of these materials from Almohad period, aiming at the successive publication, in catalog form.

Castelo de Salir, has been the target of archaeological work under the direction of Helena Catarino from 1987 to 1998. The materials collected there were part of a large exhibition held at the National Museum of Archeology, Lisbon, entitled “ Loulé. Território, Memórias e Identidades.”, which housed not only objects from the Castle of Salir, but also other materials from various archaeological sites in Loulé. The return of the materials to Loulé, provided the most opportune moment for their study.

The collection presentend in analysis was limited to the materials belonging to the Lisbon exhibition, the exhibitions present at the Museo Pólo de Salir and Núcleo Sede. During the inventory of the objects, materials stored in the Museum Reserve were also identified, which due to their degree of interest were integrated into the group to be analyzed.

The study of the collection encompassed morphological parameters, both formal and functional, with the objects being the subject of formal and functional division, revealing data in terms of the distribution of the pieces throughout the Iberian Peninsula and confirming some of the chronologies of the materials, comparing them with other sets of objects and archaeological sites similar to the Castle of Salir, namely the Castle of Paderne, Silves, Alcácer do Sal and Juromenha.

Keywords: Medieval Archeology, Islamic Ceramics, Non-ceramic materials, Southern Portugal, Castelo de Salir.

Índice

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract	III
1. Introdução	1
1.1. Apresentação	1
1.2. Objecto e Objectivos de Estudo	3
1.3. Metodologia do Estudo	5
2. Castelo de Salir: trabalho desenvolvido no estágio	7
2.1. Organização do Estágio	7
2.2. O lote de materiais a estudar	9
3. Castelo de Salir: o sítio arqueológico	10
3.1. Enquadramento Geográfico	10
3.2. Enquadramento Histórico	15
3.3. Trabalhos Arqueológicos	21
4. O Estudo das Materialidades Arqueológicas	26
4.0. Organização do conjunto em estudo	26
4.1. Formas e Funções do Espólio	28
4.1.1. Cerâmicas de Cozinha	29
4.1.2. Cerâmica de Mesa	34
4.1.3. Recipientes de Mesa e de Cozinha	41
4.1.4. Recipientes de Armazenamento e de Transporte	43
4.1.5. Recipientes de Cozinha e de Uso Pessoal	48

4.1.6. Recipientes de Iluminação	50
4.2. Objectos de Tecelagem e Utilitários	51
4.3. Armamento	55
4.4. Artefactos Diversos	57
5. Para uma análise funcional e diacrónica dos vestígios arqueológicos	59
5.1. O castelo e os materiais	59
5.2. O Castelo de Salir e as fortificações almóadas	76
6. Considerações Finais	84
Bibliografia	86
Anexos	104

1. Introdução

1.1. Apresentação

O trabalho aqui apresentado é resultado de um estágio elaborado para a conclusão do 2º ano de Mestrado em Arqueologia e Território, tendo como orientadores a Professora Doutora Helena Catarino (Universidade de Coimbra) e o Dr. Rui de Almeida (Câmara Municipal de Loulé). O mesmo teve a duração de quatro meses, tendo sido interrompido entre os meses de Março e Maio, consequência da Pandemia de Covid-19, o que fez protelar este até ao final do mês de Junho.

O objectivo principal deste relatório será o estudo dos materiais (cerâmicos e não cerâmicos) de época islâmica, recolhidos durante os trabalhos de escavação realizados sob a direção de Helena Catarino, no Castelo de Salir, Loulé; no período de 1987 a 1998.

Inicialmente, os trabalhos para a elaboração do presente relatório começaram com a consulta bibliográfica dos conteúdos referentes ao Castelo de Salir, sendo essenciais para a seleção dos materiais que vão constar neste (capítulo dois).

De seguida, no capítulo três, será apresentado o sítio arqueológico do Castelo de Salir, enquadrando-o geograficamente, em termos históricos e arqueológicos, onde será elaborado um resumo dos trabalhos desenvolvidos, os seus resultados e o seu processo de musealização.

O estudo dos materiais propriamente dito, englobará todo o quarto capítulo, sendo o espólio selecionado, organizado em termos de forma e função, que consequentemente levará à sua subdivisão por grupos morfológicos. Como já referido anteriormente, os materiais que este estudo engloba não se cingem somente a objectos de cariz cerâmico, existindo materiais de base metálica ou mesmo em osso. Para este estudo serão os objectos cerâmicos o alvo principal de atenção, nas suas componentes como a pasta, técnica de fabrico e tipo de decoração utilizada, tendo intenção confirmar os parâmetros cronológicos e seleccionar possíveis paralelos.

Já o capítulo cinco será subdividido em dois subcapítulos, sendo que um apresentará uma síntese do estudo anteriormente elaborado, com auxílio de conteúdo gráfico, para uma

leitura mais coerente e simplificada dos resultados. Mostrará assim, mais especificamente, os períodos cronológicos referentes às peças presentes e os seus paralelos, do qual resultará uma maior precisão da quantidade e da localização dos mesmos, com o auxílio de um mapa da Península Ibérica e uma tabela de frequência.

O subcapítulo 5.2. englobará uma comparação entre fortificações de época almóada presente no território português. Essa comparação tem por base uma tabela comparativa com a presença do Castelo de Paderne, Silves, Alcácer do Sal e Juromenha. Estes foram escolhidos em detrimento de outros por razões geográficas, teóricas (conteúdos produzidos sobre os locais) e de importância durante o período em questão.

Nas considerações finais serão referidos todos os aspectos e conceitos adquiridos durante o presente estágio, indicando os trabalhos desenvolvidos na componente Arqueológica.

1.2. Objecto e Objectivos de Estudo

O presente relatório surge na sequência do desenvolvimento de um estágio realizado na Câmara Municipal de Loulé, mais concretamente na Divisão de Cultura, Museu e Património.

A arqueologia medieval islâmica foi a área que me despertou maior interesse durante o período de licenciatura. A oportunidade de aprofundar conhecimentos nesta área específica para conclusão do 2º ciclo de estudos, aliada à maior incidência no sul de Portugal, conduziu à escolha do concelho de Loulé para a realização deste estágio.

Com a percepção do meu interesse nesta área de especialização, a orientadora da Universidade de Coimbra, Helena Catarino, propôs assim a realização de um estágio na Câmara Municipal de Loulé, em que a base seria o Castelo de Salir.

O sítio arqueológico foi alvo de estudos por um número reduzido de autores, assim como as publicações resultantes destes, sendo Helena Catarino a principal autora, que me concedeu assim, um acesso directo à bibliografia base e um contacto privilegiado com quem realizou os trabalhos de escavação no local. Outra razão que justifica a escolha do Castelo de Salir para a realização do estágio, deveu-se ao facto de os objectos deste estarem de regresso ao Pólo Museológico. Assim, tornou-se uma oportunidade única de estudar os mesmos, enquanto se realizava o processo de recolocação do espólio nos locais respetivos.

O concelho de Loulé, possui variadas evidências históricas no seu território. No entanto, em termos de vestígios de época islâmica, este detém importantes sítios arqueológicos da mesma cronologia, aumentando assim o interesse por este local. A qualidade dos Pólos Museológicos e Núcleo Sede, a equipa qualificada da Divisão de Cultura, Museu e Património, juntamente com relevância dada pela Câmara Municipal de Loulé ao património do concelho, reforçou assim o interesse pelo desenvolvimento de actividades nesta zona.

O presente relatório tem como objecto de estudo os materiais provenientes dos trabalhos arqueológicos realizados por Helena Catarino, entre os anos de 1987 e 1998, no Castelo de Salir, concelho de Loulé. O Castelo foi, após a conclusão dos trabalhos de escavação, alvo de um projecto de musealização, por Mário Varela Gomes, que permitiu a exposição das estruturas identificadas e do material recolhido (subcapítulo 3.3.).

Para restringir o material presente neste estudo, foi decidido que este englobaria somente o espólio de época islâmica proveniente da exposição do Pólo de Salir, do Núcleo

Sede e restante objectos de uma exposição que decorreu no Museu Nacional de Arqueologia, intitulada “Loulé. Territórios, Memórias e Identidades”, entre o ano de 2017 a 2019. Assim, perfaz um total de 121 peças, desde materiais cerâmicos, metálicos e outros, que serão divididos em níveis formais e funcionais e conseqüentemente subdivididos em características morfológicas.

O objectivo geral deste estágio será analisar os parâmetros das fichas de inventário, actualizar os conteúdos presentes nestas, o estudo formal e funcional dos materiais seleccionados e a sua sucessiva catalogação. Assim, os objectivos específicos englobam a recolha de referência bibliográficas básicas para os conteúdos, a actualização das fichas de inventário, a recolha e tratamento dos conteúdos gráficos como desenhos e tintagens dos materiais seleccionados para a sua integração no contexto de catálogo, a subdivisão formal e funcional dos objectos que levam ao balizamento de cronologias bem como a identificação de paralelos dos materiais pela Península Ibérica, comparando depois as informações recolhidas com outras fortificações de mesma cronologia de ocupação.

Todo este processo detém o intuito da divulgação dos materiais do Castelos de Salir, dando-os a conhecer a um público mais diversificado, podendo, servir como base para futuros trabalhos de investigação científica.

1.3. Metodologia do Estudo

O lote de peças, apresentadas neste documento, provenientes do Castelo de Salir, foram alvo de diversos trabalhos que se prolongaram pelo espaço de quatro meses, correspondentes ao período em que decorreu o estágio. Após diversas reuniões com os orientadores da entidade educativa, Universidade de Coimbra, Helena Catarino e da entidade de acolhimento, Câmara Municipal de Loulé, Rui de Almeida, foi restrito o conjunto de peças em estudo para as que se encontravam expostas no Pólo Museológico do Castelo de Salir, no Núcleo Sede do Museu Municipal de Loulé, na Reserva Municipal do Museu de Loulé, e inclusive, as que regressavam do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

Seleccionado o espólio, foram compiladas todas as fichas matriz referentes às peças, elaboradas tanto por Helena Catarino, durante as escavações arqueológicas e posterior estudo; bem como pela Divisão de Cultura, Museu e Património, durante a inserção dos materiais no inventário do Museu. Todas as informações foram confirmadas como: localização na exposição, códigos de cor, medidas, descrições, fotografias, desenhos, etc.

A organização do estágio encontra-se descrita no subcapítulo 2.1., onde são mencionados os trabalhos realizados e número de horas utilizadas para a conclusão deste. Foram assim estabelecidos prazos para a entrega de relatórios mensais das actividades realizada na Câmara Municipal de Loulé para a orientadora da Universidade de Coimbra, mantendo um acompanhamento das práticas utilizadas, bem como o estado dos trabalhos. Em relação ao orientador da entidade de acolhimentos, foi possível manter um acompanhamento mais próximo no decurso do estágio.

Para uma organização metodológica mais funcional, devido à quantidade de dados recolhidos, foi acordado, juntamente com os orientadores, a necessidade de condensá-los numa tabela. A mesma é organizada da seguinte forma: colunas contêm a referência deixada por Helena Catarino durante os trabalhos de escavação (Quadrícula-Nível-número), o número de inventário antigamente utilizado pela Câmara Municipal (1.8. - - -), o novo número de inventário (ML.A- - -), descrição da peça, publicações associadas, desenho, fotografia e localização (local, vitrina e número), conforme anexo 2.2. Esta tabela, sofreu diversas alterações, que foram acompanhando as necessidades identificadas.

A metodologia definida implicou ainda diversos ajustes, feitos na exposição patente no Pólo Museológico de Salir, encontrando-se a mesma desatualizada em alguns pontos,

tendo sido necessárias novas visitas ao local para reorganizar certas peças. Estas confusões devem-se muito ao facto de, quando o espólio do Castelo de Salir, que se encontrava exposto nas vitrinas do Polo Museológico, ter sido enviado para a exposição do Museu Nacional de Arqueologia, ser necessário preencher as vitrinas que, naquele momento, se encontravam vazias.

Após validação da correspondência do número de inventário nas fichas com as peças, agora expostas, foi possível associar desenhos e fotografias às mesmas sendo, quando necessário tratados com a utilização do programa mais indicado (Photoshop). Nem todas as peças detinham os parâmetros devidamente preenchidos. Assim, consoante a necessidade estes foram refeitos, ou mesmo elaborados de raiz.

Com toda a informação compilada, seguiu-se a metodologia de elaboração do catálogo presente em anexo (anexo 1), que auxiliou na composição do presente estudo dos materiais, exposto no capítulo quatro; com forma de apresentação dos conteúdos, baseado na dissertação de mestrado de Sandra Cavaco sobre o Arrabalde da Bela Fria, Tavira islâmica.

Para a elaboração do estudo foi vital a utilização das publicações de Helena Catarino, sobre as escavações e os materiais arqueológicos do Castelo de Salir, estes revelaram-se as referências bibliográficas básicas para a construção dos conteúdos. Essencial também foi a recolha e leitura de referências bibliográficas de locais com contextos idênticos ao Castelo de Salir ou mesmo obras de renome de estudo específico de materiais islâmicos, como os do projecto CIGA (Bugalhão *et al*, 2010) ou mesmo de Rosselló Bordoy (Rosselló-Bordoy, 1991), que forneceram informações de base metodológica para uma divisão de estilo formal-funcional, sendo estes subdivididos por grupos morfológico. Com este estudo será possível aferir as cronologias dos objectos e os seus paralelos, para assim identificar possíveis ligações comerciais ou de influência e o raio de trocas que existiam ao seu redor; como também caracterizar o tipo de espólio presente.

2. Castelo de Salir: trabalho desenvolvido no estágio

2.1. Organização do Estágio

O estágio do qual se baseia o presente relatório, é resultado de um protocolo entre a Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal de Loulé, no seguimento de um pedido de estágio para a conclusão do 2º ano de Mestrado em Arqueologia e Território. Foi assim acordado um período de quatro meses, com início no dia seis de Janeiro, e o seu fim, supostamente, no dia seis de Maio do ano de 2020. No entanto, nada previa a situação epidémica que foi vivida no ano de 2020, forçando a uma pausa entre os meses de Março e Maio, regressando somente no dia um de Junho para concluir o estudo dos materiais, com 467 horas efetuadas.

Esta pausa, forçada, trouxe alguns contratemplos em termos de continuidade dos trabalhos, já que obrigou a uma paragem abrupta destes, só sendo novamente retomados passados quase três meses, dificultando a sua retoma. Claro que também obrigou a alterações de calendários, tendo sido um desafio a sua concretização.

Inicialmente consultou-se a bibliografia das exposições referentes ao Castelo de Salir, sendo seleccionados os materiais que iriam integrar este estudo, mesmo assim, a reorganização dos materiais nas Reservas do Museu levaram à identificação de novos objectos até então inéditos, que originou a criação de novas entradas de peças durante os meses seguintes. Foi elaborada uma tabela de inventário com a descrição morfológica e localização dos objectos que facilitou o tratamento de informação visto que os materiais se encontram dispersos por Loulé e Salir.

Toda a informação presente na tabela foi revista e retificada, sendo essencial a visita ao Pólo Museológico de Salir, que forneceu informações mais concretas das peças em estudo, como da sua disposição no museu, e dos elementos que o constituíam.

No mês seguinte foram reunidos todos os desenhos e fotografias referentes às peças em estudo, tendo sido digitalizados e tratados para fazerem parte do presente catálogo que se encontra no anexo um Catálogo Analítico e Descritivo.

Após a conclusão deste, foi iniciada a pesquisa bibliográfica para a elaboração do presente estudo, explicito no capítulo quatro do presente relatório. No entanto, foram

realizados paralelamente trabalhos de conservação e restauro das peças referentes à escavação na Casa das Bicas, Loulé; e actividades nos Serviços Educativos, como adivinhas sobre materiais do Pólo da Cozinha Tradicional e expressão artística com o tema da Lenda da Moura Cássima.

O estudo foi desenvolvido assim durante os meses seguintes com o auxílio do coordenador da Entidade de Acolhimento, Dr. Rui de Almeida e com a orientadora da Universidade de Coimbra, Prof. Doutora Helena Catarino, como possível de constatar no anexo 2.1.

2.2. O lote de materiais a estudar

Os materiais que foram alvo do estudo, exposto neste relatório, foram recolhidos durante os trabalhos de escavação realizados no Castelo de Salir, por Helena Catarino, nos anos de 1987 a 1998. Estes, tal como referido anteriormente no subcapítulo 2.1., encontram-se dispersos pelo Pólo Museológico de Salir, Museu Núcleo Sede de Loulé e pela Reserva do Museu de Loulé. Foram assim integrados todos os materiais (cerâmicos e não cerâmicos) que se encontravam expostos nestes locais e pertencentes à exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia de nome “Loulé. Territórios, Memórias e Identidades.”, exposta desde o ano de 2017 até 2019. O retorno das peças, desencadeou este projecto, facilitando o seu estudo.

O espólio está enquadrado em termos cronológicos na ocupação islâmica de Salir (subcapítulo 3.2.), sendo maioritariamente de época almorávida/almóada, constituídos por 121 peças, das quais panelas, caçoilas, tigelas, taças, púcaros, jarras, jarrinhas, talhas, potes, cântaros, bihas, galhetas, alguidares, candeias, marcas de jogo, objectos de tecelagem como fusos, tempereiros, cossoiros, cabos de roca e agulhas; objectos de construção como pregos; objectos de indumentária e acessórios dos quais brincos, botões, contas de colar e cinturões. Foram também integrados objectos de armamento como pontas de lança ou besta e balas de pedra. Todos os materiais foram divididos consoante a sua forma e função, desenvolvendo um estudo coerente.

Visto que todos já tinham sido inventariados, tanto por Helena Catarino como pelo Museu de Loulé e previamente tratados pelos conservadores/restauradores do Museu de Loulé, foi necessário verificar os dados presentes nas fichas de inventário de ambos os autores para assim relacionar as informações e formar um estudo mais completo. Foi aproveitado também este momento para avaliar o estado das peças presentes nas exposições e quando necessário, foram encaminhadas para conservação/restauro.

3. Castelo de Salir: o sítio arqueológico

3.1. Enquadramento Geográfico

O Castelo de Salir situa-se na zona Sul de Portugal, Algarve, na freguesia de Salir, concelho de Loulé, distrito de Faro (fig.1). Assinalado na Carta Militar Portuguesa (C.M.P.) 1:25000, folha nº. 588. O Castelo está assim localizado a uma latitude de 37,242880 e longitude de -8,046850.



Fig.1 Mapa da Península Ibérica com os concelhos do Algarve (Distrito de Faro) retirado de https://cincodias.elpais.com/cincodias/2019/09/04/lifestyle/1567613643_630278.html / <https://meravista.com/en/blogentry/beautiful-algarve-counties-aljezur>(12-10-2020)

Salir encontra-se a treze quilómetros da cidade de Loulé, na parte do Barrocal, mais propriamente no Alto-Barrocal ou Beira-Serra. Esta zona constitui cerca de 40% do concelho de Loulé (Ramos-Pereira, 2017: 52) e possui uma extensão máxima que corresponde à Região Centro (Tomé, 2008: 22); no entanto, os limites desta área não são claros, sendo difícil a distinção entre a Serra, o Barrocal e o Litoral. Estas formas de distinção são usadas frequentemente para diferenciar as zonas que constituem o Algarve, usando como base a morfologia do território que se vai transformando.

Salir encontra-se, assim, na zona entre o Barrocal e a Serra tendo, tal como Alte, Querença, S. Bartolomeu de Messines, Silves e Alportel, algumas características da paisagem

e clima da zona mais a Norte (Serra) e alguns traços fortes da zona Litoral (Tomé, 2008:24). Este está enquadrado na “*saída*” do Algarve para o Alentejo que, segundo Ataíde Oliveira, é uma das razões para o nome de Salir. O mesmo autor defende também que o nome tenha derivado do termo *Sellir*, que com a investida de D. Paio Peres Correia, após a conquista de Tavira, a população residente, ao abandonar em desespero, tenha gritado “*sair sair*” que com o tempo se terá tornado Salir. (Oliveira, 1905: 159-165).

A vila de Salir é rodeada a oeste pelas freguesias de Alte e Benafim, a sul por Tôr e Querença, a este pelo concelho de São Brás de Alportel e a norte pela freguesia do Ameixial e o concelho de Almodôvar (pertencente ao distrito de Beja) (fig.2).



Fig. 2 Mapa das Freguesias do concelho de Loulé, retirado de <https://www.heraldry-wiki.com/arms/websites/Portugal/www.fisicohomepage.hpg.ig.com.br/images/LLE-mapa.gif> (23-10-2020)

Podemos encontrar o que resta do Castelo de Salir na zona poente da povoação, num local também conhecido de Castelo ou Castelar, sobre um cabeço calcário, com 256m de altura e a cerca de 0,5km de distância do curso de água mais próximo (Oliveira, 1905: 159-165).

Enquadrado em termos geológicos na bacia algarvia, esta é composta por terrenos mesocenozóicos, localizada no canto sudoeste da placa continental Eurásia (Terrinha *et al*, 2013: 824- 825 e Monteiro *et al*, 2007:2).

Em termos de constituição geológica a vila de Salir é bastante única. Um dos tipos de rochas presentes é o chamado Grés de Silves, com cerca de 100 Ma. É bastante poroso, facilmente erudido e origina grandes depressões (Ramos-Pereira, 2017: 50). Rico em nutrientes, permite o desenvolvimento de bons solos para uma agricultura rentável (Fabião, 2017:34).

Outros tipos de rochas presentes na área de Salir são os calcários, com idades entre os 200 Ma e os 72 Ma. Estas rochas conferem ao território um cariz peculiar devido à dissolução de carbonato de cálcio que detêm. Este é levado pelas correntes de água sob a forma de bicarbonato, corroendo-as e formando depressões. O resultado são formações como lapiás, dolinas, grutas (Lopes e Fernandes, 2006:954) ou buracos cárnicos, algares; os cursos de água infiltram-se nestas formações levando à perda de água superficial (Ramos-Pereira, 2017: 52).

A zona é repleta de acidentes geográficos sendo eles, o conjunto das Serras do Algarve Oriental, que correspondem às Serras do Caldeirão e ao conjunto do Malhão que segue depois até Tavira, Alcoutim e Castro Marim. Estes resultam de um misto de processos, um dos quais a evolução das placas tectónicas que, com os tempos, foram formando falhas e fracturas orientadas a este-oeste. O outro processo que desencadeou estas formações foi a meteorização cárstica, resultante da ação geodinâmica externa (dissolução de rochas carbonatas pela água e o abatimento de cavidades subterrâneas) (Lopes e Fernandes, 2006: 955).

A Serra do Caldeirão, importante marco determinante na paisagem do território algarvio, é constituída pelo Grupo *Flysh* (formação Mértola, Mira e Brejeira). O tamanho desta é produto dos movimentos verticais e descendentes condicionados por acidentes, tanto a norte-oeste como a este-oeste, que levaram à fragmentação e desnível da superfície. Anteriormente plana, de época Paleozoica (Canas, 2015: 11), é composta por xistos e grauvaques, de natureza pobre e com pouca profundidade (Tomé, 2008:23). Os seus compostos impermeáveis fazem com que haja um escoamento de quase a totalidade da água, só existindo infiltração nos solos nos fundos dos vales (Tomé, 2008: 23).

Em relação à rede hidrográfica, é possível caracterizar o concelho de Loulé como uma zona com água abundante, onde a população detinha, frequentemente, um poço associado à habitação. Por todo o concelho é possível observar centenas de fontes, poços e açudes (Rota da Água, 2015).

Em termos de clima, esta zona é assinalada como um território de macrobioclima mediterrâneo, mas sujeito a fortes influências oceânicas, graças à proximidade com o Atlântico (Canas, 2015: 12).

Salir enquadra-se, assim, num local com bastante pluviosidade, sendo que a média anual ronda os 1020 mm de chuva, distribuída de forma irregular ao longo do ano, mas com grande incidência no Outono, Inverno e Primavera. Os Verões são longos, quentes e secos (Tomé, 2008:21).

A vila de Salir foi durante décadas alimentada pela Ribeira dos Moinhos, intitulada assim devido à grande quantidade de estruturas desse tipo presentes nas margens do seu curso. Esta escoia, principalmente, a água da vertente meridional da Rocha da Penha, que fica a cerca de cinco km da vila de Salir (Carta da Hidrologia Continental, 1990) (Rota da Água, 2015).

Em relação à flora presente nesta zona são recorrentes as alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras e oliveiras, algumas trazidas pelas comunidades árabes para este território. A população investe na cultura de favas, ervilhas e grão-de-bico e na produção agrícola de cereais, maioritariamente de trigo e cevada, entre outros. São rentabilizadas as zonas de charneca e os pomares, sendo importante a apanha de medronho e a recolha de cortiça (Tomé, 2008:22 -23).

Em consequência de todos os parâmetros acima referidos, foi assim possível que a população se fixasse neste território, sendo identificados vestígios dessas ocupações desde época Pré-Histórica, das quais se relata a existência de monumentos megalíticos e menires (um exposto no Pólo Museológico de Salir).

A nascente da fortificação em estudo, está localizada a povoação de Querença com vestígios pré-históricos como o Bétilo de Fonte Benémola (Gonçalves e Sousa, 2017:83). Com ocupação desde a Idade do Bronze e/ou Ferro, estão assinalados na Carta Arqueológica do Município de Loulé os sítios de Fonte Santa (Alte), Vendinha do Esteval (Querença) e a Rocha da Pena.

Em relação à época romana foram identificados vestígios de ocupação em Boliqueime, S. Brás de Alportel e Benafim. A ocupação deste prolonga-se até época visigótica ou muçulmana (Catarino, 1997/98a: 454). Já em Boavista, Fonte da Rata e no Cerro do Carrascal

foram encontradas evidências de ocupação islâmica no território, sendo os dois primeiros de época califal/taifas e o último de época almorávida/almóada (Catarino, 1999/2000: 108).

A população dedicava-se ao fabrico artesanal de esteiras e cestos (graças ao excedente de esparto e de palma) e a produção de objetos cerâmicos (devido às condições geomorfológicas acima referidas) (Catarino, 1997/98a: 455).

Em época islâmica a tecelagem terá sido uma atividade importante para a economia, ligada ao pastoreio, recorrente neste território graças aos terrenos férteis para a alimentação de animais, tendo sido recolhidos durante o processo da escavação materiais relacionados, como cabos de roca, tempereiros, fusos, agulhas e cossoiros, sendo que no capítulo quatro se dará uma maior descrição de tais objectos.

3.2. Enquadramento Histórico

O Castelo de Salir está enquadrado num tipo de sistema defensivo, de carácter local/regional, que tinha como principal objetivo a defesa da comunidade rural onde se localiza e, indiretamente, integrando a defesa da cidade de Loulé, durante a ocupação muçulmana do território do extremo sul do Garb al-Andalus. Está, pois, ligado ao período de ocupação islâmica do actual Algarve (de 712/713 a 1248/1250), quando este território foi ocupado por muçulmanos, vindos do Norte de África, que aproveitaram a dissolvença do reino visigodo, graças à profunda crise política, militar, económica e social em que este reino vivia (Chalmeta, 1994:67).

O Castelo de Salir teve várias ocupações, com vestígios bastante evidentes. Inicialmente, com um tipo de construção de duplo paramento na muralha, de data ainda por definir, outro aquando o seu reforço almóada e, por último com a Reconquista, a alteração de espaços habitacionais dentro da zona muralhada. No entanto, a freguesia de Salir (fig.3), detém ocupação com diacronia mais alargada, existindo vestígios desde época pré/proto-histórica, romana, visigótica e muçulmana.



Fig.3 Mapa da freguesia de Salir, imagem retirada de http://cms.cm-loule.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/files/Cartografia/Salir.pdf 13-10-2020

Em termos pré-históricos existem diversos achados avulsos, como: os machados de anfíbolite, encontrados em Salir, com paralelos na zona de Tavilhão e Ameixal; e um bétilo, normalmente associados a monumentos funerários. Estes são parte de um conjunto recuperado da coleção do Prior de Salir que detinha objectos arqueológicos, infelizmente sem referência de onde os teria recolhido.

Do grupo em questão foi recolhido um menir e uma placa de xisto gravada. O menir, com cerca de 1,95m de altura, é descrito como sendo possivelmente do 3º Milénio, existindo possibilidades de ser ainda mais antigo. Presume-se que tenha sido recolhido em Serro das Pedras, não sendo possível atestar a veracidade de tal. A placa de xisto, terá sido gravada por volta do 3º Milénio, composta por 10 bandas com esquema geométrico numa das faces, e com inscrições de época moderna na outra. Esta terá sido o reaproveitamento de uma placa com um tamanho maior. Detém uma forma rectangular arredondada. Este tipo de objecto é mais recorrente no Alentejo médio (Gonçalves e Sousa, 2017:107).

Dentro dos sítios conhecidos de ocupação Proto-Histórico do concelho de Loulé, sete encontram-se na zona do Barrocal e Serra, dos quais a Fonte Santa em Alte, Vendinha do Esteval em Querença e a Rocha da Pena (na freguesia de Salir).

Fonte Santa é uma necrópole, composta por sepulturas quadrangulares, onde foram recolhidos restos faunísticos, fragmentos cerâmicos e metálicos. Infelizmente não foram realizadas escavações arqueológicas, sendo impossível concluir quaisquer aspetos sobre o local (Oliveira, Barros, Melro e Estrela, 2017: 200).

Em Vendinha do Esteval, está localizada uma jazida mineira, detendo uma galeria parcialmente subterrada, com grandes concentrações de cobre de ótica qualidade no seu interior. Como todas as minas, esta detinha vestígios de instrumentos utilizados no tratamento dos minérios após a colheita. Provavelmente detinha uma povoação e necrópole; no entanto, a sua localização continua incerta.

Rocha da Pena é exemplo de uma estrutura muralhada de época pré e proto-histórica, onde foram encontrados machados de pedra polida e cerâmicas da Idade do Bronze/Ferro. A esta, está associado o conjunto de estelas de Salir, localizado perto da estrada que conecta o Barrocal e a Serra (Barros, Melro e Estrela, 2014:7-23). Em termos de ocupação romana e visigótica, na passagem do Barrocal para a Serra, existem menos informações sobre o

povoamento, contrariamente ao que é conhecido no litoral como: Cerro da Vila, Loulé Velho, Quarteira submersa e Quinta do Lago.

No sítio da Torrinha está localizada uma *Villa Romana* com o mesmo nome, de ocupação romana, até ao período visigótico. Do espólio recolhido encontram-se materiais de construção e cerâmica romana, como fundos de ânforas, conjuntos de *Sigillata* sud-gálica, hispânica e africana, assim como, produções da Fócia, em que a sua circulação remonta ao séc. VI. Em termos de materiais de época mais tardia estes consistem em bordos de potes, pucarinhos e pratos (Catarino, 1997/98a: 454).

Em termos de monumentos epigráficos de cronologia romana, a zona de incidência deste estudo, possui ocorrências deste tipo em povoações como S. Brás de Alportel, onde foram encontrados muitos fragmentados de epígrafes de cariz votivo. Em Boliqueime foi descoberta uma epígrafe mandada gravar por *Fonteius Philomusus*, encontrada na torre da Igreja de S.Clemente, reaproveitada para a construção da mesma, possivelmente já após a reconquista cristã na fase inicial da monarquia portuguesa, segundo Prof. Doutor José D'Encarnação (D'Encarnação, 2017:314).

Segundo informações orais, existiria um sítio arqueológico de cariz funerário de época romana em Salir. No entanto, estas informações nunca foram provadas nem desmentidas, encontrando-se no Museu Nacional de Arqueologia um pequeno conjunto de materiais provenientes, supostamente, deste local e do sítio de Mata dos Lobos (Pereira, 2017: 302-311).

Em relação à ocupação islâmica do território, época na qual se insere este estudo, Salir é um castelo importante, localizado numa posição extremamente estratégica, detendo acesso directo às principais cidades da zona do actual Algarve. A pouco mais de quinze km estava edificado o Castelo de Paderne, a sul a cidade de Loulé e a sudoeste Silves (fig.4).

A ocupação islâmica na zona da Serra e Barrocal, ficou marcada por um povoamento disperso, de comunidades rurais. Exemplo de tal são os sítios de Boavista e Fonte da Rata, de época califal e Cerro do Carrascal, alcaria contemporânea ao Castelo de Salir (Catarino, 1999/2000: 108).

Situado praticamente no centro do Algarve, entre a serra e o litoral, Salir estaria no cruzamento de dois eixos de comunicação de origem romana: um no sentido norte/sul, que partia de Almodôvar, passava a Serra do Malhão e Salir continuando para a ribeira de Pontes e

a ribeira de Algibre em direção à cidade de Loulé. Já o outro era de sentido este /oeste, que partia de Barranco do Velho, atravessando Salir, Benafim e Alte, ao chegar a S. Bartolomeu de Messines encontrava a estrada para Silves (Catarino, 1997/98b: 639, 640 e 648) (Rodrigues, 2004:76-77).

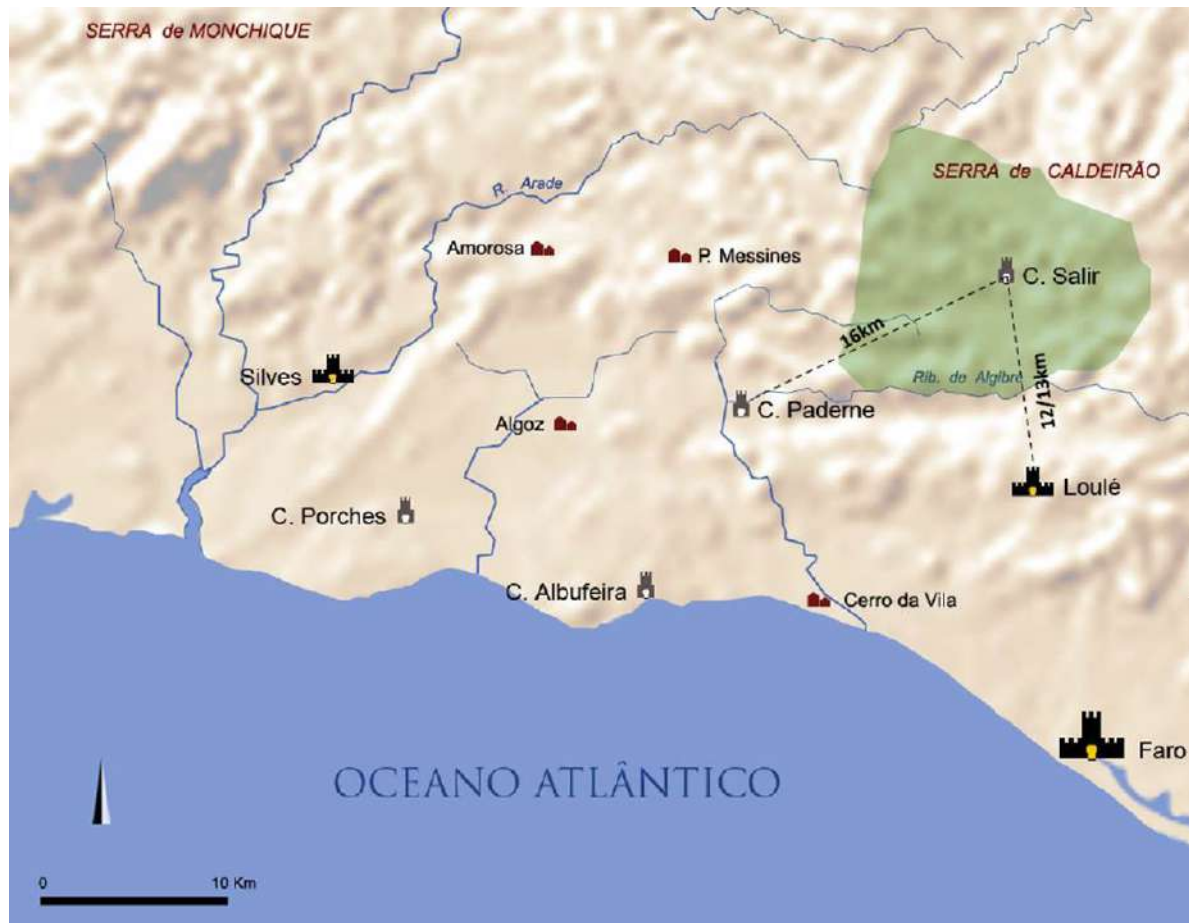


Fig. 4 Contextualização da localização do Castelo de Salir em época islâmica; imagem retirada de CATARINO, Helena (2017b) - O Castelo de Salir, Um distrito rural (Hisn e Qarya) Islâmico de Ocsonoba. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp.480.

O Castelo de Salir enquadra-se nas fortificações que, na época almóada, foram reconstruídas para a defesa da cidade de Loulé e para proteger as povoações que viviam nesta comarca rural. No entanto, a islamização deste local terá começado com uma pequena *alcaria* (aldeia) na época da transição do califado para os reinos de taifa, tendo estas começado a partir do séc. XI, no mundo islâmico. Teve ocupação almorávida, visível essencialmente nas cerâmicas como: candil (muito fragmentados) e tigelas vidradas com estampilhado no fundo (Catarino, 2017b: 489). Mas é a época almóada que mais impacto deixou nesta comunidade

com vestígios que caracterizam não só a forma de viver da população na época, como a forma de se defender contra os inimigos que cada vez mais se aproximavam.

É a partir da época almóada que a população em Salir aumenta exponencialmente vivendo a grande parte na área amuralhada. Assim, o povoado apresenta no interior das muralhas quatro fases distintas, sendo a primeira a pré-almóada com a muralha em duplo paramentos e a presença de silos dentro desta. A segunda, agora de época almóada, com edificação de habitações de pátio e silos de armazenamento, transformados posteriormente em lixeiras. Na terceira fase, dá-se a o abandono destas habitações, com a reconquista deste território, e a sua degradação, sendo a última fase referente às construções, agora de época tardo-medieval e moderna que reaproveitam as fundações de habitações almóadas para a edificação das suas.

Este foi conquistado entre os anos de 1248/49, pelo exército da Ordem de Santiago, que, com a chegada do rei D. Afonso III, prosseguiram juntos para a conquista do território de Loulé e Faro. Loulé, após o cerco e conseqüente queda da cidade de Faro, terá, possivelmente, chegado a acordo para a rendição da cidade.

Com o fim da utilização do Castelo de Salir na defesa do território contra as investidas dos reis cristãos, este acaba por ser abandonado, continuando a população a habitar o local, sendo descrito o estado deste em documentos oficiais do séc. XVI, escritos por Frei João de S. José e Fernandes Serrão (Oliveira, 2017:574-576).

No séc. XVIII, a freguesia de Salir, detinha setenta e cinco lugares adjacentes de pequena dimensão, onde residiam poucos moradores, por vezes só dois ou três numa localidade.

Em 1755, deu-se um grande terramoto que afetou gravemente a zona, destruindo diversas habitações e danificando gravemente a zona da Igreja. Assim, três anos depois, o Prior Manuel Soares Pinto, residente em Salir, descreve o estado da sua paróquia, relato presente nas Memórias Paroquias da zona referidas por Helena Catarino (Catarino, 1997/98a:457).

Presentemente, e apesar de se encontrarem num estado de conservação bastante deteriorado, ainda é possível observar elementos deste grande complexo defensivo, tais como os traços de muralha, e as quatro torres, sendo uma das quais albarrã.

É impossível definir, de forma exata, as dimensões e a configuração do Castelo, visto que as construções modernas reaproveitaram ou demoliram as de época. No entanto, as escavações revelaram seqüências de ocupação com estruturas e espólio que ajudam a caracterizar o quotidiano da população que residia neste local. Em seguida estes serão analisados no capítulo quatro, descrevendo a sua importância na construção da narrativa histórica que, ainda está por concluir (fig.5) .

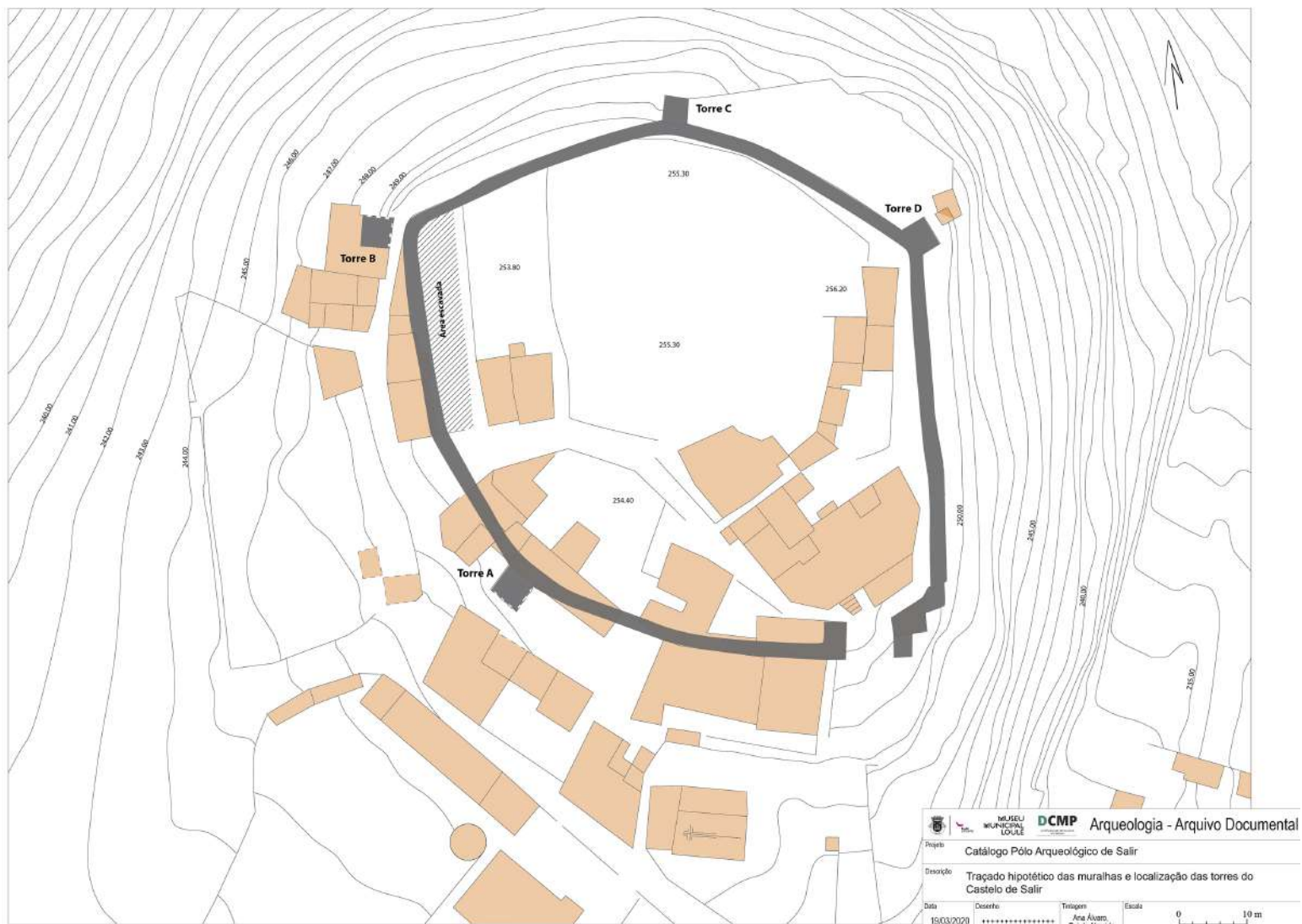


Fig. 5 Planta do Castelo de Salir (hipótese adaptada de Catarino, 1997/98c: 1179, Est. XCVI)

3.3. Trabalhos Arqueológicos

Salir é um local com um potencial histórico imenso, como está explanado nos subcapítulos anteriores. Assim não foi nenhuma surpresa que a autarquia de Loulé, juntamente com a de Albufeira, tenha elaborado um pedido ao IPPC (Instituto Português do Património Cultural), actual Direção Geral do Património Cultural (DGPC), para a investigação, restauro e recuperação das fortificações presentes nos seus territórios, sendo no caso de Loulé, o Castelo de Salir.

Em 1986, a então vereadora da Cultura de Loulé, pede colaboração ao Museu Monográfico de Conímbriga, para auxiliar os trabalhos no Castelo de Salir, começando nesse ano, sob a direção do Doutor António de Freitas Tavares, com um Projeto de estudo, consolidação e restauro dos Castelos (Portal do Arqueólogo, Conservação e Restauro de 1986).

No ano seguinte, 1987, Helena Catarino dirige um projeto de Estudo do povoamento muçulmano no Algarve Central e Oriental: Alcarias e Núcleos Fortificados, elaborando trabalhos de prospeção e escavação no Cerro do Castelo das Relíquias (1989-1995), Castelo Velho de Alcoutim (1987-1993), Castelo de Altamora (1987-1995) e no Castelo de Salir desde 1987 a 1994 (Portal do Arqueólogo, Projeto Estudo do povoamento muçulmano no Algarve Central e Oriental: Alcarias e Núcleos Fortificados).

A Câmara Municipal de Loulé adquiriu o terreno onde estavam presentes estruturas em ruínas e zonas de horta. O objectivo destes primeiros trabalhos arqueológicos consistia em definir a linha de muralha, identificar conexões entre as estruturas e os níveis arqueológicos, averiguar o período de ocupação e o abandono da área, não descurando na consolidação de estruturas que ainda se mantinham a descoberto (Catarino, 1997/98a: 459). Assim, foi elaborado um ponto de situação, averiguando o estado de conservação do local. Os trabalhos consistiram na abertura de sondagem que deram seguimento aos trabalhos de escavação, limpeza das torres e ensaios de impregnação de tetroxisilano em solução etílica para consolidação das estruturas.

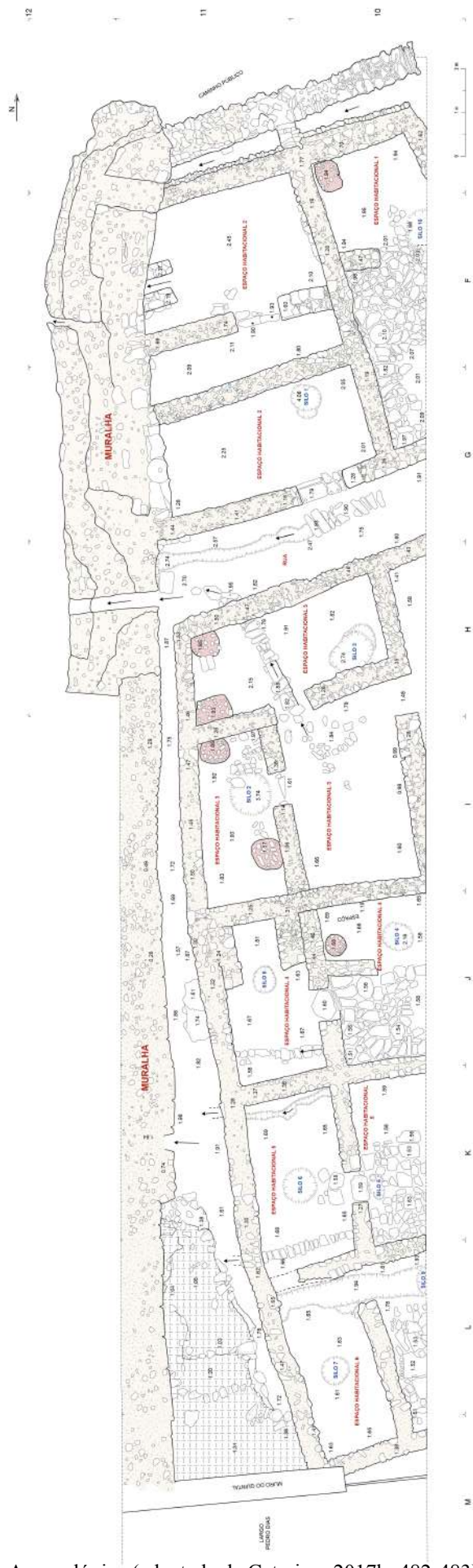
A escavação foi elaborada num esquema de quadriculado, numa área de 64 m², com orientação norte/sul, em quatro quadrículas de 4x4m e banquetes de 1m, sendo esta marcada por algumas dificuldades devido às condições do terreno e dos seus acessos. Contudo, os



resultados destas escavações foram muito restritos e não forneceram dados decisivos. Devido à área dos trabalhos ser bastante reduzida, não foi possível identificar uma unidade habitacional completa (fig.6).

No ano de 1988, foram realizadas prospeções, com o objectivo de identificar a necrópole islâmica e o povoado anterior à época almóada. Foram, assim, prospectados a *Villa Romana da Torrinha*, o sítio da Bela Vista, Fonte da Rata 1 e 2, Monte do Carrascal e Almarjão de Benafim, não sendo possível identificar nenhum dos locais propostos, continuando no desconhecido (Catarino, 1999/00: 103-106).

Os trabalhos tiveram continuidade (sob a direcção de Helena Catarino) até ao ano de 1998, tendo sido desenvolvidas actividades de limpeza no âmbito da musealização do local. Recentemente (2005 a 2011), foram realizadas sondagens sob a responsabilidade do Doutor Rui Pedro Alves Barbosa (2005) e das Doutoras Ana Maria Duarte Santos Gonçalves e Maria Cidália Gonçalves de Matos (2009- 2011) (Portal do Arqueólogo, Castelo de Salir).




Com o espólio recolhido nos diversos trabalhos realizados e encontrados nas coleções particulares, foi inaugurado em 2006 um Pólo Museológico edificado sobre a área intervencionada, que pretende educar a comunidade e os visitantes para o passado daquele local, detendo, para além de objectos arqueológicos, maquetes e placares explicativos (fig. 7 e 8).





Arqueologia - Arquivo Documental

Planta Composta das Estruturas do Castelo de Salir

Legenda

 Taipa
  Lareira
  Canalização

Data 19/03/2020
 Desenho Helena Catarino, Antonieta Carneiro
 Titulação Ana Álvaro, Rui de Almeida
 Escala 0 1m 2m

Fig. 6 Planta da Escavação Arqueológica (adaptada de Catarino, 2017b: 482-483)



Fig. 7 Foto de uma vitrina do Pólo Museológico de Salir (autoria de Helena Catarino)



Fig. 8 Planta do Pólo Museológico de Salir e estruturas islâmicas

4. O Estudo das Materialidades Arqueológicas

4.0. Organização do conjunto em estudo

Este capítulo consiste no estudo de materiais provenientes das escavações realizadas por Helena Catarino, durante os anos de 1987 a 1998. Assim, de todo o material recolhido e tratado, este foi dividido e exposto tanto no Museu do Núcleo Sede em Loulé, como no Pólo Museológico de Salir que, como referido anteriormente no subcapítulo 3.3., é dedicado ao espólio proveniente do sítio de Salir, em especial do seu Castelo.

Neste estudo estão presentes todo o tipo de material, desde cerâmico a metálico e outros, sendo possível albergar com maior amplitude os objectos em estudo. Foram assim incorporados no presente relatório materiais que pertenceram aos pólos referidos anteriormente, como também provenientes de uma grande exposição intitulada de “Loulé. Territórios, Memórias e Identidades.”, realizada no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa, nos anos de 2017 até 2019. Com o regresso desta exposição ao Museu de Loulé, tornou-se assim o momento mais apropriado para o devido estudo e organização destes materiais.

Foram assim, definidos protocolos descritivos para a realização de um estudo organizado e coerente dos objectos em questão. Estes foram divididos por categorias formais e funcionais, consoante referências bibliográficas de locais com realidades idênticas às do Castelo de Salir. Assim, após a sua divisão de cariz funcional, formaram-se grupos morfológicos, sendo os descritores utilizados, o tipo de bordo, colo, parede, corpo, fundo e asa (no caso de estar presente); é também alvo de referência o tipo de pasta, calibre de elementos não plásticos (ENP), tratamento de superfície, decoração utilizada e as dimensões da peça. Estas foram retificadas aquando a verificação dos dados nas fichas de inventário do Museu de Loulé, sendo medidos o seu diâmetro máximo (DM), diâmetro do bordo (DB), espessura da asa (EA), diâmetro do fundo (DF), espessura do pé (EP), altura (A), espessura do bordo (EB) e, quando necessário, o comprimento (C) e a espessura máxima (EA); explicito na figura abaixo (fig. 9).

A cronologia em muitos casos já se encontrava previamente estabelecida de estudos anteriores, no entanto, em outros que tal não acontecia, foi estabelecida, muito graças à

bibliografia de referência para este estudo de Helena Catarino, elaborado em 1997/98 para a revista *Al-Úlyà* da Câmara Municipal de Loulé (dividido em três exemplares, onde explicita de forma bastante exaustiva a escavação no Castelo de Salir), ou através da identificação de paralelos que forneceu também um auxílio valioso para a sua divisão em grupos morfológicos.

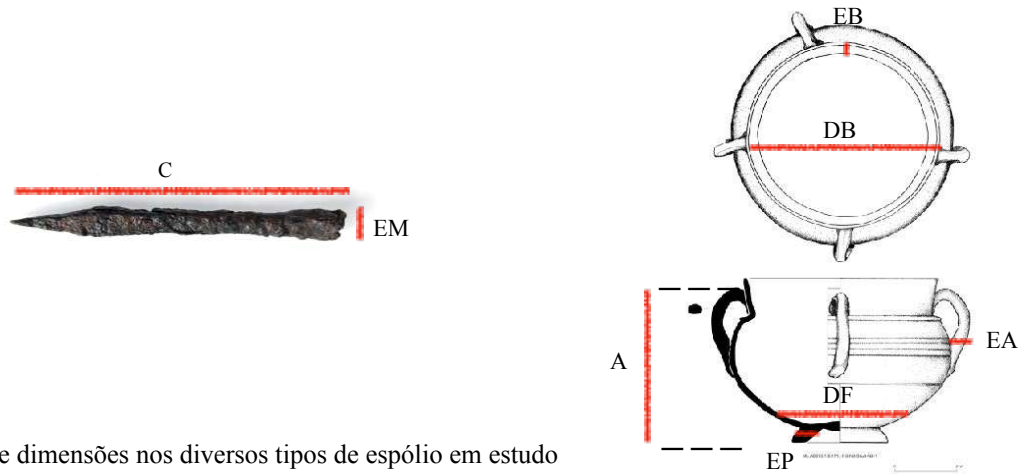


Figura 9: Esquema de dimensões nos diversos tipos de espólio em estudo

4.1. Formas e Funções do Espólio

Como referido anteriormente, para o estudo dos materiais foi determinante o uso de referências bibliográficas, como base metodológica para a elaboração dos conteúdos. Podemos frisar, pela sua importância, a obra de Guillermo Rosselló “*El Nombre de las Cosas en All-Andalus. Una propuesta de Terminología Cerámica.*”; o projecto do grupo CIGA, que visa sistematizar a cerâmica no Gharb Al-Andaluz (Bugalhão *et al*, 2010); a obra sobre “*Cerâmica islâmica da Alcáçova de Santarém*”, de Cristina Silva; o estudo da cerâmica islâmica de Mértola, de Susana Gómez Martínez, e a sistematização das “*Cerâmicas Medievais e Pós-Medievais, métodos e resultados para o seu estudo*”, em colaboração com Cláudio Torres e Manuela Ferreira. Foi também crucial a utilização do estudo realizado por Sandra Cavaco, sobre Tavira islâmica, centrando-se em materiais do Arrabalde da Bela Fria, sendo base para a apresentação formal do conteúdo. Por último, o mais importante dos documentos utilizados foi a obra de Helena Catarino, publicada na revista Al-Úlyá com o título “*O Algarve Oriental durante a ocupação Islâmica*”, que alberga os conteúdos das escavações realizadas ao Castelo Velho de Alcoutim, Castelo das Relíquias e ao de Salir, bem como o catálogo da exposição de Salir, também da autoria de Helena Catarino, intitulado de “*Cerâmicas Islâmicas do Castelo de Salir*”, publicado em 1992.

Como não estão presentes somente materiais cerâmicos neste estudo, foi necessário identificar bibliografia adequada para a sua elaboração. Assim, como base metodológica foi tomada a obra “*Pera Guerrear. Armamento Medieval no Espaço Português*” de Mário Jorge Barroca e José Gouveia Monteiro e o catálogo da exposição presente no Museu Nacional de Arqueologia “*Loulé. Território, Memórias e Identidades*”.

4.1.1. Cerâmicas de Cozinha

Este tipo de recipientes está ligado a um espaço muito específico, a cozinha, agrupam-se assim objetos de formas diversas, mas com uma função semelhante, a preparação de alimentos ou a sua confecção ao lume (Gómez Martínez, 2004: 262).

Segundo o grupo CIGA, os principais constituintes desta categoria são panelas, caçoilas, alguidares, almofarizes, fogareiros e funis (Bugalhão, *et al*, 2010:460). No entanto, no decorrer do estudo foram identificados objectos que detinham uma dupla funcionalidade sendo utilizados em contextos não só de cozinha, levando à criação de novas categorias. No final, como integrantes nesta ficaram as panelas e as caçoilas, formando assim um total de 22 peças (18% do espólio em estudo), estando divididas em vários grupos morfológicos.

- **Panelas**

O presente objecto é um recipiente fechado, de corpo globular, ovóide ou bitroncocónico; com colo diferenciado, podendo deter bordo de tamanho médio, facilmente coberto com uma tampa; possuindo uma ou duas asas, fundo plano ou levemente abaulado (Torres, Gómez e Ferreira, 2003:127). Eram usados para confeccionar alimentos através de processos como as cozeduras, guisados e caldos, sendo objectos que seriam de uso único (maioritariamente), visto que sua limpeza e composição, poderia comprometer os alimentos (Cavaco, 2011:99).

QIDR, TANYIR ou BURMA seriam as nomenclaturas utilizadas em época islâmica para este tipo de objectos. Já nas referências espanholas que estudam estes materiais são recorrentes os termos de *olla* ou *marmita*. No entanto, existe alguma relutância em utilizar alguns destes termos, visto que diferem da realidade actual do contexto português, tendo sido criados no idioma catalão ou castelhano (Rosselló-Bordoy, 1991: 168). Isto acontece com o termo *marmita*, que no português contemporâneo não está associado a um objeto que esteja em contacto com fogo, mas sim a um recipiente de transporte de alimentos confeccionados ou por confeccionar.

O termo panela já existe desde época medieval, seria o objecto de primazia em contextos domésticos, sendo o mais utilizado e abundante na maioria do espólio arqueológico (Catarino, 1997/98b: 761). Estes são comuns nestes cenários, devido ao uso frequente no

quotidiano e também às condições a que eram submetidas (calor intenso) que enfraqueciam as peças sendo estas mais susceptíveis a quebrar. Do espólio recolhido no contexto das escavações no Castelo de Salir, foi possível, na maioria dos casos, uma reconstituição integral das mesmas.

Esta categoria é composta por 15 objectos, tendo sido formados dois grupos com base nas suas características morfológicas.

As panelas que constituem o primeiro grupo são identificadas pelo número de inventário ML.A0617, ML.A0640, ML.A0641 e ML.A0647, tendo sido recolhidas nos níveis 3 e 6 dos quadrados I11, J11 (Silo oito) e F10 (Silo dez), L10 (Silo sete). No que diz respeito às características morfológicas destas, estão presentes os bordos planos/retos (3) e bordos triangulares engrossados (1), com colo cilíndrico (3) ou evasé (1), corpo globular (2) e ovóide (2), fundo plano (3) ou abaulado (1). Estas detêm duas asas com início no colo e fim no limite máximo do bojo (4), sendo todas de secção oval.

Em termos de pasta esta é maioritariamente homogénea, com elementos não plásticos (ENP) de calibre fino (1), fino a médio (2) ou médio (1), de superfície alisada (4), tendo sido criadas com a utilização de técnicas a torno rápido (4).

A decoração é recorrente neste grupo, sendo utilizadas as caneluras no bojo (1), no colo e no bojo (1) e no colo e no ombro (1). Existem também dois exemplares de decoração pintada, com traços na horizontal a branco na zona da asa e traços verticais e horizontais a branco na zona do bojo (ML.A0641). A digitação (contínua) a branco com o indicador e o dedo médio na zona do ombro/bojo está presente também neste grupo, no elemento ML.A0640.

As peças variam entre os 13,8cm até aos 21,5cm de altura e os 17,6cm aos 24,3cm de diâmetro máximo, detendo uma utilização recorrente na época califal, tornando-se um clássico nos reinos de taifas e na época almorávida, tendo um decréscimo da sua utilização na época almóada (Catarino, 1997b: 762-763). Estes exemplares possuem paralelos em Vale do Bôto (Catarino, 1988: EST. XIV), Alcaria Longa (Boone, 1993:117), Murcia (Navarro Palazón, 1991:126), Mértola (Torres, 1991: 508) e Cerca do Convento, Loulé (Luzia, 2003: 61).

O segundo grupo é constituído por 11 indivíduos, identificados pelo número de inventário ML.B1184, ML.A0639, ML.A0644, ML.A0645, ML.A0646, ML.A0650,

ML.A0652, ML.A0655, ML.A0656, ML.A2613 e ML.A9280. Foram recolhidas nos níveis 2 e 3 dos quadrados E10/F10, F10/F11, F10 (silo 10), F11, G11, H11, J11 (silo 8), K10, K11 (silo 6) e L10 (silo 9).

Em termos morfológicos este conjunto tem bordos arredondados (4), planos (2), verticais ligeiramente espessados (1), adelgaçantes (1), boleados (1) e espessados para o exterior (2). Quanto ao colo existem variações como: cilíndrico (2), sendo um alto; curto (8), sendo convexos (3) ou com estrangulamento (1); em gola (1). É recorrente o corpo ser tendencialmente globular (10) dos quais achatados (3) e globular/ ovóide achatado (1); ou em gola (1). O fundo é maioritariamente abaulado (4), existindo casos de convexo (3), plano (4) dos quais irregular (1). As asas partem do ombro (10) ou do colo (1), sendo a maioria de secção oval (10) ou circular (1).

A pasta é frequentemente homogénea, existindo somente um caso em que tal não acontece. É assim compreensível a razão da maior parte das peças aqui apresentadas possuírem ENP de calibre fino (2), fino a médio (8) ou médio a grosso (1), com superfície rugosa (2), engobe (1) ou alisada (8). O torno rápido (11) é a técnicas mais utilizada para o fabrico destes objetos.

Grande parte do espólio em questão apresenta decoração de algum tipo, sendo a pintura a técnica mais usual (8), podendo encontrar-se na zona do bordo (1), colo (2), asa (1) e bojo (7), sendo recorrente a sua presença em mais que um sítio na mesma peça. As caneluras também estão presentes neste tipo de objecto, estando localizadas com maior frequência na zona do bojo (5), ombro (1); foi possível identificar um exemplar de uma decoração incisiva neste grupo. Estas decorações encontram-se muitas vezes associadas na mesma peça, sendo usual existirem indivíduos com a presença várias técnicas decorativas.

Em termos de dimensão estes objectos detêm uma altura que varia entre os 8,1cm e os 22cm e um diâmetro máximo, entre os 10,2cm aos 31,1cm.

Estas são formas típicas entre os séc. XII a XIII (período almóada), apresentando paralelos em Niebla (Pérez e Beida, 1993: 57), Murcia (Navarro Palazon, 1986: 60), Mesas do Castelinho, Almodôvar (Fabião e Guerra, 1993:95) e Silves (Gomes, 1988: 159).

• Caçoilas

A presente categoria é constituída por objectos de confecção de alimentos, que contactam diretamente com o fogo, sendo usados para fazer guisados e cozinhados em lume brando. Em termos morfológicos podemos caracterizar as peças como tendo maioritariamente uma forma aberta, de paredes baixas e boca larga, podendo ter pequenos apêndices/asas para auxiliar no manuseamento das mesmas, com perfil de secção oval ou fitiforme. O bordo é afeiçoado, para conseguir receber uma tampa e os fundos são abaulados (Silva, 2011: 71).

Pertencente ao grupo de *cazuela* ou *cassola* de Rosselló-Bordoy, deriva do termo em árabe QAS'A ou TÁYIN (Rosselló-Bordoy, 1991:169). Segundo Cláudio Torres, Susana Gómez e Manuela Ferreira, existem dúvidas em relação à origem da palavra, sendo que assumem que esta se relaciona com *cace* ou *caço*, termo usado para se referir a uma colher grande ou colher de sopa, no sul de Portugal. É possível que tenha sido adaptado ao longo do tempo a partir do termo grego *CATTIA*, onde foi posteriormente adicionado o prefixo -ola, que os moçárabes terão adaptado para -oila (Torres, Gómez e Ferreira, 2003:127).

A difusão destas formas teve início nos reinos de taifa do sudeste de Al-Andaluz, sendo depois utilizada de forma numerosa em época almóada (Gómez Martínez, 2001: 67), sendo que, com o séc. XII é difundida a utilização do vidro neste tipo de recipientes, oferecendo assim uma maior higienização e uma maior durabilidade. É também a partir desta que são recorrentes as caçoilas de “costillas”, com aplicações plásticas verticais de secção triangular, que podem estar associadas a tratamentos vidrados transparentes ou melado acastanhado (Gonçalves, et al., 2013: 1027), estas aplicações para além da função estética irradiam calor (exemplo desta ML.A0618) (Cavaco, 2011:101).

Esta categoria é constituída por sete elementos divididos em dois grupos consoante as suas características morfológicas.

O grupo um é constituído por caçoilas do tipo vidradas, sendo elas ML.A0618 e ML.A0665, tendo sido recolhidas nos níveis 2 e 3 dos quadrados F11 e G11.

Em relação à sua morfologia estão presentes os bordos de cariz arredondado, com ligeiro ressalto externo ou em aba convexa. As paredes apresenta-se rectilíneas divergentes ou curvo convexas (com duas asas pequenas na horizontal), o fundo é convexo ou abaulado.

Os ENP são finos (1) ou finos a médios (1), resultando numa pasta homogénea, com superfícies em vidro melado por toda a peça (2). A técnica utilizada para o fabrico destes objetos é o torno rápido (2).

A decoração presente nestas são as caneluras nas paredes exteriores da peça, junto ao bordo (1) e os cordões plásticos verticais característicos das caçoilas de “costillas” (ML.A0618), sendo que ambas possuem vidro exterior (2).

Estas peças possuem em dimensão 5,9cm e 7,9cm de altura, detendo 22,4cm e 24,0cm de diâmetro máximo. Características do período almóada, séc. XII a XIII, possuem paralelos em Alcácer do Sal (Carvalho e Faria, 1994:180), Niebla (Pérez et al, 1993:57) e Silves (Gomes, 1988: 260 e Gomes, 1991:399).

Já o grupo dois, apresenta o conjunto de caçoilas não vidradas com e sem asas. Fazem parte deste os indivíduos: ML.A0635, ML.A0658, ML.A0664, ML.A0662, detendo duas asas ML.A2681. Estes objetos foram recolhidos nos níveis 3 e 6, nos quadrados F10 (silo10), F11, H10, I11 e J11 (silo 8).

A morfologia do espólio deste conjunto apresenta algumas variações, sendo possível identificar bordos direitos (1), com leve inflexão externa (1), boleados (3), dos quais um é boleado triangular. As paredes apresentam-se curvas (3), sendo uma curvo convexa; rectilíneas divergentes (1) e convergentes (1), estando presente um exemplar com duas asas verticais. Os fundos apresentam-se planos (3) ou abaulados (2).

Em relação à pasta utilizada, são frequentes os ENP de calibre fino a médio (3), estando também presentes os de calibre médio (1) e médio a grosso (1). Podemos assim concluir que a maioria das pastas seriam homogéneas, com superfície alisada (4), uma com brunido interno; ou rugosa (1). A técnica utilizada para o fabrico dos elementos deste grupo era o torno rápido.

As dimensões destes variavam os 7,2cm aos 10,2cm de altura e os 22,4cm aos 33,8cm de diâmetro máximo, sendo que a sua utilização é recorrente no período almóada, em contextos do séc. XII a XIII. Os elementos que não incluem asas possuem paralelos em Silves (Gomes, 1991:395), Beja (Correia, 1991:384), Vale do Bôto, Castro Marim (Catarino, 1988:Est.X) e Cidade das Rosas, Serpa (Retuerce Velaso, 1986:87). Já o exemplar com asas, ML.A2681, detém paralelos em Palmela (Fernandes, 1998:247) e Beja (Correia, 1991:383).

4.1.2. Cerâmica de Mesa

Segundo Susana Gómez Martínez, em *La Cerámica islámica de Mértola*, as cerâmicas de mesa são considerados objectos adequados para melhor servir os alimentos confeccionados na mesa (Gómez Martínez, 2004:267). Usualmente de maior qualidade possuem um tamanho variado, desde pequenos até médio, com uma decoração mais elaborada, sendo recorrentes os vidrados, as pinturas e as caneluras, utilizando cores e formas mais apelativas.

Até ao séc. XI é usual a utilização dos mesmos recipientes por toda a família, sendo que os mesmos necessitavam de deter um tamanho considerável para tal feito. No entanto, é a partir desta época que surgem objectos de uso individual como acontece com os copos, pratos e jarrinhas de duas asas (Cavaco, 2011:104).

Os constituintes desta categoria foram definidos pelo Grupo CIGA, tais como taças, tigelas, jarras, bilhas, copos, pratos e garrafas, não estando presentes os últimos três neste estudo. Constituída por 15 indivíduos, compondo cerca de 12% do espólio total, sendo divididos por quatro grupos, baseados na sua forma e função desempenhada.

- **Tacinhas**

Parte integrante do conjunto de serviço de mesa, sendo considerada uma tigela de tamanho reduzido. Tacinha é um termo português de origem duvidosa sendo, por vários autores tida como uma nomenclatura derivada do termo árabe *YAFNA* (Rosselló-Bordoy, 1991:167). Esta detinha a mesma função de uma tigela, apresentando os alimentos na mesa. No entanto alguns autores defendem que, poderia ter sido usada como objecto de beber, graças às influências do estudo das cerâmicas chinesas, que possuem objectos semelhantes a executar esta função (Gómez Martínez, 2004: 268-269).

É descrita pelo Grupo CIGA como uma “Forma aberta, de corpo semi-esférico de reduzidas dimensões (diâmetro da boca inferior a 150 mm).” (Bugalhão *et al*, 2010: 461).

No espólio em estudo, só se encontra um exemplar ML.A0663, recolhido no nível quatro da quadrícula L10 (silo nove). Este apresenta uma morfologia de bordo boleado direito, com paredes curvo-convexas, de corpo ligeiramente carenado e com fundo plano. É possível que esta tenha sido um fundo de jarrinha reaproveitado na forma de uma taça.

A pasta presente neste objecto detém ENP de calibre fino a médio, sendo uma pasta homogénea, com a superfície alisada, tendo como técnica de fabrico o torno rápido. Em termos de decoração, está presente a pintura na zona do bordo, com pequenos traços que percorrem toda a sua largura. As suas dimensões variam entre os 3,2cm de altura e os 9,8cm de diâmetro do bordo (que é também o diâmetro máximo desta).

O objecto em questão é recorrente entre os séc. XII-XIV, com paralelos nas cidades de Palmela (Fernandes, 1998:245-246) e Silves (Gomes e Gomes, 1991:155).

• Tigelas

Tigela vem do termo latim *TEGELLA*, que a partir do séc. XIV, acaba por se tornar na nomenclatura atualmente utilizada (Gómez Martinez, 2004: 267-268). Nos tempos árabes este objecto era intitulado de *SAHFA*, documentado desde o séc. XI (Silva, 2011:45).

É uma peça com uma tipologia altamente variada transformando-se ao longo do tempo (Rosselló-Bordoy, 1991:167). No entanto, existem características básicas que se mantêm em todas as transformações morfológicas, como os corpos amplos semi-esféricos, a boca larga (superior a 150mm) e o diâmetro maior que a altura da peça (Bugalhão *et al*, 2010:461). Em termos decorativos podem apresentar diversos tipos de acabamento de superfícies e decoração.

Enquanto parte integrante do serviço de mesa, a tigela desempenhavam um papel de expositor de alimentos, sendo que os maiores detinham funções iguais às travessas actuais e os mais pequenos seriam usados como pratos individuais, para colocar pequenas frutas e/ou frutos secos, ou mesmo líquidos (Catarino, 1997/98b:771-772).

Existindo em muita quantidade, as tigelas tomaram um papel essencial na mesa islâmica, sendo centro de qualquer refeição. Este conjunto da categoria de cerâmicas de mesa, corresponde a três indivíduos. Devido às suas diferenças morfológicas, foram divididos em dois grupos, sendo o primeiro grupo representativo das tigelas vidradas e o segundo das não vidradas.

Quanto ao primeiro grupo, correspondem os elementos ML.A0660 e ML.A0666, tendo sido recolhidos ambos no nível três, nas quadrículas F11 e K10.

Em termos morfológicos estão presentes neste grupo, os bordos arredondados com inflexão externas ou boleados, com paredes carenadas ou rectilíneas até ao meio do corpo e curvo convexas em ligação ao fundo. Estes detêm pé anelar, sendo um deles trapezoidal.

As pastas presentes nestes elementos são homogéneas, com ENP de calibre fino a médio (2), com as superfícies vidradas de cor melado escuro. A técnica utilizada para o fabrico destas peças é o torno rápido (2), com decoração vidrada nas paredes (2).

Em relação ao tamanho dos elementos deste grupo, estes possuem 5,9cm e 12cm de altura, detendo como diâmetro máximo 18,2cm e 31,8cm.

O segundo grupo é constituído somente por um elemento, ML.A0638, que foi recolhido no nível três da quadrícula H10. O objecto, embora apresente uma morfologia idêntica às anteriores com bordo espessado externo, corpo carenado, com fundo em pé anelar e decoração com incisões no bojo não possui, no entanto, qualquer tipo de tratamento da superfície.

A pasta, tal o mencionado no primeiro grupo apresenta ENP de calibre fino a médio, sendo um pasta homogénea, com uma técnica de fabrico a torno rápido. Em termos de dimensão esta detém 9,5cm de altura por 29,5cm de diâmetro.

As forma em questão tiveram uma grande incidência abundante em Al-Andaluz, entre os séc. X a XIII, com diversas variantes. No entanto, as que possuem tratamento vidrado detêm paralelos em Badajoz (Váldes Fernandes, 1985: 311), Beja (Correia, 1991:384), Montinho das Laranjeiras (Coutinho, 1993: 39-54), Vale do Bôto (Catarino, 1988: EXT.XI), Silves (Gomes,1988: 227-229) e São Clemente (Catarino, 2017a:510). Já os paralelos referentes à peça não vidrada estão situados em Silves (Gomes, 1991:10).

• Jarra

De denominação *Barrada* em contexto árabe (Rosselló-Bordoy, 1991:165), a jarra é assim um objecto de forma fechada, de tamanho médio, colo diferenciado e largo (tal como a boca), corpo tendencialmente globular, com duas asas ou mais (Bugalhão *et al*, 2010: 461). Estas detinham frequentemente decoração associada, em especial com a utilização da técnica pintada.

Para uma maior distinção na língua portuguesa foi criada a nomenclatura jarrinha (*^YARRA*), para distinguir as de menor tamanho, que serviriam como objecto de uso

individual, já que o termo jarra pressupõe o transporte de alguma quantidade de líquidos para a mesa (Silva, 2011:51). Segundo o Grupo CIGA, este é um objecto complexo em termos formais, técnicos e decorativos, detendo uma grande diversidade de variações que começam em especial no séc. XIII (Bugalhão, *et al*, 2019:365). Esta é a maior categoria de recipientes cerâmicos de mesa correspondendo a nove indivíduos, estando dividido em quatro grupos, com base nas características morfológicas dos elementos que o constituem.

O primeiro grupo, é composto pelos elementos ML.A0611, ML.A0612, ML.A0668 e ML.A0669, tendo sido recolhidos dos níveis seis das quadrículas F10 (Silo 10), F11 e J11 (Silo oito). Em termos de morfologia estes classificam-se como tendo bordo recto (2) ou boleado (2), com colo cilíndrico (4), corpo globular (4) e fundo plano (4). Apresentam em todas as peças duas asas de secção circular que arrancam do colo e terminam no diâmetro máximo do bojo.

A pasta destes objectos é bastante homogénea, com ENP de calibre fino (3) ou de fino a médio (1) com superfície alisada (4). Quanto à técnica utilizada para o fabrico destes objectos, é identificado maioritariamente o torno rápido. Já a decoração é uma constante neste grupo com a utilização da pintura (a branco (3) ou a óxido de manganês) na zona do ombro (1), colo (4) e bojo (4), maioritariamente de cariz geométrico com linhas rectas que contornam a peça na horizontal e/ou na vertical. Na peça ML.A0611 é possível constatar a existência de pintado a branco entre os traços no colo e no bojo, com a presença de um símbolo ainda por identificar nessa zona.

Este grupo, apresenta dimensões variadas detendo de altura entre 12,6cm a 14,5cm e diâmetro máximo de 11,8cm a 17,3cm. Enquadra-se, assim, no grupo um do Grupo CIGA no seu estudo de Serviço de Mesa para Líquidos no Al-Andalus (Bugalhão *et al.*, 2019: 364).

Estes seriam uma forma muito comum entre os séc. XI a XIII, com diversas variantes formais e combinações técnicas. Possuem paralelos em Vale do Bôto (Catarino, 1988: EST. VII), Cádiz (Sánchez-Molero, 2009-2010: 38) e Santa Olaia, Figueira da Foz (Nazaré, 2013: 145).

O grupo dois é constituído por um único elemento, ML.A0616, recolhido no nível seis, na quadrícula J11 (Silo oito). Tem presente um bordo espessado para o exterior, com um colo cilíndrico alto, corpo globular, asas de secção circular com início no ombro terminando

no bojo e um fundo plano. Em relação à pasta esta é homogénea com ENP de calibre fino a médio, de superfície alisada, fabrico a torno rápido, com decoração em caneluras no ombro.

Esta peça mede 22cm de altura e possui um diâmetro máximo de 21,2cm, sendo frequente o seu uso em contextos do séc. XII a XIII, detendo paralelos em Faro (Gonçalves e Dias, 2010:569) e Cacela-a-Velha (Garcia, 2015:290).

O terceiro grupo é constituído por um só elemento ML.A0673, recolhido no nível seis da quadrícula H10 (silo três), durante as escavações arqueológicas. Este elemento é considerado um fóssil director devido às suas características singulares como: bordo direito, de colo evasé, corpo globular e fundo em pé anelar. No entanto, esta detém quatro asas com arranque no ombro que findam no diâmetro máximo do bojo.

De pasta creme amarelado (casca de ovo), possui uma textura homogénea com ENP de calibre fino a médio, uma superfície com tratamento alisado, fabricada a torno rápido. Como decoração, foi possível identificar a presença de caneluras por toda a zona do ombro e bojo organizado em conjuntos de duas caneluras junto do ombro, tendo um conjunto de três e de um na zona do bojo. As dimensões desta peça variam entre os 10,5cm de altura e os 14,3cm de diâmetro máximo. Em termos de periodização esta peça é característica do séc. XII a XIII, com paralelos nas cidades de Mértola (Torres, 1991:501) e Silves (Gomes, 1998:272).

Por último, o grupo quatro possui dois elementos ML.A9277 e ML.A9279, que correspondem a duas jarrinhas encontradas nos níveis três e seis dos quadrados H10 e J11 (silo oito), características do séc. XII-XIII.

Infelizmente não foram recolhidos os seus bordos e colos sendo somente possível concluir que apresentam corpo globular, com fundo em pé anelar (sendo um colado na peça a partir de uma pequena corda). Somente um destes objectos possui arranques de asas, localizadas a meio do bojo (ML.A09277).

A pasta utilizada nestes é descrita como sendo homogénea, com ENP de calibres finos ou finos a médios, tendo superfície alisada (2) e técnica de fabrico a torno rápido (2). Em termos de ornamentação, ambas apresentam decoração pintada a branco, composta por traços finos a grossos que percorrem o diâmetro da peça ou por bandas paralelas preenchidas por traços diagonais em xadrez no interior.

O espólio em questão apresenta uma altura de 7,9cm e 8,6cm, detendo um diâmetro máximo de 12cm e 12,7cm. Em termos de paralelos, estes existem em Arrabalde da Bela Fria (Cavaco, 2011:XVI) e Cerca do Convento (Luzia, 1996: 65).

O último elemento do conjunto das jarras é a peça cerâmica ML.A9278, de difícil caracterização, não tendo sido possível colocá-la devidamente num grupo morfológico. Presume-se que esta poderá ser uma jarra, de colo alto com duas asas que começam no diâmetro máximo do bojo. Assim, não foi possível chegar a conclusões definitivas deixando em aberto possíveis paralelos e a cronologia, a qual se aponta para época islâmica, mais propriamente do séc. XII-XIII.

• **Bilha**

Da série *REDOMA* de Rosselló Bordoy, associada à palavra árabe de *RADŪMA* ou *KŪZ* (Rosselló-Bordoy, 1991:166) é, segundo o Grupo CIGA, uma forma fechada de tamanho pequeno ou médio, de corpo globular ou piriforme, colo e boca estreita, podendo ocasionalmente ter um bico de vazamento (Bugalhão *et al*, 2010: 460). Estas, por vezes, tinham associado superfícies vidradas, de cor melado (castanho e verde), com decoração pintada ou caneluras (Catarino, 1997/98a:497).

O termo bilha, pode ser utilizado em objectos que têm associados duas asas. Esta concepção vai contra as ideias espanholas que somente consideram que indivíduos que detenham mais que uma asa são jarras. Já a nomenclatura “REDOMAS” que está associada a objectos com só uma asa, corresponde em português a uma campânula de vidro que protege objectos delicados, complicando o estudo destes no contexto peninsular (Gómez Martinez, 2004: 272). Estes, serviam como galheteiro para armazenar azeite ou vinagre, colocando-os em exposição na mesa para facilitar o seu uso durante as refeições.

No contexto da escavação no Castelo de Salir, não foram identificados objectos deste tipo com muita frequência. A presente categoria é composta por dois elementos ML.A0615 e ML.A0674, tendo sido recolhidos no nível seis C, nos quadrados F10 (Silo dez) e J11 (Silo oito), no contexto da escavação.

Estes apresentam bordo plano ou direito, com colo alto (2), decorados com caneluras, de corpo globular ou ovóide alongado, com fundo plano ou em pé anelar.

As pastas destes objectos são bastante homogéneas (2), com ENP de calibre fino a médio (2), tendo sido fabricados a torno rápido (2). Em relação ao tratamento aplicado nas superfícies consistem no alisado (1) e vidrado (1), sendo este último tomado inclusive por decoração também presente neste conjunto (1). Possuem uma decoração à base de caneluras/reentrâncias, usualmente na zona do colo e no bojo.

Em termos de periodização deste tipo de espólio é recorrente a sua utilização entre os séc. XII a XIII, com paralelos na cidade de Mértola (Torres, Palma, Rego e Macias, 1991:505), Tavira (Cavaco, 2011: EST. XXXVIII), Moura (Macias, 1993: 132) e Murcia (Navarro Palazon, 1986: fig. 16 e 62).

4.1.3. Recipientes de Mesa e de Cozinha

Esta categoria alberga objectos com uma dupla função, tendo estes um papel fundamental tanto no contexto de cozinha como no de mesa. Assim, estão por diversas vezes em contacto directo com uma fonte quente, preparando infusões ou aquecendo outros líquidos, sendo a sua função principal servir líquidos (Catarino, 1997/98b:778).

Os elementos que formam este conjunto são os púcaros, estando por vezes associadas também as jarras. Estas não foram consideradas para este conjunto, visto não existirem evidências nas peças em estudo, que tenham tido funções de recipientes de cozinha.

No entanto, Rosselló-Bordoy considera o termo *IBRIQ* como a nomenclatura árabe para este tipo de peças (Rosselló-Bordoy, 1991:166). A designação de púcaro, deriva do latim *POCULUM*, que se modifica pelos moçárabes para *BÚCARO*, usado ainda hoje no Alentejo.

Estas peças detêm características muito específicas, estando presentes as formas fechadas, tendencialmente globulares, com a largura maior do que altura, possuindo pelo menos uma asa e podendo ter bico vertedor no bordo. Já as formas mais antigas têm um colo alto com caneluras, sendo utilizada a técnica de decoração pintada, com padrões geométricos (Bugalhão *et al*, 2010: 461). São consideradas, a partir do séc. X, como peças características das cerâmicas islâmicas tendo, a partir da época almorávida e almóada (séc. XII-XIII), tomado as formas que vão ser abaixo apresentadas (Ramos e Brazuna, 2007:539).

Do total de quatro peças que constituem este conjunto, compõe assim cerca de 3% do espólio em estudo. Este é constituído somente por um grupo morfológico com indivíduos recolhidos no contexto de escavação nos níveis cinco e seis, das quadrículas F11, H10 e J11 (silo oito).

Estes apresentam em termos morfológicos bordos boleados (1) e espessados para o exterior (3), sendo um triangular e dois com um bico vertedor (ML.A0613 e ML.A0614). Os tipos de colos presentes nestes objectos variam entre, o colo cilíndrico (3) e o em evasé; o corpo é globular (4), com asas e ovais (3), não existindo forma de caracterizar a asa do elemento ML.A0670, devido a esta não ter sido descoberta em contexto de escavação (restaurada posteriormente). Os fundos identificados caracterizam-se por planos (2) ou abaulados (2).

As pastas presentes para o fabrico do espólio acima referido, são homogéneas com ENP de calibre fino (1) ou fino a médio (3), detendo a superfície alisada (4), sendo fabricados

a torno rápido (4). As dimensões destas variam entre os valores de 11,3cm e 16,8cm de altura e entre os 12,7cm e os 17,5cm de diâmetro máximo, com paralelos em Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997/98b:784), Mesas do Castelinho (Fabião e Guerra, 1991:317), Múrcia (Navarro Palazon, 1986:29), presentes nos séc. XI a XIII.

4.1.4. Recipientes de Armazenamento e de Transporte

A presente categoria é composta por elementos em que a função principal é preservar e/ou transportar conteúdos alimentares, quer em estado sólido ou líquido. Para executar tais funções, é necessário que os objectos detenham características morfológicas específicas para não comprometer os conteúdos (Gómez Martínez, 2004:257). Estas deveriam ser impermeáveis e não conter, nas componentes das suas pastas, quaisquer elementos que deturpassem o produto que armazenavam.

Em termos morfológicos possuem usualmente uma forma fechada, de tamanho variado (consoante a função que desempenham), tendo associados objectos de uso complementar como tampas, para auxiliar o transporte ou armazenamento. Infelizmente não foram integrados neste estudo nenhum objecto de uso complementar.

O que determina a função que o objecto exerce é o seu tamanho, visto que é mais conveniente o transporte de recipientes de dimensão reduzida em comparação com outros de armazenamento que, por vezes, possuem um metro de altura (Silva, 2011:37).

Segundo o grupo CIGA, o tipo de espólio que integra a presente categoria é constituído por talhas, suportes de talhas, tampas de talha, potes, cântaros e cantis (Bugalhão *et al*, 2010: 460), sendo que esta compõe 6% do total em estudo, com sete indivíduos.

Tal como anteriormente, nos outros subcapítulos, para um estudo mais aprofundado dos elementos que compõe a presente categoria, foram divididos com base nas suas componentes morfológicas.

• **Cântaro**

O cântaro é um recipiente de dimensão média, de forma fechada, usualmente ovóide, com duas asas (para auxiliar o transporte), um gargalo e boca relativamente estreita para não verter o seu conteúdo. Este, é maioritariamente o meio de transporte de líquidos como a água, manuseado quase exclusivamente por mulheres, factor determinante para o seu tamanho.

O nome vem do termo em latim *CANTHARUS*, que por sua vez provém do grego; que significa escaravelho. Em castelhano a nomenclatura utilizada é imprecisa, sendo distinta de acordo com cada autor. Segundo Susana Gómez Martínez, a utilização em castelhano da designação jarra para este objecto é incongruente, visto que acaba por retirar desta o seu

propósito formal, forçando-a a ser intitulada de jarrinha quando pode ultrapassar os 30cm de altura (Gómez Martínez, 2004:260). Já a utilização da palavra ânfora ou de bilha, para descrever a peça em estudo, é novamente discordante, visto estarem associados a outros objectos de cariz cronológico diferente (Torres, Gómez Martínez e Ferreira, 1997: 127).

Assim, a peça que compõe este conjunto é o ML.A0667, recolhido no contexto de escavação no nível seis C, da quadrícula F10 (Silo dez). Este é um cântaro de pequena dimensão, detendo 36,5cm de altura e 26cm de diâmetro máximo do bojo. Possui um bordo triangular, com colo alto cilíndrico, de ligação colo/ombro em curva contínua, com corpo piriforme, fundo abaulado e asas de secção fitiforme que começa no colo e termina no diâmetro máximo.

A pasta que compõe esta peça é homogénea, com ENP de calibre finos a médios; de superfície alisada com engobe na área externa, de fabrico a torno rápido, em termos de decoração, foi possível identificar na zona do bordo e colo traços finos a cor branca, no ombro meandros em ziguezague, detendo inclusive séries de três linhas de orientação vertical na zona do ombro e do bojo.

Esta peça é característica do séc. XII a XIII, possuindo paralelos em Mértola (Torres, Palma, Rego e Macias, 1991: 525), Cidade das Rosas, Serpa (Retuerce Velasco, 1981:90), Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1988: EST. XII).

• Talhas

A palavra talha vem do latim *TINA*, com designação em castelhano de *TINAJA* ou *ALFABIA*. Já em árabe, esta detinha a nomenclatura de *JÂBÎYA*, (Rosselló-Bordoy, 1991:162) que era utilizada no território Al-Andalus desde o séc. XI (Gómez Martínez, 2004:257). Estes objectos detêm a forma de grandes vasilhas, destinadas ao armazenamento de produtos sólidos como a carne seca e salgada ou produtos líquidos como o vinho, a água ou o azeite (Cavaco, 2011: 96-98).

Possuem uma grande resistência suportando grandes viagens e com bastante durabilidade para armazenar os alimentos durante longos períodos. São, assim, objectos de tamanho considerável que podem ter mais que 50cm de altura (Bugalhão *et al*, 2010: 461) e 65cm de diâmetro, com paredes que podem ter cerca de 15 a 20cm de espessura. Usualmente possuem uma forma de corpo cilíndrica e um pé alto, com um bordo de plataforma plana e

lábio de secção quadrada, podendo ter um bico vertedor. A este objecto estavam também associados elementos de uso complementar como as tampas, cobrindo a abertura com um tábua de madeira ou peça de cerâmica de forma discóide, com uma pega central, evitando a perda do conteúdo armazenado no mesmo (Bugalhão *et al*, 2016: 42).

As talhas são fabricadas maioritariamente utilizando argilas de textura pouco homogénea ou mesmo grosseiras, com grande quantidade de ENP. Usualmente imóveis numa área de despensa, no entanto, as decoradas (usadas para armazenar água fresca) encontram-se fora deste local, situadas na zona do pátio sob um pequeno alpendre, sendo difícil o seu manuseamento devido à sua dimensão e peso (Torres, Gómez Martínez e Ferreira, 1997:127).

Em Salir foram recolhidos três fragmentos, dos quais dois estão presentes neste estudo. Destes exemplares está presente um bordo quase completo e um fragmentos de bojo, ambos com decoração tendo um, tipo rendilhado geométrico (ML.B0060) e outro estampilhada (ML.A0306).

Ambos recolhidos no nível dois C, nas quadrículas H10 e H11, foi possível identificar um bordo com acentuada inflexão externa, com colo curvo côncavo. Possuem uma pasta do tipo homogénea (1) ou pouco homogénea (1), com ENP de calibre fino a médio (1) e médio a grosso (1), com uma superfície alisada (2). Em termos de técnica utilizada para o fabrico das peças em estudo é o torno rápido.

As dimensões recolhidas não são claramente as dimensões finais destas, sendo que o ML.B0060, detêm 16cm de diâmetro de bordo, com uma espessura de bordo de 1,2cm e parede 1,0cm. A peça ML.A0306, possui 9,6cm de altura e uma espessura de 1,2cm.

Os exemplares desta categoria enquadram-se entre os séc. XIII a XIV com paralelos nas cidades de Mértola (Khawli, 1992: 63-78) e Castelo de Paderne (Catarino, 1994: 84).

• Pote

Recipiente de forma fechada, com boca relativamente estreita, de colo largo, para ser possível colocar a mão ou uma colher; de bordo espessado (podendo ser coberto por um pano e depois atado com um cordel), de corpo geralmente ovóide ou globular (Bugalhão *et al*, 2010: 461). Embora, possuam uma morfologia idêntica às panelas (sendo a única característica dispare a dimensão), usualmente não possuem marcas de fogo ou quaisquer

indicações que possam levar a crer que detivessem algum papel para além do armazenamento de produtos alimentícios (Torres, Gómez Martínez e Fernandes, 1997: 127).

Estes são, assim, contentores de tamanho médio ou pequeno, que serviriam em contexto doméstico para armazenar produtos como o mel, condimentos alimentares, frutos secos, azeitonas, preparados medicinais ou de higiene (perfumes) (Cavaco, 2011:39), gorduras animais, açúcar, azeite ou sal. Consoante o tratamento das suas superfícies é, assim, possível definir que tipo de conteúdo detinham no seu interior (Khawli, 1993:67).

O termo utilizado em época árabe para designar este tipo de recipientes seria *QUILLA*, sendo em castelhano utilizado as nomenclaturas de *Orza* e *Ancolla*, a palavra utilizada em português é “Pote” sendo-lhe desconhecida a descendência.

Em termos cronológicos estas peças encontram-se sobretudo entre séc. XI a XVI detendo variações formais ao longo do tempo (Catarino, 1997/98a:501).

Este conjunto é, assim, constituído por três elementos que se encontram divididos consoante a sua cariz morfológica.

O grupo um é constituído pelo ML.A0649, recolhido no contexto de escavação no nível três C da quadrícula K11 (silo seis). Este detém um bordo plano, com espessamento externo; de colo curto levemente côncavo, a ligação colo/bojo possui um sulco demarcado por todo o diâmetro da peça; com corpo globular, duas asas de secção oval que partem do ombro e terminam no bojo, tendo um fundo plano.

A pasta deste objecto é de textura homogénea, com ENP de calibre finos a médios, fabricados a torno rápido, em que a superfícies deste é alisada. Em termos de decoração esta utiliza a técnica pintada, com séries de três traços na horizontal e na vertical, localizados na zona do colo, ombro e bojo. Este detém uma altura de 27cm e um diâmetro máximo de 29,1cm.

Já o grupo dois é composto por dois elementos, sendo eles o ML.A0653 e ML.A0654, recolhidos em trabalhos arqueológicos nos níveis seis C e três, nas quadrículas F10 (silo dez) e E11.

Estes possuem um bordo boleado com inflexão externa (2), com colo curto (2), sendo um em evasé; carenados no ombro e no corpo troncocónico (2); com duas asas de secção oval (1) e circular (1), tem início no ombro e terminam no bojo (2). O fundo destes apresenta-se irregular (1) ou plano (1).

A pasta utilizada neste é de textura homogénea (2), com ENP de calibre fino (2), tendo tido como técnica de fabrico, o torno rápido (2). Em relação à superfície encontra-se com engobe externo (2), decoradas com caneluras na zona do corpo e bojo (2).

Os elementos que constituem este grupo são de tamanho reduzido, em comparação com o exemplar do grupo anterior, detendo 12cm e 14,7cm de altura, com um diâmetro máximo de 13,7cm e 13,9cm de diâmetro máximo.

Em termos cronológicos ambos os grupos estão enquadrados com as formas usadas no séc. XI a XIII, possuindo paralelos na cidade de Mértola (Khawli, 1993:75).

• Cantil

Recipiente de forma fechada, com corpo geralmente lenticular, podendo possuir uma ou mais asas. Detém um gargalo com boca estreita (Bugalhão *et al.*, 2010: 460), que impede que seja vertido o líquido durante o transporte para o trabalho rural, ou para grandes viagens, detendo uma utilização desde da antiguidade (Catarino, 2017c:555).

Usado o termo *CANTIMPLORA* ou *BALDRACA* em castelhano, não foi ainda possível identificar o desígnio utilizado para tal durante a ocupação muçulmana no Al-Andalus (Rosselló-Bordoy, 1991: 165).

Deste tipo de recipiente só foi recolhido um no contexto das escavações no Castelo de Salir, encontrado na quadrícula F10 (Silo dez), no nível seis C. Este possui, tal como em cima descrito, um bordo direito, com lábio quase triangular, de gargalo curto, paredes circulares convexas, corpo achatado e duas asas de secção circular que tem início no ombro e terminam no bojo.

Em relação à pasta esta é de textura homogénea, com ENP de calibre fino, superfície alisada e fabrico a torno rápido. Encontra-se decorado com traços de pintura a branco e manchas de queimado (tendo tido em dada altura contacto com fogo).

Possui uma altura de 22cm e um diâmetro máximo de 19cm, característico de época almóada (séc. XII-XIII). Deteve uma grande difusão por todo o Al-Andalus, Arrabalde da Bela Fria (Cavaco, 2011: XXVI), Castillo de la Torre Grossa (Azuar Ruíz, 1985: 74-77), S.Clemente (Catarino, 2017c:555) e Cádiz (Sánchez-Molero, 2009-2010: 37).

4.1.5. Recipientes de Cozinha e de Uso Pessoal

Esta categoria é constituída por objectos com dupla função, sendo utilizados tanto em contexto culinário, como no uso pessoal por parte dos indivíduos que habitavam o espaço. Estes podiam ser utilizados para amassar o pão, lavar alimentos ou para a higiene pessoal (Catarino, 1997/98b: 805).

O único elemento integrante deste é o alguidar, que embora seja considerado por diversos autores objecto pertencente aos recipientes de cozinha, do ponto de vista deste estudo, foi considerado como relevante o seu enquadramento numa categoria própria, para o desenvolvimento de conteúdos aprofundados em relação a este tipo. Assim este conjunto compõe cerca de 3% do espólio em estudo, com quatro indivíduos.

O alguidar é um objecto de forma aberta, com corpo cilíndrico ou de tronco em cone invertido (Bugalhão *et al*, 2010: 460). O termo em castelhano para este elemento é de *ALCADEFE* e *LEBRILLO*, variação da designação árabe para este (*QUADH*, *LIBRÎL* e *QASRÎYA*) (Rosselló-Bordoy, 1991:169).

Devido às suas características morfológicas, os constituintes desta categoria foram divididos por dois grupos, sendo que o grupo um é constituído por três indivíduos: ML.A0636, ML.A0637 e ML.A0657. Estes foram recolhidos em contexto de escavação nos níveis três e seis C, nas quadrículas I11e L10 (silo sete).

Possuem bordos boleados (1) ou arredondados (2), sendo que dois (ML.A0636 e ML.A0657) possuem uma digitação que formou um “bico” vertedor; com corpo troncocónico invertido (3) e fundo plano (3).

As pastas que os compõem são de textura heterogénea (2), com presença de ENP de calibre finos a médios (1) e médios (1), sendo que o elemento ML.A0636 detém uma pasta bastante homogénea com ENP de calibre fino, tendo este uma superfície semi-alisada em comparação com os outros que apresentam uma superfície rugosa no exterior (2), não sendo identificado nenhum elementos com decoração. Já em relação ao modo de fabrico utilizado, está presente em todos os elementos a técnica manual (3).

Em relação às dimensões, a altura destes ronda entre os 9,7cm e os 10,6cm, com um diâmetro máximo de 30,5cm e os 32,4cm. Estes são recorrentes entre os séc. XII a XIII, com paralelos em Rábita de Las Dunas de Guardamar, Alicante (Azuar Ruiz, 1989:105) e Santarém (Silva, 2011: EST.3).

O grupo dois, é constituído pelo ML.A0659, tendo este sido encontrado no nível três, na quadrícula E10. A sua forma é composto por um bordo arredonda com espessamento externo, de corpo troncocónico e fundo plano. Possui uma pasta pouco homogénea, com ENP de calibre médios a grossos, detendo uma superfície rugosa no exterior e com engobe no interior, tendo sido fabricado a torno rápido, com caneluras na zona do bordo.

Em relação às suas dimensões este possui 14cm de altura e 48cm de diâmetro máximo, típico do séc. XII a XIII, com paralelos em Cáceres (Gilotte, Cáceres Gutiérrez e Juan Ares, 2012: 770) e na Rua das Bicas, Loulé (Luzia, 1999/00:92)

4.1.6. Recipientes de Iluminação

Segundo o Grupo CIGA, esta categoria alberga objectos como candeias, candis, candeias de pé e lanternas. No entanto, presente no espólio em estudo só foi possível identificar um objecto que se enquadre nesta, ML.A0672, assim esta constitui menos de 1% do espólio total em estudo, detendo somente um indivíduo na sua categoria.

Este corresponde a uma candeia, instrumento de iluminação de tamanho reduzido, com uma asa e bico onde estaria o pavio, que ostenta um depósito aberto (Bugalhão *et al*, 2010: 460) diferente de um candil que teria um depósito fechado. As nomenclaturas aplicadas a estes objectos são distintas entre os autores portugueses tentando diferenciar ao máximo os dois tipos de formas.

Podemos caracterizar este como um recipiente cerâmico que continha no seu interior lume para alumiar um espaço, o tamanho reduzido que este tipo de instrumentos de iluminação costuma tomar faz com que exista uma mobilidade em termos de iluminação havendo alguma independência e autonomia para o quotidiano.

Semelhante ao que aconteceu anteriormente com as jarrinhas, estes instrumentos de iluminação são bastante recorrentes em contextos islâmicos, sendo produzidos continuamente até ao séc. XIX (Torres, Gómez Martínez e Fernandes, 1997: 129).

O termo árabe utilizado para referir este objecto seria *QANDÎL* ou *MISBÂH*, já em castelhano as designações utilizadas são o *CANDIL*, *LLANTIA* ou *LLAMETA* (Rosselló-Bordoy, 1991: 174).

A peça que constitui esta categoria foi recolhida em contexto de escavação no nível três, da quadrícula H10. Esta consiste num bordo plano em bisel interno, com bico aberto e curto, de colo cilíndrico e fundo plano. A pasta desta é homogénea, com ENP de calibre fino, detendo a superfície decorada a vidro verde na parte externa (corpo e asa), tendo sido fabricada a torno rápido.

Em termos de dimensões, esta possui 4,6cm de altura e um diâmetro máximo de 10,5cm, recorrente no séc. XII a XIII, com paralelos em Silves (Gomes, 1991:399) e Cádiz (Fernández Barba, 2006:62).

4.2. Objectos de Tecelagem e Utilitários

Esta categoria é uma aglomeração de diversos objectos, com diferentes composições (metálicos, cerâmicos e em osso), que detêm funções nos contextos da tecelagem ou no de construção.

Assim fazem parte desta fusos, tempereiros, cossoiros, agulhas, pregos e cabos de roca, formando um total de 33 elementos, compondo cerca de 27% do espólio total em estudo.

• Fusos

Objecto metálico, usual em contexto arqueológicos, são caracterizados como peças longas, com ponta afiada e/ou incisa em espiral, com base de encaixe, tendo associados os cossoiros para auxiliar a fiação de lã ou outro produto que estivesse a ser utilizado no processo (Catarino, 2017c:550).

Os constituintes deste grupo são o ML.A0345, ML.A0346, ML.A0347, ML.A0348, ML.A0530, ML.A0625, ML.A0626, ML.A0627, ML.A0628, ML.A0629, ML.A0690, ML.A0691, ML.A0692, ML.A0693, ML.A0694 e ML.A0695, recolhidos nos níveis dois B, dois C, três, quatro A, cinco e seis, das quadrículas E11, F10 (Silo dez), G10 G11, H11, I10, I11, J11, K11 e Q10. Estes artefactos possuem maioritariamente a forma descrita anteriormente, no entanto, existem alguns exemplares mais arredondados (ML.A0348); de matéria de fabrico em liga de cobre (14) e liga de bronze (2).

Em termos de dimensões possuem um comprimento entre os 7,1cm e os 20,4cm, com uma espessura entre os 0,2cm e os 0,6cm, sendo maioritariamente enquadrados entre o séc. XII-XIII, detendo paralelos em Alicante (Azuar Ruíz, 1985: 102-107), Mértola (Palma e Rafael, 2012:489 e Lopes, Gómez Martínez e Rafael, 2012: 98), Burriana (Delaporte e López Bravo, 2011: 132-134) e Albalat, Cáceres (Gillote, Cáceres Gutiérrez e González Bornay, 2017: 167).

• **Tempereiros**

Os instrumentos que compõem este conjunto são de composição metálica, de forma triangular, algumas vezes com evidência de dentes de fixação nas extremidades. Estes eram colocados sob o tecido que estava a ser fabricado no tear para assim prevenir que este ficasse enrolado, usualmente associados a uma vareta (frequentemente de madeira) que auxiliavam a fixação do produto, sendo possível adaptar este objecto consoante o tamanho pretendido (Pereira, 2012:86).

O presente grupo é assim constituído por dois elementos ML.A0680 e ML.A0681, recolhidos no nível três das quadrículas I10 e H11. Com uma espessura de 2,2cm e um comprimento de 5,5cm e 5,8cm, possuem uma morfologia exatamente como descrita acima, sendo fabricados em liga de ferro. Estes possuem paralelos em Alcaria Longa (Boones, 1993: 63), Conímbriga (Retuarce Velasco, 1987:72), Cidade das Rosas, Serpa (Retuarce Velasco, 1987:71), Mértola (Lopes, Gómez Martínez e Rafael, 2012: 101) e Albalat, Cáceres (Gillote, Cáceres Gutiérrez e González Bornay, 2017: 170).

• **Cossoiros**

Objectos usualmente fabricados em osso polido, de forma circular, com orifício central para encaixar na base do fuso. Integrante numa das atividades artesanais domésticas mais recorrente, a tecelagem (Catarino, 2017c:550).

Este grupo é constituído por sete elementos, dos quais ML.A0340, ML.A0341, ML.A0630, ML.A0631, ML.A0696, ML.A0697 e ML.A0698, recolhidos em contexto de escavação nos níveis dois B, dois C, três e seis C; nas quadrículas F10 (Silo dez), H10, H11, I11 e J11 (silo oito). Tal como descrito acima são objectos maioritariamente esculpidos em osso (ML.A0696 em metal), possuem entre 0,6cm a 0,9cm de espessura, detendo cerca de 1,4cm a 2,2cm de diâmetro máximo.

A decoração também é recorrente neste tipo de peças, sendo frequente caracterizados por reentrâncias em volta do encaixe do fuso (ML.A0631e ML.A0341) ou incisa, com esquemas de círculos em torno do orifício (ML.A0698). Detêm uma ampla difusão por todo o território al-Andalus sobretudo no séc. XII a XIII, detendo paralelos em Alicante (Azuar Ruíz, 1985: 117), Vale do Bôto (Catarino, 1981: 21 e Catarino, 1988: Est. XXVIII.1), Mértola

(Gómez Martínez, 2014: 124 e Lopes, *et al*, 2012: 90), Silves (Gomes e Gomes, 2001: 127) e Albalat, Cáceres (Gillote, Cáceres Gutiérrez e González Bornay, 2017: 168).

- **Agulha**

A agulha é um instrumento essencial para a confecção de qualquer tipo de produto de base têxtil, estando claramente associado a todos os outros objectos que foram mencionados anteriormente. Assim estas detêm um corpo de forma rectângular que vai afunilando até à extremidade da peça, sendo que a mais larga possui um pequeno orifício no qual passaria a linha para cozer tecidos, peles entre outros.

Feitas de metal ou osso, deveriam ser de um material de alguma dureza que resistisse à perfuração de diversos tipos de material.

Este grupo é somente composto por um exemplar, exumado do nível três da quadrícula I10, ML.A0344, matéria de fabrico em liga de ferro. Detém uma espessura de 0,9cm e um comprimento de 6,8cm, que foi datado do séc. XII a XIII, é difundido por todo o Al-Andalus tendo sido encontrados paralelos na cidade de Murcia (Navarro Palazón, 1991: 271).

- **Pregos**

Objectos associados a construções de madeira, como portas, telhados ou armários; de acordo com o contexto utilizado estes detinham um tamanho apropriado, sendo os de maior dimensão para grandes obras como telhados e os de menor para pequenos projectos como armários (Catarino, 1997/98b: 832). Estes foram utilizados durante todo o período de ocupação islâmica chegando até à idade moderna, assim é possível afirmar que, do total de cinco pregos que constituem este grupo, (ML.A9330, ML.A9331, ML.A9332, ML.A9333 e ML.A9334), três podem ser considerados de grande dimensão (detendo mais que cinco centímetros de comprimento), os restantes possuem entre 3,5 a 4,3cm.

Foram recolhidos no contexto de escavação nos níveis dois e três das quadrículas E10, F10, G10 e J10, em termos morfológicos, estes detinham secção retangular, com acabamento achatado irregular, produzidos em liga de ferro (5), de cronologia referente ao séc. XII a XIII

foi possível identificar paralelos em Vale do Bôto (Catarino, 1988: 27), Quinta da Boavista (Luzia, 1999/00: 170) e Mértola (Palma e Rafael, 2012: 496).

• Cabos de Roca

Instrumento de corpo alongado, totalmente cilíndrico ou com secção quadrangular na zona inferior, fabricado em osso polido, apresenta frequentemente decoração, por vezes até bastante elaborada, sendo parte integrante da roca (instrumento que cria novelos) (Pereira, 2012:74-75).

Este conjunto é composto por dois elementos, ML.A0343 e o ML.A0699, exumados dos níveis três e seis da quadrícula H10, possuem uma forma troncocónica (1) ou quadrangular com extremidade troncocónica (1). Ambas as peças são esculpidas em osso, com decoração incisa junto ao bordo (2), com traços na horizontal no qual estão presentes séries de círculos (2), tendo sido identificados no corpo caneluras (2), em termos de dimensão possuem cerca de 9,9cm a 10,3cm de comprimento, com um diâmetro máximo de 1,8cm a 9,9cm.

Os objectos em questão foram datados do séc. XII-XIII, com paralelos em Mértola (Gómez Martínez, 2014: 124 e Rafael e Gómez Martínez, 2012: 47), Vale do Bôto (Catarino, 1981: 21 e Catarino, 1988: Est. XXVIII), Silves (Gomes e Gomes, 2001: 127) e Albalat, Cáceres (Gillote, Cáceres Gutiérrez e González Bornay, 2017: 166).

4.3. Armamento

A presente categoria é composta por 17 elementos, perfazendo 14% do espólio total em estudo; esta alberga instrumentos utilizados para contextos de conflito, sendo manobrados para incapacitar ou ferir mortalmente os adversários, produzidos desde a antiguidade. Assim, esta categoria é constituída por dois tipos diferentes de armamento, o primeiro, correspondente a pontas de lança ou besta e o segundo referente a projectil de balas de pedra.

• Pontas de Lança ou Besta

Estas armas eram essencialmente lanças ou viotes de besta, que eram utilizados em conflitos bélicos para ferir o opositor. De frequente produção devido à sua eficácia, fabrico simples e custo reduzido, é justificada a usual identificação em contextos de escavações arqueológicas, principalmente das hastes e lâminas/ponta de componente metálica, os restantes constituintes destas seriam de materiais perecíveis não sendo conservados (Barroca e Monteiro, 2000: 49-54).

Este grupo é assim constituído por 12 elementos, ML.A0332, ML.A0334, ML.A0335, ML.A0337, ML.A0619, ML.A0621, ML.A0682, ML.A0683, ML.A0684, ML.A0685, ML.A0686 e ML.A0687, recolhidas em contexto de escavação nos níveis dois, dois A, dois B, três e cinco das quadrículas E10, F10, G11, H10, H11, I10 e J10. Morfologicamente estas podem deter secção quadrangular (6) ou circular (7), com uma das extremidades aguçada (13); todas liga de ferro (12).

Em termos de dimensões estas detêm uma espessura máxima que varia entre os 0,8cm e os 1,3cm e um comprimento entre os 4,5cm e os 12,2cm, encontrados em contexto de ocupação islâmica do território, mais especificamente séc. XIII com paralelos em Silves (Gomes, 1988: 79) e Quinta da Boavista (Luzia, 1999/00: 172).

• Projecteis de Pedra

Este grupo é constituído por projecteis de pedra de forma esférica, utilizadas em confrontos, associadas a fundas, ou seja, género de instrumento propulsor que detinha dois

cabos que se ligavam por uma peça de couro onde era inserida a bala de pedra que era depois arremessada (Catarino, 1993:17).

Todos os cinco exemplares, ML.A0329; ML.A0330; ML.A0331; ML.A0623 e ML.A0689, recolhidos em contexto de escavação nos níveis um, dois A, dois B e cinco. Tendencialmente esféricos, feitos de pedra talhada, polida ou afeiçãoada; tendo um diâmetro máximo de 2,2cm a 4,7cm, datados do séc. XII-XIII, com paralelos em Silves (Cunha e Gomes, 1990: 430).

4.4. Artefactos Diversos

Esta categoria é composta por objectos diversos que não estão integrados totalmente com nenhuma das anteriormente mencionadas. Assim foram aglomerados nesta e divididos consoante a sua função: indumentária e acessórios lúdico; estes formam assim um total de 18 peças, correspondendo a cerca de 15% do espólio em estudo.

• **Indumentária e Acessórios**

Conjunto de quatro elementos diferentes, contudo, todos eles estão relacionados com a indumentária ou acessórios utilizados na época em questão. Assim, este é composto por um botão, um brinco, uma conta e uma placa de cinturão, recolhidos nos quadrados G10, G11 e H11, nos níveis um, dois C, três e quatro A. Devido às suas diferentes funções, a sua composição é também ela foco de diferenciação, sendo metálica (3) ou em pasta vítrea (1).

O botão, ML.A0308, foi produzido em liga de cobre, fundido e gravado tendo no anverso um arranque de espigão que, caso fosse curvo, seria utilizado para pregar em tipos de tecido como o couro, ou, se por ventura fosse direito, implicaria a sua utilização em contexto de mobiliário. Este possui decoração na zona superior, tendo sido identificadas caneluras que radiam da moldura principal, que consiste em duas circunferências.

O objecto em questão possui um diâmetro máximo de 1,8cm, tendo sido datado como pertencente ao séc.XIII. Infelizmente, não foram encontrados paralelos que se assemelhem a este.

Quanto ao brinco, ML.A0318, é uma peça frequente em termos de joalharia islâmica, podendo ser fabricada em vários tipos de metais (incluindo ouro e prata) (Catarino, 2017c:534). A peça em questão é forjada em liga de cobre, formando uma pequena argola. Esta possui uma espessura de cerca de 0,1cm e um diâmetro máximo de 2cm, datada do séc. XII-XIII, detém paralelos na necrópole de El Amendral (Toro Moyano e Ramos Lizana, 1987:387) e Mértola (Palma e Rafael, 2012: 490).

A conta, ML.A0338, associada a um colar ou rosário, pode ser fabricada a partir de diversos materiais como osso (vértebras de peixe), cerâmica, ou pasta de vidro, (sendo esse o caso), este possui um orifício central do qual convergem relevos a negro que formam meandros em arco, detendo uma linha que percorre o diâmetro total da peça. Esta detém uma

espessura de 0,7cm e um diâmetro de 1,3cm, tendo sido datada do séc. XI-XII, com paralelos em Mértola (Lopes, *et al.*, 2012:97).

Por último, a placa de cinturão, ML.A0688, consiste numa aplicação que era colocada num cinto de couro, que permitia a fixação deste (Catarino, 1993:27). Podia ser composta por diversos metais, sendo que a presente neste estudo é em liga de cobre. Possui uma forma rectangular, como duas perfurações numa das extremidades e duas abas na zona oposta. Detém uma largura de 3,2cm, uma espessura de 0,1cm e um comprimento de 4cm. De séc. XIII a XIV, com paralelos em Mértola (Lopes, *et al.*, 2012: 96).

• Objectos lúdicos

Categoria composta por marcas de jogo, utilizadas recorrentemente em jogos de tabuleiro, sendo comum a sua presença em períodos cronológicos diversos. São assim peças produzidas a partir de rochas ou restos cerâmicos, detendo uma forma e tamanho variada. Em alguns casos é possível identificar decoração que, na sua maioria correspondia a algum tipo de tratamento das superfícies (Gonçaves, *et al.*, 2017:1418-1419).

Esta detém 14 exemplares, que consistem nas peças ML.A0321, ML.A0324, ML.A0325, ML.A0326, ML.A0327, ML.A0328, ML.A0336, ML.A0542, ML.A0632, ML.A0633, ML.A0634, ML.A0676, ML.A0677 e ML.A0678, recolhidas nos níveis 2, 2B, 3, 4, 6 e 8; das quadrículas F11, G10, G11, H10, H11, I10, I11 (Silo dois), J10 e J11.

Fabricadas a partir de fragmentos de objectos em barro já cozido (14), de forma circular (14), com superfície e decoração a vidrada (2) ou alisada (12), de técnica afeiçoada (13) ou a torno/talhada (1). De tamanho variável, com uma espessura entre 0,4cm a 2,2cm, e um diâmetro de 2,4cm a 6,5cm.

Estas foram datadas do séc. XII a XIII, com paralelos Arrabalde da Bela Fria (Cavaco, 2011: 48).

5. Para uma análise funcional e diacrónica dos vestígios arqueológicos

5.1. O castelo e os materiais

O presente capítulo expõe os resultados do estudo realizado sobre os materiais recolhidos no Castelo de Salir, durante os trabalhos arqueológicos, realizados por Helena Catarino, entre os anos de 1987 a 1998.

No local, os vestígios mais marcantes são as torres que rodeavam a povoação de Salir, anexadas a segmentos de muralha. Foi possível, durante os trabalhos de escavação, localizar quatro torres em taipa sendo elas, a torre da Alfarrobeira, junto a um caminho actual, construída sobre a saliência de uma rocha, com cerca de 5,1m por 4,6m conservando ainda 3m de altura. A torre “Muro do Meio”, situa-se a norte, sobre um forte declive da rocha, a sua base (pedra e argamassa) assenta numa sapata consistente, conservando ainda um comprimento de 4,7m por 3,88m. Esta foi arrasada quando foi aberto um caminho actual, tendo posteriormente sido inscritos nesta grafitos grosseiro de cariz histórico antigo.

Na zona poente encontra-se a Torre Muro Maior, adossada a edifícios, tendo sido realizados os trabalhos arqueológicos nas imediações desta. É uma torre albarrã com 4,59m de lado e 3,85m de altura (Catarino, 1992b:11).

A disposição das torres, acima descritas e de alguns segmentos de muralha que foram possíveis de identificar, levam a crer que a planta deste Castelo seria de forma poligonal irregular, ou mesmo trapezoidal/pentagonal.

A construção de taipa utiliza uma técnica modular, taipa militar, típica do período almóada, com base em terra crua, de fabrico rápido e económico. O seu processo passava pela compactação de uma mistura de terra com cal e alguns elementos não plásticos como pedra, de diferentes dimensões e tipos (calcário, grés vermelho e xisto); conchas, ossos, carvões e cerâmica. Estas eram colocadas dentro de taipais amovíveis que dariam forma e estabilidade ao módulo, depois fixados por còvados e agulhas metálicas. Diferente da taipa tradicional, a taipa militar utilizava uma grande quantidade de cal na sua composição. Esta providenciava uma maior resistência das fortificações (Leitão, 2017:113-119).

Junto à torre albarrã, (Muro Maior) foram constatados no decorrer dos trabalhos arqueológicos dois momentos distintos de construção. Inicialmente com um duplo paramento, com enchimento heterogéneo e com uma porta estreita voltada para poente, este é

característico de um período pré-almóada, provavelmente almorávida. Já em época almóada, esta terá sido entaipada e as torres terão sido construídas, reforçando a defesa deste espaço. Para além dos troços de muralha, que se encontravam num estado de degradação elevado, foi possível identificar um troço bem conservado, no sentido Norte/Sul, e outro no sentido Oeste/ Este (Catarino, 1992b:11).

A muralha disponha de vários orifícios, por onde seria escoada a água e/ou esgoto localizados nas quadrículas F11, H11, K11. (Catarino, 1992b:17). No quadrado K11 convergem num dos orifícios duas canalizações originárias do espaço habitacional 5, estando uma associada a uma fossa, ambas dirigem-se até à zona do adarve.

Dos edifícios identificados foi possível estabelecer seis espaços habitacionais, sendo que são maioritariamente característicos do período almorávida e almóada. Associados a estes estariam os silos, uma espécie de despensa no subsolo que mantinha os alimentos, normalmente em forma de saco ou circular. Este tipo de armazenamento foi, desde longa data, uma prática recorrente, um meio pouco dispendioso de conservar produtos. Designados de “covas para pão”, tendo sido difundidas durante a Idade Média pelas principais áreas cerealíferas do Sul de Portugal e vale do Tejo. Foram usados até cerca do séc. XIV, e início do séc. XV podendo ir até ao séc. XVI. Já em época romana eram utilizados tendo exemplos em Cerro da Vila, Vilamoura, no sítio da Cegonha (Vidigueira) e Vale do Bôto. Estes detêm inclusive uma ocupação romana afastada do povoado muçulmano (Catarino, 1995: 27).

Os núcleos habitacionais seguiam o modelo de casa de pátio, sendo que os compartimentos se organizam em torno deste. Dispostos em forma de U ou em L, a casa abria-se assim o interior detendo poucas aberturas (janelas) para o exterior dando, assim, um sentido mais privado à casa. Os compartimentos detinham paredes em que a espessura variava entre 45 a 50cm. Estas eram elevadas por alicerces de pedra argamassada com terra, depois continuavam em forma de taipa. Em relação ao telhado destas habitações, constatou-se que era utilizada a telha de meia cana (podendo ter decoração), assente em barrotes que o sustentavam. Estas eram, normalmente, de uma água, com a inclinação para o pátio (Catarino, 1992c: 22).

Quanto ao espaço habitacional um, localizado nas quadrículas E10, F10 e G10, caracteriza-se por ser uma habitação de dois compartimentos, sendo que o seguimento da habitação se estende para uma área ocupada com uma outra, esta de época contemporânea. O

nível de abandono (nível 3) detinha muita cinza e carvões, com abundante espólio. A casa terá ruído com um possível incêndio que terá destruído as estruturas (Catarino, 2017b: 484).

O primeiro compartimento traduz-se numa pequena cozinha, de forma quadrangular, com dimensões de 2,30m por 2,2m, restando, ainda, 48 a 50cm de parede em bom estado de conservação. Através da cozinha existe um acesso ao pátio, por uma porta (só foram encontrados vestígios), no canto oeste de E10. O chão era de uma fina camada de argila e cal, que mostrava manchas de queimado associados a restos de cinza e pregos com haste curvadas, podendo pertencer a uma peça de mobiliário ou de apoio ao teto que terá desabado aquando do possível incêndio. Encontraram-se algumas cerâmicas de época almorávida, carvões e material faunístico numa lareira, no canto noroeste com cerca de 50 até 75cm de largura.

O pátio possuía 4,20m de comprimento, conservando parte do lajeado, onde, no quadrado F10, se encontrou reaproveitada uma mó. O acesso para o espaço habitacional seria pela zona do pátio, que estaria ligado directamente à rua. Nessa mesma zona foi identificado o silo 10 sendo entulhado antes da construção da primeira casa almóada. Este foi descoberto no fim dos trabalhos de escavação, aquando do processo de limpeza tendo revelado uma abertura bastante irregular com cerca de 1,30m de largura máxima por 1,70m de profundidade. Foram recolhidas telhas e pedras nos primeiros 50cm, tendo de seguida sido identificados fragmentos de cerâmica e vestígios de derrube. Num nível inferior foram identificadas cerâmicas de época almóada, tendo sido possível a reconstituição parcial ou total de dezasseis peças.

Espaço habitacional dois, localizado nos quadrados E11, F11, F10 e G11, corresponde a uma habitação simples rectangular, com três compartimentos, adossados a um canto da muralha, tendo sete metros de comprimento por 4,80m de largura.

O primeiro compartimento desta habitação dava acesso à rua através de uma porta bastante larga, com um degrau e orifícios. Na zona da entrada foram colocadas duas lajes verticais, para assim impedir a entrada de água proveniente das chuvas ou da canalização que passava transversalmente à rua. No interior deste compartimento, em frente da porta principal, quadrícula G10, foi encontrado um silo, denominado de silo um (Fig.10), que não foi transformado em lixeira, conservando-se sementes de trigo carbonizado no interior. De forma ovóide, detinha 70cm de diâmetro por 1,70m de profundidade máxima e conservava, ainda, a pedra que servia de tampa tendo sido retirados deste sementes de trigo

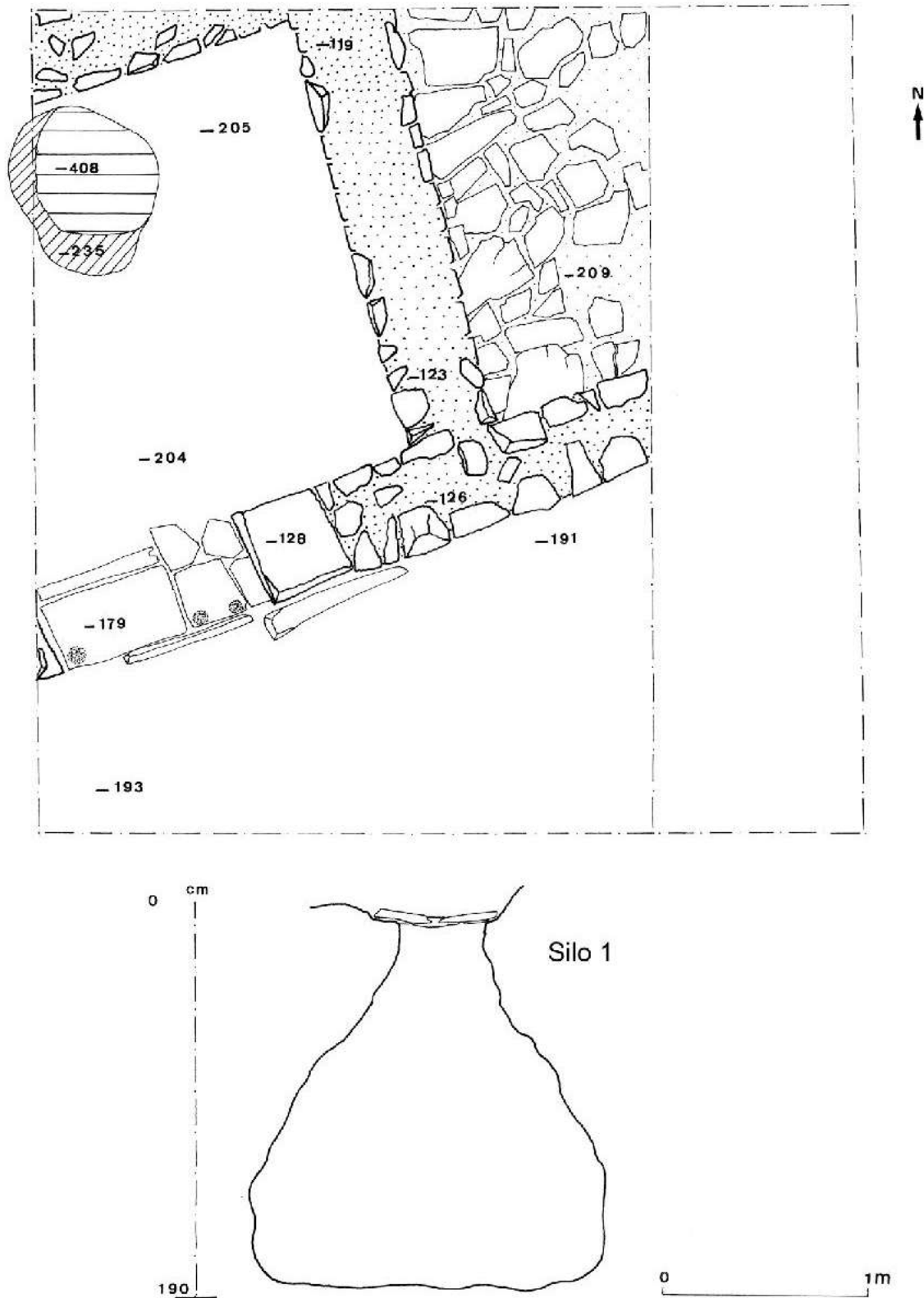


Fig. 10: Perfil do Silo 1, retirado de CATARINO, Helena (1997/98c) - O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica, In *Al-'Ulyà*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Vol. III; nº6., pp.1184.

carbonizado (Catarino, 1997/98a: 474-475).

Para um melhor aproveitamento do espaço, o segundo compartimento foi dividido em dois por uma parede com uma porta (vão de 70cm) desalinhada da principal. Na época da reconquista foi entaipada. Esta alteração originou um pequeno corredor estreito entre os dois compartimentos originais.

O espaço habitacional três, está localizado nas quadrículas H10, H11, I10, I11 e J11. Este possui uma área de 37m² com paredes de 6,50m de comprimento, foram identificadas três divisões: a cozinha, o pátio e um género de sala. A cozinha restringe-se à quadrícula I11, tendo duas estruturas de lareira e um silo, silo dois (Fig.11) (Catarino, 2017b:485). Este localiza-se junto à porta de acesso ao pátio, a sua área de abertura estava ocupada por raízes de uma amendoeira, com cerca de 90cm de diâmetro e 2,20m de profundidade, sendo que o diâmetro do silo vai alargando conforme a profundidade. Foi recolhida uma grande quantidade de vestígios arqueológicos diversos num estado muito fragmentado, desde cerâmica com características almóadas, pregos, ossos de animais, conchas de vieiras, um pilão de almofariz, carvões, cinzas e restos alimentares (Catarino, 1995:13).

O pátio, sendo nesta zona que se situa a canalização que se dirige para um dos buracos da muralha, é composto de terra batida e lajes no solo. Possui um vão de entrada (com 90cm de largura) junto à parede norte onde ficaria a entrada principal deste núcleo habitacional.

A sala está voltada para rua no entanto, não tem qualquer tipo de ligação com esta. Neste espaço existem duas estruturas de combustão (lareiras) e um silo, designado de silo três, localizado no quadrado H10. Estas, embora estejam no mesmo espaço, são de períodos diferentes. A lareira de forma rectangular é mais antiga e a subcircular é mais recente. No entanto, ambas se encontravam elevadas do solo por camadas de argila com fragmentos de telhas, na qual depois assentava um bocado de barro amassado que servia de base para o fogo.

Já em relação ao silo três (Fig.12), esta era de pouca profundidade, apresentando-se completamente entulhado, possivelmente aquando a construção do pátio. A sua abertura era bastante larga e irregular, com uma base de aproximadamente um metro de profundidade e diâmetro. Este detinha um grande número de peças, variadas e de muita qualidade, dos quais restos alimentares e fragmentos cerâmicos. Estes correspondiam a um conjunto de 42 peças cerâmicas desde objectos de cozinha, mesa, transporte e iluminação. A tampa que o cobria foi

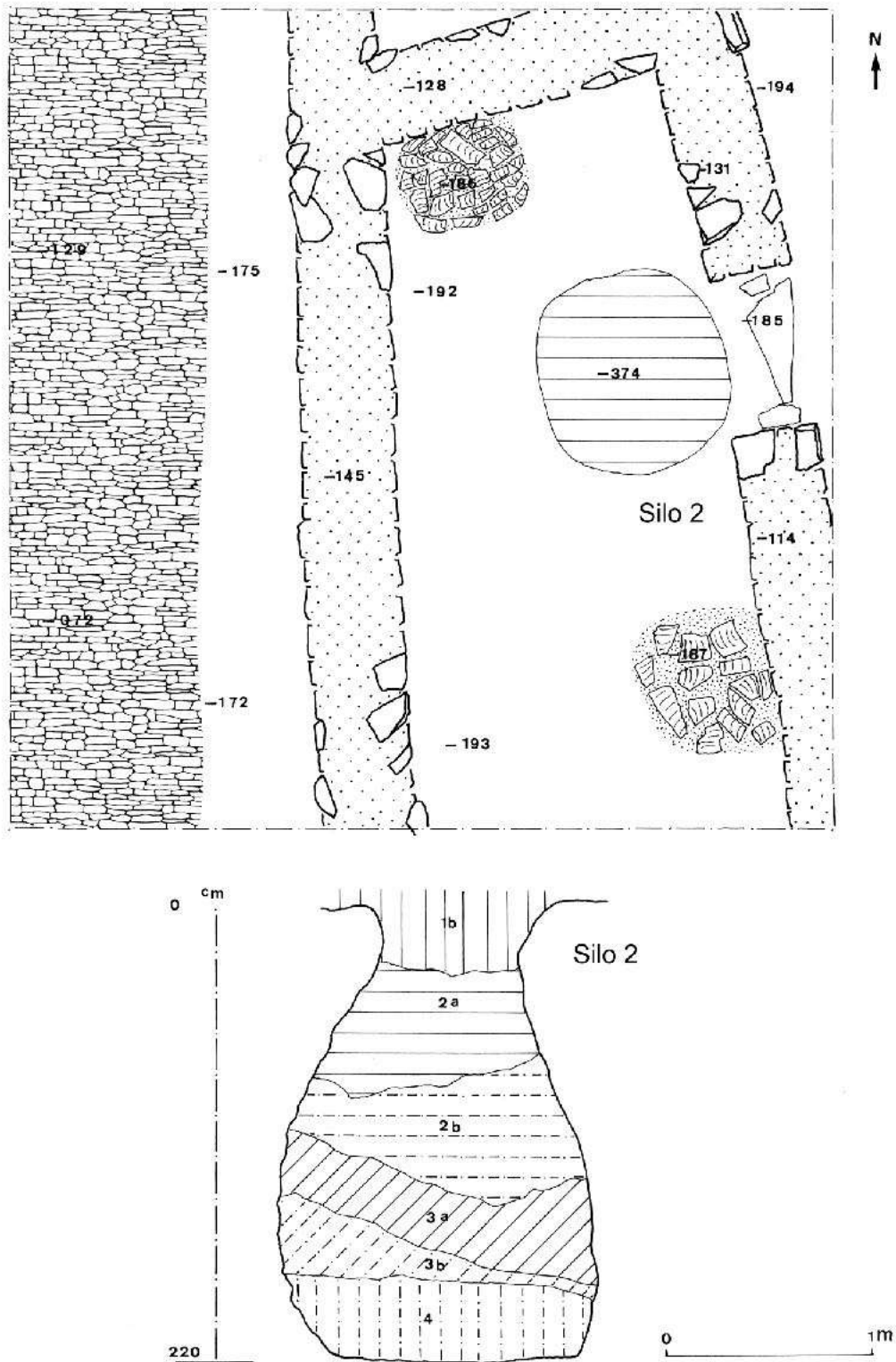


Fig. 11: Perfil do Silo 2, retirado de CATARINO, Helena (1997/98c) - O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica, In *Al-'Ulyà*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Vol. III, nº6., pp.1185.

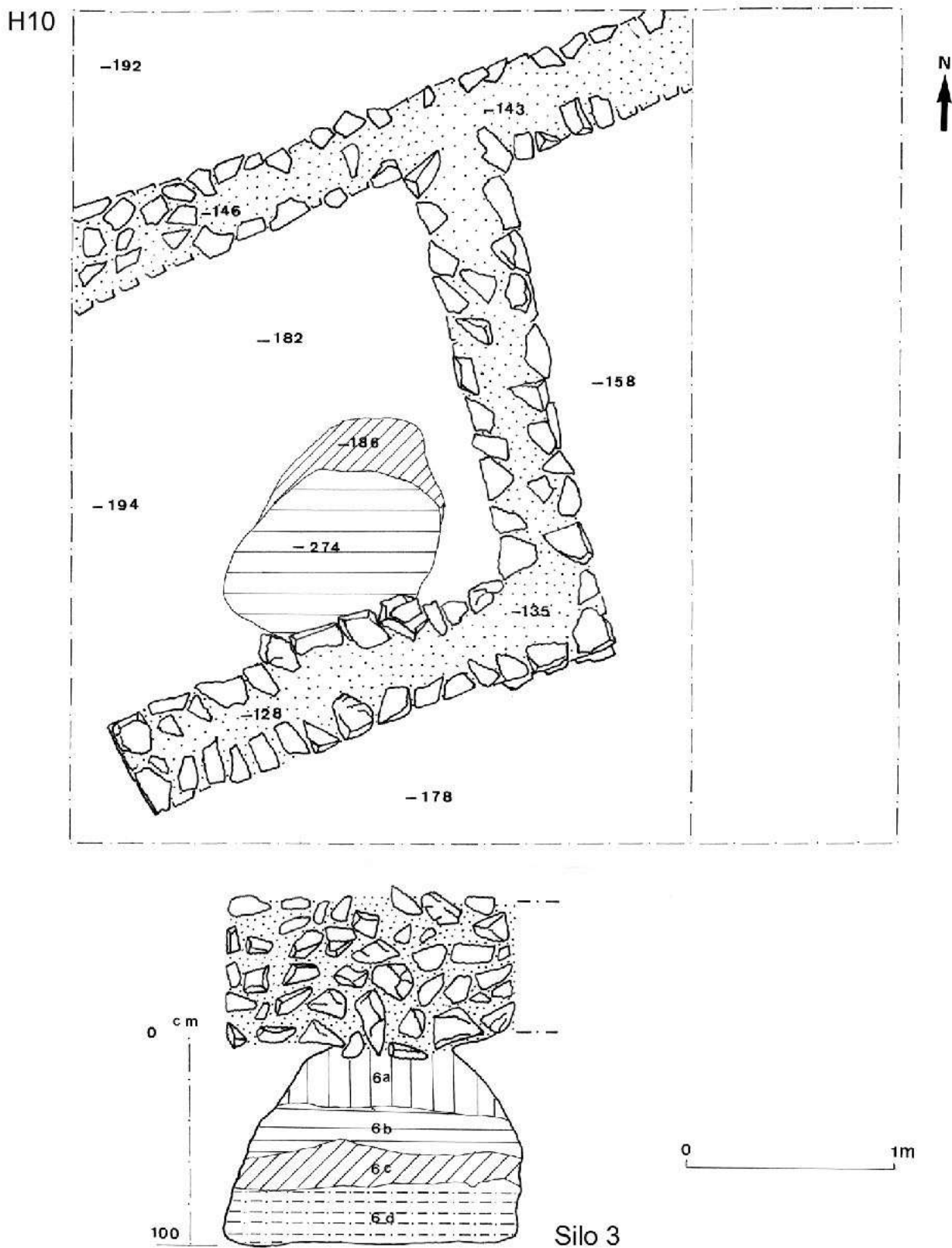


Fig. 12: Perfil do Silo 3, retirado de CATARINO, Helena (1997/98c) - O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica, In *Al- 'Ulyà*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Vol. III; nº6., pp.1186

recolhida e caracteriza-se como um conjunto de pedras que encaixavam umas nas outras. No entanto, devido à construção de uma outra habitação, acabou por ser lateralmente cortado (Catarino, 1995:15-17).

O espaço habitacional quatro, ocupa a quadrículas J10, J11 e um canto do quadrado K10, estando sob os alicerces de uma casa recente, revelando um espaço habitacional incompleto. Os alicerces assentavam, como outros espaços anteriores, directamente sobre o nivelamento da rocha (feito com pequenas pedras e telhas partidas) (Catarino, 1999/00: 81).

As paredes identificadas encontram-se num estado de degradação avançado. No entanto foi possível identificar os alicerces desta, constituídos por pedras de pequena e média dimensão que teriam sido enchidas com terra (estes atingem cerca de 40 a 50cm de altura), a restante parte era em taipa. Foi possível identificar dois compartimentos voltados para o pátio interior, detendo este núcleo habitacional uma disposição do espaço em forma de L.

O pátio teria uma forma quadrangular, com cerca de $5,46\text{m}^2$. O solo seria pavimentado com lajes. Neste foram encontradas cerâmicas, nomeadamente duas painelas e um cântaro/bilha. Esta zona teria ligação ao espaço da cozinha através de um vão com cerca de $75/6\text{cm}$ de largura, com laje na soleira da porte. Esta detinha cerca de $7,20\text{m}^2$, e o pavimento era de terra batida. As paredes ainda conservavam vestígios de cal (tido sido encontrados com grande frequência fragmentados sob o solo). Foram identificadas duas estruturas neste espaço, uma era uma lareira e a outra um forno (Catarino, 1999/00: 82).

A lareira, situada no canto sudeste do compartimento estava dividida em duas por lajes de 2m por 60cm . Sobre estas, havia uma mancha de argila compactada com grande quantidade de carvões e cinzas tendo-se recolhido na zona envolvente pregos e fragmentos cerâmicos. O forno estava enquadrado entre dois muretes laterais de pedra na zona norte do compartimento. Esta estrutura tinha sido contemporânea da construção do compartimento estando directamente na parede (período tardo/almóada e reconquista).

O silo oito, encontra-se no quadrado J11, completamente selado sob o solo do espaço da cozinha. Com cerca de $50/60\text{cm}$ de diâmetro, em forma de saco, foi alargando até atingir os $1,70\text{m}$ de largura e os $1,50\text{m}$ de profundidade. Para tapar a abertura foi utilizada uma laje de xisto rodeado de pequenas pedras. Neste silo, foram exumadas cerca de 50 peças e uma grande quantidade de ossos e conchas. Este é anterior à habitação quatro, estando associado ao período almorávida (Catarino, 2017b:488).

Na parte norte do pátio foi identificado outro compartimento incompleto, com aproximadamente 3,20m². Foi identificada uma lareira com uma técnica de construção diferente, em que inicialmente se construiu uma pequena fossa circular com cerca de 50cm de diâmetro escavada na rocha, de seguida terá sido depositado um pequeno conjunto de pedras queimadas, estando sob tudo isto uma camada de argila.

O silo quatro, do quadrado J10 detinha uma abertura de 90cm de diâmetro, com forma de saco onde as paredes vão alargando até 13,0m de diâmetro por 14,5m de profundidade. O espólio só é revelado depois de cerca de 50cm de pedra e 80/90cm de terra compacta, e encontra-se misturado com terras húmidas. Do espólio recolhido é possível enumerar, fragmentos de cerâmica, grande concentração de carvões, ossos, conchas, crustáceos e peças em ferro (Catarino, 1995:17).

O espaço habitacional cinco localiza-se nos quadrados K10/K11 e L10/L11 tendo uma área de cerca de 27 a 30 m². Não foi possível proceder à escavação da totalidade desta casa tendo sido identificados três compartimentos, uma cozinha com uma lareira; um pequeno compartimento (alcova) e um pátio onde se encontravam dois silos, silo cinco e seis. Este detinha possivelmente e a mesma disposição do espaço habitacional anterior.

A cozinha, localizada na zona poente, detêm uma passagem para o pátio por um vão de porta com cerca de 70/75cm de largura, sob uma laje de xisto (soleira), das quais aparecem mais dois exemplares no interior da cozinha a definir um degrau (cozinha está a um nível mais baixo do que o pátio). Foi identificada uma lareira, que estava assente em lajes que cobriam a passagem de uma canalização que seguia até à muralha. Esta detinha cerca de 50 a 80cm de largura. Neste espaço foram recolhidos diversos fragmentos cerâmicos (Catarino, 1999/00: 85).

O silo seis, localizado na zona de cozinha, teve funcionamento até ao período almóada, sendo depois entulhado quando a construção de fundações de uma casa. Mesmo assim, foi possível identificar espólio como: ossos, conchas, carvões e cerâmica. Apresentava um perfil em forma de saco, uma abertura de 85cm de diâmetro por 1,5m de profundidade com o fundo alargado até 1,10m de diâmetro. A abertura estaria colmatada por pedras até cerca de 40cm de profundidade. Foi recolhido espólio referente à casa de época moderna, construída sob o espaço islâmico, séc. XVII de período barroco.

Ao pátio, não foi possível definir a área total deste, visto que o espaço que ocupa continua para a zona privada. Com pavimento em lajes na zona sul, deste foram recuperados cerâmicas almóadas, fragmentadas mas com possíveis colagens (panelas, tigelas e outras cerâmicas de fabrico manual).

O silo cinco está localizado neste compartimento, junto à zona da porta para a cozinha, não tendo sido entulhado nem usado como lixeira. Manteve-se em uso durante o período almóada encontrando-se selado com lajes, bem argamassadas com terra e telhas trituradas (fez com que o pavimento do pátio fosse compactado mas o silo não fosse entulhado). Para não destruir o pavimento o silo não foi aberto, no entanto, foi possível perceber que este tem um desnível de 1,72m e provavelmente encontra-se vazio (Catarino, 2017b:487). O pequeno compartimento, alcova, encontra-se bastante degradado, mantendo, mesmo assim, o pavimento em lajes que auxilia a na interpretação do espaço que detinha cerca de 1,20m de largura.

O último, espaço habitacional seis, está localizado nos quadrados L10/L11 e M10/M11, encontra-se num estado de conservação muito degradado devido a uma das valas de fundação da casa moderna ter cortado parte das paredes almóadas, só sendo possível a sua percepção graças aos alicerces das paredes. Foram encontradas no corte desta um pequeno fragmento de faiança com decoração azul. Presume-se a existência de um pátio (quadrado L10) e uma cozinha (zona poente), onde foram identificados os silos sete e nove (Catarino, 199/00: 86).

O Silo sete situado no quadrado L10 terá sido usado como uma lixeira sendo depois destruído durante a construção de uma casa moderna. Este detinha cerca de 90cm de diâmetro que ia alargando por 1,60m de profundidade. Durante o decorrer dos trabalhos foi possível constatar que este teria sido dividido enquanto lixeira, por uma espessa camada de argila e blocos de barro. Do espólio encontrado foram identificadas cerâmicas de época islâmica séc. XII, das quais foi possível a sua reconstituição total, carvões, conchas, ossos, um botão em osso polido, alguns pregos e uma lasca de sílex.

Já no silo nove, identificado no mesmo quadrado que o anterior, apresentava uma abertura com cerca de 70cm de diâmetro por 1,30m de profundidade. Em relação ao espólio recolhido foi possível identificar algumas cerâmicas modernas, tardo-medievais e islâmicas,

tendo sido encontrados, também, algum material faunístico. Este só terá sido entulhado no séc. XVIII, aquando da construção de uma habitação moderna (Catarino, 1999/00:92).

Em termos estratigráficos Helena Catarino, aferiu que nas primeiras camadas da escavação aparecem essencialmente materiais de época moderna. A cerâmica medieval só começa a ser identificada por volta do nível dois (a e b), sendo que em maior quantidade no nível três. Foi possível, neste nível, recolher peças quase integrais. Estes são recipientes típicos de contextos de cozinha e de servir à mesa de cronologia almóada. No entanto, o espólio em melhor estado de conservação encontra-se nos dez silos identificados e escavados, nos quais, por vezes, eram identificadas cerâmicas de transição do período almorávida para o almóada, séc. XII.

Anteriormente, no capítulo quatro, foram apresentados os diversos objectos em estudo, sendo eles de constituintes cerâmicos, metálicos e outros. Para um melhor estudo dos mesmos estes foram divididos consoante a sua forma e função. Assim, de um total de 121 objectos, 22 são referentes a cerâmicas de cozinha, 15 de mesa, quatro de mesa e cozinha, sete de armazenamento e transporte, quatro a recipientes de cozinha e uso pessoal, um de iluminação, 33 de tecelagem e utilitários, 17 de armamento e, por último, a categoria dos artefactos diversos, que detém 18 objectos, com espólio referente a actividades lúdicas, de indumentária e acessórios (Fig.13).

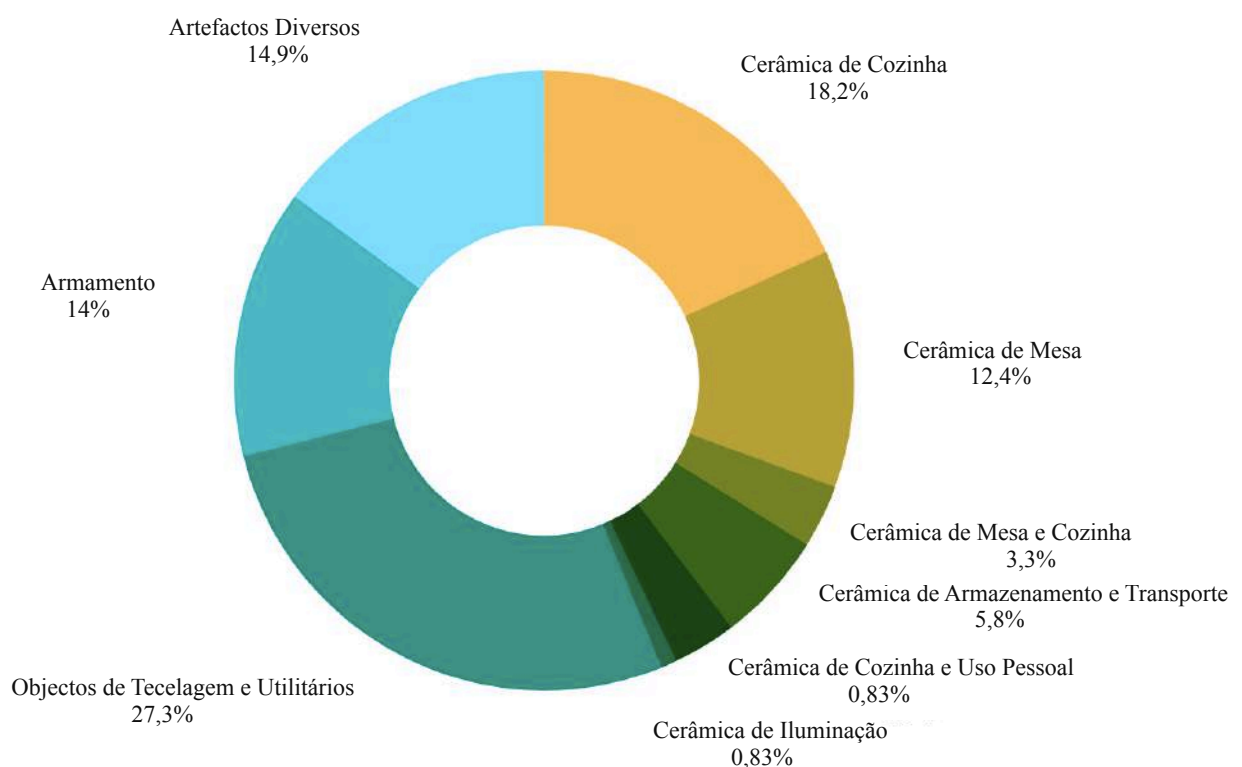


Fig. 13: Espólio em estudo

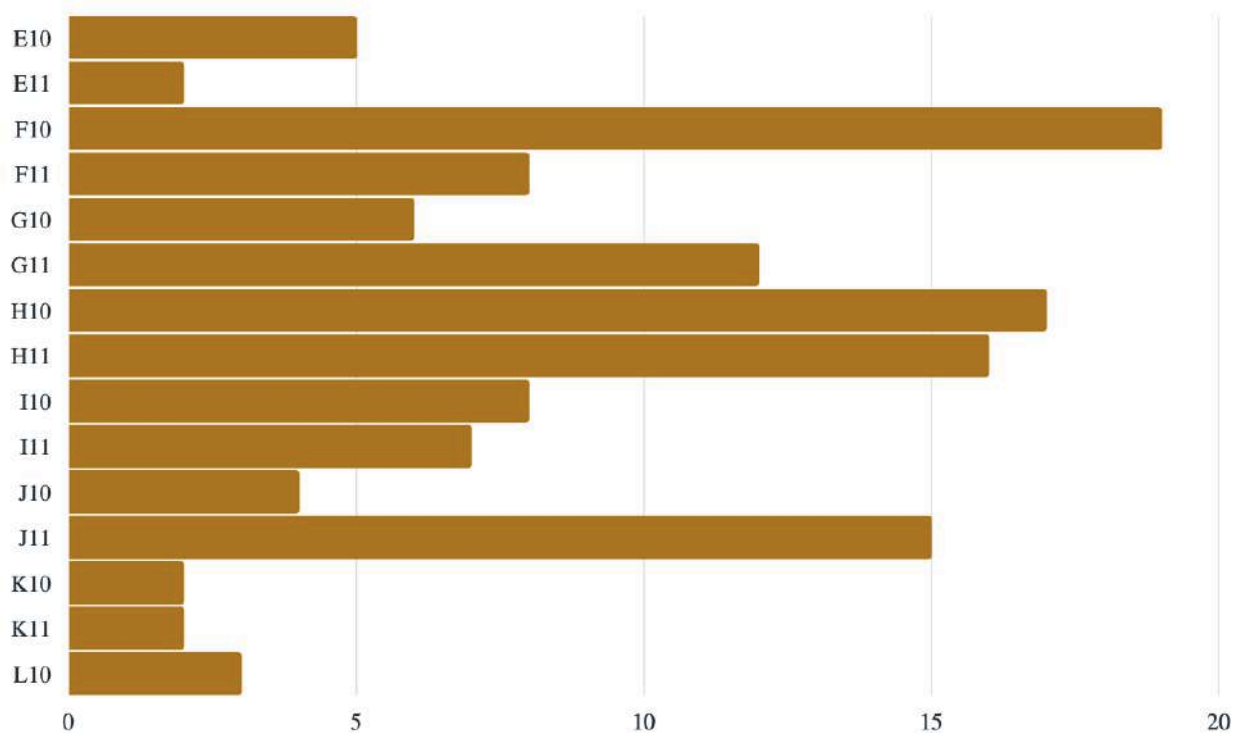


Fig. 14: Distribuição do Espólio por Quadrícula

Em termos da sua distribuição em contexto de escavação (Fig.14), foi possível concluir, no capítulo anterior do presente estudo, que os materiais se concentram com maior incidência nas quadrículas F10, G11, H10, H11 e J11, rondando entre os 12 e os 17 objectos por quadrícula; nas restantes, não ultrapassam os cerca de um a oito exemplares. Já em relação à incidência de materiais em contexto de silos (Fig. 15), constatou-se que existe uma maior frequência de recolha destes no Silo dez, com uma percentagem de 39,4%, e no oito, com 33,3%; os restantes detêm entre 3% a 9,1% de recolha de materiais.

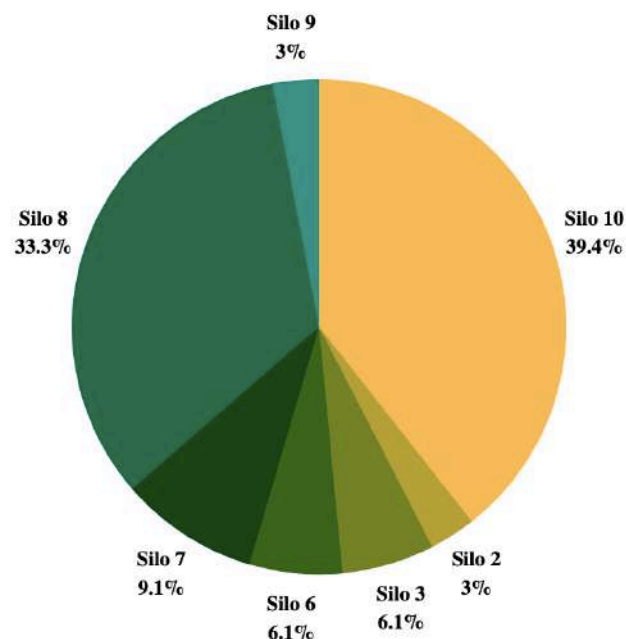


Fig.15: Distribuição do Espólio por Silos

Foi possível caracterizar os materiais em termos de pasta, desde os ENP, a técnica de fabrico utilizada, o tratamento da superfície e a decoração (Fig. 17 e 18), formando assim, algumas concepções do tipo de objectos que a população usava. Estes apresentavam uma grande frequência de pastas fabricadas com ENP de calibres finos a médios (33), seguindo-se os finos (15), os médios a grossos (5) e dois de calibre médio, não existindo indivíduos com elementos não plásticos de calibre grosso (Fig. 16).

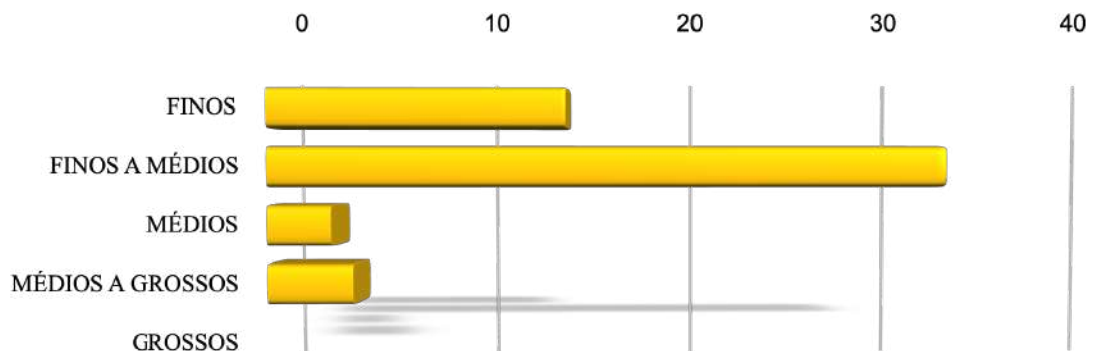


Fig. 16: Elementos não Plásticos, incidência

Já em termos de técnica de fabrico utilizada para a construção destas é maioritariamente o torno alto torno, seguindo-lhe a técnica afeiçoada, talhada, polida, manual e forja possível observar na figura 17.

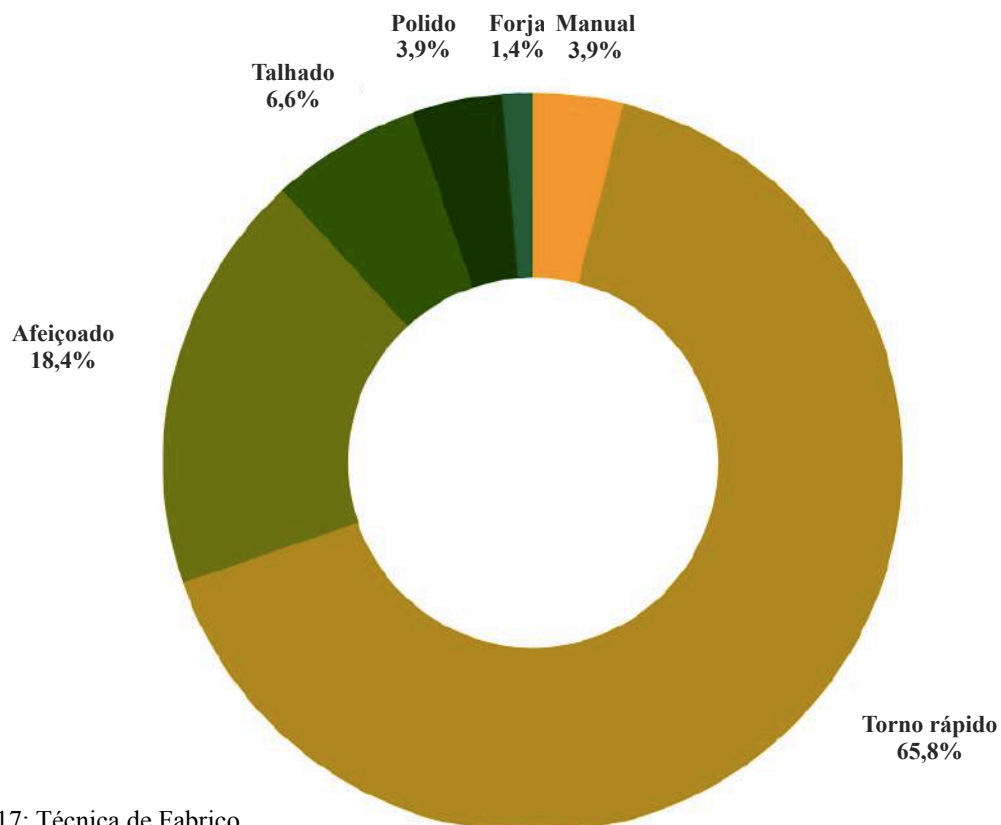


Fig. 17: Técnica de Fabrico

O tratamento das superfícies também é um dado determinante no estudo do espólio cerâmico. Assim foi possível constatar, o tipo de tratamento que era aplicado às superfícies como alisado (37), rugoso (6), engobe (3), vidrado (7) e brunido (1). Estes últimos podem ser considerados, também, uma forma decorativa, estando presentes inclusive nos parâmetros descritores a seguir.

Em termos de decoração (Fig.18) presente neste estudo, foi possível constatar que esta detém uma grande variedade, sendo a mais recorrente a ausência de decoração, sendo quando presente frequente a utilização de caneluras, seguindo-se a pintura, os vidrados, a incisão, o relevo e as aplicações.

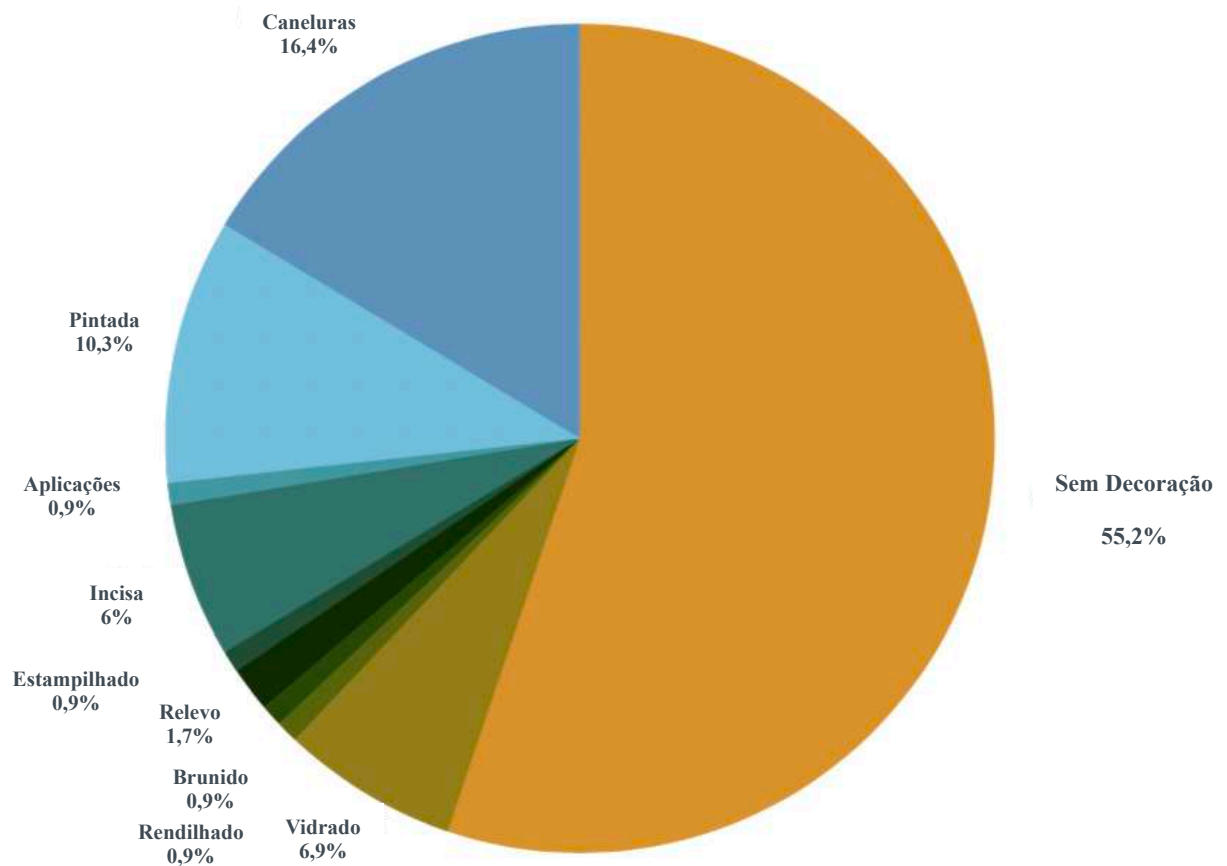


Fig. 18: Decoração presente no Espólio em estudo

Graças aos descritores acima apresentados, foi possível enquadrar os materiais em épocas cronológicas. Grande parte dos objectos enquadram-se em época almorávida e almóada (séc. XII-XIII), que coincide com a datação de grande parte das estruturas identificadas no decorrer dos trabalhos. Também foram identificados materiais característicos

do séc. X a XI (1%), XI a XII (3%), séc. XII (3%), séc. XII a XIII (77%), séc. XII a XIV

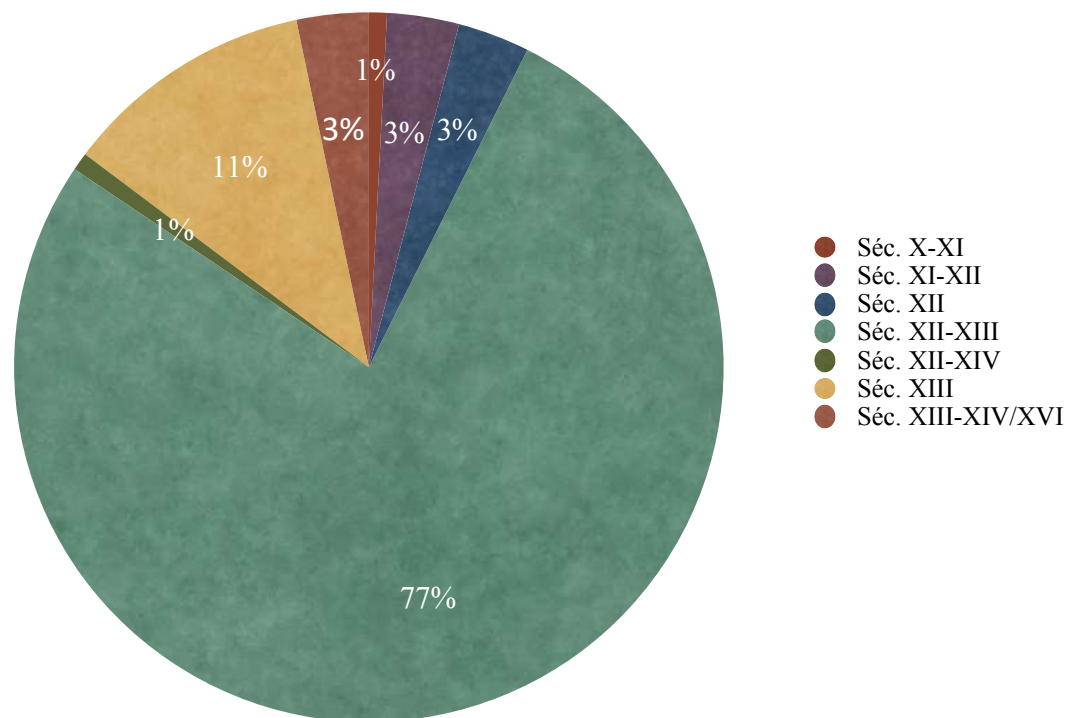


Fig. 19: Períodos Cronológicos dos Materiais

(1%); séc. XIII (11%) e séc. XIII a XIV/XVI (3%) (Fig.19).

Com todos os descritores acima referidos, foi possível definir paralelos dos materiais do Castelo de Salir pelo território da actual Península Ibérica, estando estes expostos na figura 20 e 21, em formato de tabela, com a frequência que estes são identificados durante estudo. Podemos, assim, concluir que existe uma maior incidência de paralelos na zona sul de Portugal, principalmente na zona este do Algarve e Alentejo.

Já na zona centro de Portugal, foram identificados poucos exemplares idênticos aos em estudo, sendo um em Alcácer do Sal, um em Santa Olaia (Figueira da Foz), dois em Palmela e um em Santarém. Nas zonas espanholas a sul de Madrid, encontram-se em oito locais com uma incidência de um a cinco exemplares.

Conclui-se, assim, que a maioria de objectos presentes neste estudo são recorrentes em sítios de época almóada, incluindo os materiais de tecelagem e utilitários. Neste último caso, tal acontece porque a comunidade estava muito voltada para o pastoreio e, por conseguinte, a tecelagem como subproduto (referido anteriormente no subcapítulo 3.1). Fabricado a partir de ossos, este tipo de materiais, mais concretamente os cossoiros e os cabos de roca, apresentam-

se por vezes decorados, com incisões e relevos, datados do séc. XII-XIII, com paralelos na zona de Murcia, Alicante, Mértola e Alcaria Longa.

Em termos de produção cerâmica, não foram encontradas evidências concretas da existência de uma olaria. No entanto, as condições deste local, desde geológicas a geográficas, podem apontar para a possível existência de tal.

Assim, constatou-se que a grande maioria das peças apresentam cuidado no seu fabrico, estando maioritariamente presentes ENP de calibre fino ou fino a médio, em que as superfícies foram alvo de algum tipo de tratamento como alisado, vidrado, engobe ou brunido.



Fig. 20: Mapa da Incidência de Paralelos

Locais	Incidência
Vale do Bôto	4
Mértola	13
Burriana	1
Santarém	1
Cáceres	1
Badajoz	1
Mesas do Castelinho	2
Tavira	4
Loulé	9
Beja	2
Palmela	2
Castillo de la Torre Grossa	3
Paderne	1
Castelo Velho de Alcoutim	2
Montinho das Laranjeiras	1
Dunas de Guardamar	2
Santa Olaia	1
Múrcia	5
Niebla	2
Alcácer do Sal	1
Silves	11
Cidade das Rosas	3
Moura	1
Cádiz	3
Faro	1
Cacela Velha	1
El Amendral	1

Fig. 21: Tabela dos Paralelos

A técnica de fabrico mais usual no espólio cerâmico, alvo do presente estudo, é a utilização do torno rápido, fornecendo oportunidade para um produto final menos rudimentar e mais fino, acrescido pela utilização de decoração, com as técnicas de pintura, vidrado e caneluras, que fornecem uma estética mais apelativa à peça demonstrando um interesse pela sua exposição.

Graças ao estudo foi possível reforçar ainda mais concretamente a datação do local, tornando-se obvio que, conjugando com outros trabalhos realizados no local, nomeadamente os de Helena Catarino, traçasse, assim, uma linha de ocupação contínua deste em período islâmico, nomeadamente a transição do almorávida para o almóada. Com a existência de um tipo de confronto bélico na ocupação final do território, tomado por volta de 1248/49, justificada pela grande quantidade de armamento presentes no estudo.

Foi assim possível caracterizar as influências/contactos que este local poderia deter, sendo um indício para possíveis contactos comerciais ou influências estilísticas, mais concretamente dos locais que rodeavam o castelo como Silves, Mértola, Loulé (Cerca do Convento, Quinta da Boavista, Quarteira, São Clemente e Rua das Bicas) e Vale do Bôto.

5.2. O Castelo de Salir e as fortificações almóadas

É possível uma comparação do Castelo de Salir com outros de cronologia similares. Estes construídos/remodelados em época almóada, com a utilização da taipa militar (técnica previamente descrita) e com a presença das inovações almóadas como, as torres albarrãs (torres afastadas da muralha, a ela ligadas por passadiço superior), sistemas de entrada em cotovelo e barbacãs/parede frontal (habitual em fortificações urbanas) (Ramírez Águilla, 2015: 20-43).

As construções baseavam-se em medidas padrão com os taipais a medir entre dois côvados de largura por três/quatro de comprimento.

Usualmente as muralhas teriam uma base em pedra (alvenaria), com a aplicação de cal e areia que auxiliava na proteção da estrutura contra os elementos externos como a chuva e as possíveis infiltrações. Por vezes seria utilizada uma solução idêntica para imitar silharia no exterior da muralha, sendo mesmo assim usual erosão nos segmentos de muralha (Leitão, 2017:113-119).

Estes castelos desenvolviam-se em recorte rectilíneo, com cantos de ângulo definidos. É recorrente o reaproveitamento de recursos locais (outras construções já existentes, terra, argila, moluscos, cerâmica, ossos, etc), detendo entradas simples, muitas vezes somente um arco ultra circular ou ligeiramente pontiaguda e recto (Marqués Bueno e Guirriarán Daza, 2008: 115-134).

Juntamente com as novas construções de época almorávida e almóada também se deram as reconstruções de muitas fortificações já existentes, para impedir o avanço da reconquista cristã, sendo casos como Silves, Alcácer do Sal, Juromenha, etc. exemplos de requalificações almóadas do espaço fortificado, acrescentando diversas inovações almóadas anteriormente descritas como as torres albarrãs e as portas em cotovelo.

Os castelos de taipa de período almorávida e almóada fazem parte de uma grande malha de sistemas defensivos, existindo assim uma serie de “arquitectos” que desenhavam e efetuavam edificios sob a ordem do regime almóada, criando uma mensagem de unidade e propagandista.

As fortificações almóadas podem ter sido simples protetores da comunidade local, depois tomam funções militares, como sedes de comarcas rurais na convergência de várias caminhos (Catarino, 1994b: 335-344)

É possível concluir que os castelos com ocupação almóada não divergem muitos uns dos outros em termos construtivos nem em termos de espólio recolhido.

Para auxiliar esta comparação foram escolhidos quatro castelos portugueses, localizados abaixo de Lisboa, com ocupação almóada.

Estes são divergentes em termos de tamanho e povoação que protegem visto que Salir, Paderne e Juromenha são considerados comarcas rurais enquanto que Silves e Alcácer do Sal são cidades com importância no território do Gharb Al-Andaluz. No entanto, foi considerada pertinente a escolha deste tendo em consideração a sua posição geográfica, o grau de importância no território e os trabalhos realizados no local (dados publicados).

As fortificações presentes em comparação foram escolhidas em detrimento de outras como o Castelo de Loulé, Castelo de Moura, Castelo de São Jorge, Cerro do Castelo da Nave, Castelo Velho de Alcoutim, Castelo de Palmela, Fortificação de Monchique simplesmente ou por questões cronológicas, geográficas ou por questões teóricas (diminutos trabalhos realizados sobre os locais).

Assim sendo, é considerado importante a comparação entre estes tipos de fortificações pois auxiliam na percepção da ocupação almóada no território português, caracterizando as diversas fortificações e o modo de vida da população através do espólio recolhido nos diferentes trabalhos realizados nos locais.

Em termos de espólio, foi somente alvo de comparação, as técnicas decorativas presentes nas peças de época almóada. Isto muito devido à falta de descritores mais específicos em alguns estudos.

O Castelo de Silves, uma cidade fortificada com uma grande influência no território algarvio. Construída em época emiral/califal, sendo consecutivamente alvo de reconstruções e novas construções durante os períodos de ocupação islâmicos (Gomes, 2009:477- 488).

Com três dispositivos defensivos, apresenta uma planta em polígono irregular, com duas entradas. Construídas em taipa, com elementos não plásticos de calibre grosso, sendo usado como aglutinante cal, com uma grande percentagem de compostos sílicos.

Tal como muitas outras fortificações esta tem por base uma sapata de alvenaria constituída por pedras de diversos tamanhos, sendo revestida por uma solução no exterior para imitar a silharia, actuando como protetor da muralha contra elementos externos, bem

como transmite a ideia de uma fortificação robusta e de ataque mais difícil (Leitão, 2017:113-119).

Foram identificadas 11 torres, com influência construtiva almóada tendo sido identificada a utilização de inovações almóadas como torres albarrãs.

Com medina e alcáçova definidas, foi possível identificar diversos segmentos de muralha, com entradas protegidas por torres. No interior foram identificados diversos núcleos habitacionais típicos de período almóada, com casas de pátio ou vários pátios, de diversos estratos sociais, incluindo locais de culto, zonas de palácio e zonas públicas como os banhos (Gomes e Gomes, 2014: 196-201).

Silves centralizava o poder religioso, político, administrativo e militar, detendo durante o período de ocupação islâmica sucessivas reconstruções que permitiram a construção de canalizações, silos de armazenamento e cisternas que facilitaram o bom funcionamento da cidade com um grande aglomerado populacional (Gomes, 1991: 387-403).

Em relação ao espólio recolhido é possível salientar que existem evidências de diversos períodos cronológicos desde o séc. VIII, com cerâmicas importadas do Médio Oriente. Foram, também, identificadas cerâmicas do séc. X, com superfícies vidradas e esmaltadas.

Já em termos de espólio almóada, foram recolhidos materiais cerâmicos com incidência em decoração com elementos típicos do séc. XII a XIII, como as superfícies vidradas, meladas, brunidas, pintadas, esmaltadas, estampilhadas com alusivos motivos geométricos (como losangos e triângulos), com diversas referências a motivos zoomórficos. etc.

A decoração extrema presente nas peças, está relacionada com a importância do Castelo em questão sendo um polo essencial para a comunidade e um centro de riqueza e poder na zona Algarvia.

Em relação às formas, foi frequente a presença de formas abertas carenadas, ou fechadas de colo alto e corpo globular, de tamanho sensivelmente mediano a pequeno, com número reduzido de peças de grande porte, como as grandes talhas extremamente decoradas (Gomes, 1988: 143-205).

A decoração extrema presente nas peças, é resultado da importância do Castelo em questão, sendo um pólo essencial para a comunidade e um centro de riqueza e poder na zona

Algarvia, que acabou por ser conquistado por volta de 1252 pelos cristãos, detendo uma contínua ocupação, sendo diversas vezes alvo de restauro.

O Castelo de Alcácer do Sal é, também, uma fortificação citadina, com um grande aglomerado populacional, não tendo a mesma importância que o Castelo de Silves.

Também edificado em época califal/emiral, acaba por ser várias vezes reconstruído principalmente em período almóada, com a reconstrução em taipa militar de boa qualidade com elementos não plásticos de calibre fino, de concentração elevada em cal como ligante.

Com setes torres (uma albarrã), de forma quadrangular, base em alvenaria aparelhada irregular, esta seria revestida no exterior para imitar a silharia (Leitão, 2015: 82-128).

Cidade amuralhada com planta em polígono irregular, com três entradas defendidas por torres ou em cotovelo era dividida em mediana e alcáçova, como usual, detinha uma mesquita de séc. XI, espaços de armazenamento (silos para armazenamento de cereais e frutos) e estruturas subterrâneas como fossas sépticas para saneamento básico (canalizações) e poços.

Com diversos núcleos habitacionais identificados, maioritariamente do séc. XII a XIII, foi possível recolher espólio associado ao povoado em questão, sendo este maioritariamente de cronologia almóada, com cerâmicas decoradas utilizando técnicas típicas de época (vidrado, melado, esgrafitado, estampilhado, com cordões verticais, caneluras, relevo, incisão e pintura, em especial a referência à representação de Mão de Fátima), estando muito presentes os motivos vegetalista.

Os objectos cerâmicos seriam maioritariamente formas abertas, carenadas, de tamanho médio a pequeno, com quantidade reduzida de peças de grandes dimensões (Leitão, 2006:23-39).

No entanto, não foram recolhidas somente peças cerâmicas, tendo sido identificado em grande quantidade material militar, como pontas de flecha e projecteis de funda, dedal de arqueiro, bem como material de tecelagem como torres de roca em osso trabalhado.

Conquistado por volta do ano de 1217 pelas investidas cristãs, tendo sido continuamente ocupada até ao séc. XIX, quando foi deixada ao abandono (Cotrim, Faria e Silva, 2018: 1480-1489).

No caso do Castelo de Juromenha, este tal como Silves e Alcácer do Sal, foi erguido em época emiral/ califal, tendo sido diversas vezes reconstruída durante a sua ocupação. No

entanto, é uma simples comarca rural, sendo o recinto em forma de polígono irregular com paramentos sete panos de muralha em taipa, com inertes finos de calibre variado, rica em pedra, com baixa percentagem de argila. A muralha apresenta diferenças na sua composição, detendo troços com irregularidades métricas (Bruno, 2000: 26-68).

Esta fortificação dividia-se entre dois recintos construídos em épocas diferentes (medieval islâmico e medieval), detendo uma ocupação até ao séc. XVII.

Reaproveitada para auxiliar na proteção contra investidas espanholas, com um total de 14 torres, foram identificadas algumas restaurações de época almóada, mantendo-se em base de alvenaria (Leitão, 2017:113-119).

No interior do castelo foi possível identificar núcleos habitacionais, tendo sido recolhido um espólio maioritariamente cerâmico do séc. XVIII a XIX. Foram, ainda, identificadas cerâmicas de cronologia romana, como clara fina e *terra sigillata*, bem como cerâmica almóada, com decorações vidradas, corda seca, meladas, com óxido de manganês, carenadas e/ou brunidas. As peças são, assim, datadas dos séc. XI, XI-XII e XII-XIII, não sendo encontradas referências antes do séc. X.

O Castelo da Juromenha levanta questões em relação à sua edificação, com a utilização da taipa, que faz remontar a construção dos castelos de época islâmica à ocupação almorávida e almóada do território. No entanto, a ausência de torres albarrãs e de entradas em cotovelo afastam a possibilidade de construção deste período, levando a que os estudiosos, segundo Fernando Branco Correia e Christophe Picard, a indicar uma possível construção dos aftácidas, reis taifas de Badajoz (Correia e Picard, 1992: 71-89).

O Castelo de Paderne é igualmente uma comarca rural, neste caso edificado no período almóada, tendo por bases as construções típicas de época.

Fortificação construída em taipa, com componente não plásticos de calibre muito fino, com pouca quantidade de cal revestida no exterior com bandas pintadas a branco para imitar silhares (Leitão, 2017:113-119).

Apresenta uma planta trapezoidal irregular, com muralhas de espessura entre os 1,90 aos 2,10 metros, que assenta diretamente na rocha, detendo como base alvenaria de pedra em alguns panos de muralha.

Foi somente identificada nesta fortificação uma única torre de estilo albarrã, com uma planta quadrangular, que limita uma entrada em cotovelo.

Este Castelo foi minuciosamente planeado, tendo sistema de canalização, cisternas e sistemas de armazenamento no solo (silos), com núcleos habitacionais maioritariamente do séc. XII a XIII, sendo em alguns setores sobreposto por habitações tardo-medievais ou de época moderna. Estão maioritariamente presentes habitações de planta rectangular, desenvolvendo-se em torno do pátio.

Durante os trabalhos arqueológicos foi recolhido o mais diverso espólio, desde cerâmico até objectos de cariz militar ou relacionados com a tecelagem, de cronologia maioritariamente almóada. Tal é comprovado com a utilização de decoração vidrada, carenada, melada (escura e esverdeada), com aplicação de cordões plásticos, estampilhada, a óxido de manganês, corda seca em peças de forma aberta, quase sempre carenadas, ou fechadas, com grande frequência, colo alto e corpo globular. Em termos de objectos militares foram identificadas pontas de lança, virotes de besta, punhais e espadas (Catarino e Inácio, 2005: 281-298).

O Castelo de Paderne é tomado por investidas cristãs em 1248, tendo sido consecutivamente ocupado até ao séc. XVI, onde é definitivamente abandonado.

Em modo de conclusão após a comparação com o Castelo de Salir descrito anteriormente no subcapítulo 5.1, é possível constatar, na figura 22, a influência almóada na paisagem do território português, com a criação de fortificações que alteravam a paisagem, bem como modificavam o quotidiano dos povos que habitavam os povoados sob sua alçada.

Assim, podemos afirmar que as alterações implementadas iam desde as mais simples, como técnicas de decoração diferentes ou mesmo objectos que tomam forma diferente, até aos mais desafiantes, mais concretamente as inovações construtivas como as torres albarrãs, ou entradas em cotovelo.

Desta análise foi possível concluir que, mesmo com importância política diferente ou mesmo de dimensão diferente da fortificação, todos foram alvo de influências idênticas. Torna-se óbvio que os almóadas usavam a uniformização das suas fortificações e dos seus objectos como uma forma de diferenciação com outras ocupações anteriores e contemporâneas. Com o intuito de demonstrar o seu poder, prestígio e união, utilizando técnicas elaboradas em termos decorativos, sendo, por vezes, utilizados em conjuntos diversos, bem como com dispositivos defensivos complexos.

	Salir	Paderne	Silves	Álcacer do Sal	Juromenha
Cronologia de construção	Época almóada	Época almóada	Época Emiral/ Califal	Época Emiral/ Califal	Época Emiral/ Califal
Tipologia	Rural	Rural	Cidade	Cidade	Rural
Planta	Polígono irregular	Trapezoidal irregular	Polígono irregular	Polígono irregular	Polígono irregular
Muralha	<ul style="list-style-type: none"> - Taipa de qualidade fraca, composição grosseira, com base de alvenaria bem argamassada com cal - Construção feita em espigão em forte declive assentando diretamente em brecha calcária - Entrada principal ainda por definir 	<ul style="list-style-type: none"> - Taipa, com elementos não plásticos de calibre fino, muito terrosa, com pouca quantidade de cal - Base em alvenaria bem argamassada com cal - Com, revestimento a imitar silharia - Presente portas em cotovelo 	<ul style="list-style-type: none"> - Taipa, com utilização de elementos não plásticos de calibre grosso, cal como aglutinante com grande percentagem de compostos sílicos - Base em alvenaria - Com revestimento no exterior a imitar silharia - Três dispositivos defensivos tendo sido diversas vezes restaurados - Duas entradas 	<ul style="list-style-type: none"> - Taipa de boa qualidade de elementos não plásticos de calibre finos, concentração elevada de cal como ligante - Base em alvenaria - Dois panos de muralha - Três entradas, sendo duas defendidas por torres e outra em cotovelo - Com revestimento no exterior para imitar silharia - Com fosso associado 	<ul style="list-style-type: none"> - Taipa de boa qualidade. De elementos não plásticos de calibre finos, com grande concentração de cal - Base em alvenaria - Com revestimento a imitar silharia - Diferentes composições dos troços da muralha - Dois dispositivos defensivos
Torres	<ul style="list-style-type: none"> - Quatro torres quadrangulares - Em taipa - Uma albarrã 	<ul style="list-style-type: none"> - Uma única torre (albarrã) 	<ul style="list-style-type: none"> - 11 no total - Com influência almóada (albarrã) 	<ul style="list-style-type: none"> - Sete torres quadrangulares - Com presença de ameias - Presença de torres albarrãs (em taipa com base em alvenaria) 	<ul style="list-style-type: none"> - 14 no total - Com base em alvenaria

	Salir	Paderne	Silves	Álcacer do Sal	Juromenha
Espólio	<ul style="list-style-type: none"> - Espólio maioritariamente referente ao séc. XII a XIII - Presente cerâmicas com decoração de tipo estampilhado, melado, vidrado, inciso, pintada e em relevo - Formas abertas em grande quantidade, usualmente carenadas - Formas fechadas maioritariamente em corpo globular - Grande quantidade de espólio relacionado com armamento - Presente artefactos em osso (maioritariamente e para a tecelagem) - Frequente o material em ferro, tanto de guerra (armamento) como de tecelagem (fusos) 	<ul style="list-style-type: none"> - Grande quantidade de espólio referente aos séc. XII e XIII - Presentes em grande frequência as cerâmicas com decoração melado escura, estampilhada, carenadas, cordões plásticos, vidrados, óxido de manganês e corda seca - Presença de artefactos em osso (maioritariamente para tecelagem) - Instrumentos musicais - Grande quantidade de espólio de guerra (armamento) - Predominam as formas abertas carenadas - As formas fechadas caracterizam-se por corpo globular e colo alto - Peças maioritariamente de tamanho pequeno a médio, sendo de menor frequência os objectos cerâmicos de grande dimensão 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificado espólio desde o séc. VIII - Presentes em maior incidência os temas decorativos, vidrados, pintado, com aplicações, esmaltados, estampilhados, formando motivos geométricos (losangos e triângulos) - Identificadas referências decorativas zoomórficas - Com grandes talhas extremamente decoradas - Peças maioritariamente de dimensão mediana e pequena - Presença constante de forma abertas carenadas - Formas fechadas de colo alto e corpo globular 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior incidência de material do séc. XII a XIII - Cerâmica com decoração variada, típica do séc. XII-XIII, com vidrado, melado, esgrafitado, estampilhado, com cordões verticais, caneluras, relevo, incisão e pintura (em especial a referência à representação de Mão de Fátima) - Presente os motivos vegetalistas - Predomínio de formas abertas carenadas - Pouca quantidade referente a peças de grandes dimensões, sendo as talhas maioritariamente alvo de decoração estampilhada - Grande quantidade de espólio de guerra (armamento) 	<ul style="list-style-type: none"> - materiais encontrados maioritariamente do séc. XVII-XIX - Grande concentração de faiança séc. XVII-XVIII - Cerâmica romana (clara fina, terra sigillata) - Islâmica (séc. X-XIII) (vidrado, melado, traços manganês, brunido)

Fig. 22: Tabela Comparativa entre Castelos de Salir, Paderne, Silves, Alcácer do Sal e Juromenha

6. Considerações Finais

Em modo de conclusão posso afirmar que o estágio realizado na Câmara Municipal de Loulé foi bastante enriquecedor, tanto a nível profissional como pessoal.

Tendo em conta a situação pandémica de COVID-19, que acabou por dificultar a continuidade do estágio e, de todas as adversidades que daí resultaram, considero bastante positivo o meu percurso ao longo dos quatro meses de trabalho na entidade de acolhimento.

A elaboração do estágio deteve os seus altos e baixos, sendo as maiores dificuldades relacionadas com a identificação de peças e correspondência de peças por inventariar museologicamente, assim como ausência/mudança de local onde deviam estar acondicionadas.

A bibliografia também foi um assunto que albergou os seus problemas, aquando não disponível online. Esta não era facilmente consultada devido às circunstâncias pandémicas do primeiro semestre do ano de 2020. No entanto, o contacto com Câmaras Municipais e mesmo com o Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, colmataram este problema dispondo, em certos casos, o envio em formato digital do material necessário para a produção de conteúdo.

Durante este estágio, foram desenvolvidos paralelamente trabalhos com os Serviços Educativos da Câmara Municipal de Loulé, onde participei activamente na elaboração de actividades para as crianças do concelho. Estas consistiam em adivinhas sobre objectos da Cozinha Tradicional e trabalhos de expressão artística sobre a lenda da Moura Cássima. Foi possível participar também, nos trabalhos de conservação e restauro, auxiliando na colagem de materiais pertencentes ao espólio da Câmara Municipal de Loulé, provenientes da Rua das Bicas.

O objectivo geral deste estágio era a análise dos parâmetros das fichas de inventário dos acervos do museu, a actualização dos conteúdos presentes nestas, o estudo formal e funcional dos materiais seleccionados e a sua sucessiva catalogação. Foram assim analisadas todas as fichas de inventário, sendo quando necessário atualizadas/retificadas, estas serviram de base para a realização do estudo (capítulo 4) e para a elaboração do catálogo (anexo 1), sendo assim possível de afirmar que todos os objetivos foram atingidos.

A comparação entre o Castelo de Salir e outras fortificações de época almóada, nomeadamente Paderne, Silves, Alcácer do Sal e Juromenha, acabou por revelar uma uniformização das fortificações produzindo dados, embora que reduzidos, sobre a influência almóada no território do Gharb, em termos construtivos e estilísticos.

Com a participação neste estágio considero importante a aprendizagem e ter adquirido competências de trabalho em equipa multidisciplinar, gestão de tempo e de organização de conteúdos. Em relação ao estudo dos materiais e sucessiva comparação entre fortificações, aprendi a obter capacidades de análise e de gestão de materiais arqueológicos, preparando-me para poder, no futuro, encaminhar-me na prática da profissão e da investigação arqueológica, na elaboração de projectos, dar continuidade a este trabalho e, se for possível, realizar a publicação do presente catálogo.

Bibliografia

- ALMEIDA, Virgílio Luís de Castro (2014) - *Movimento Almóada: uma proposta para o século XII*. Dissertação de Mestrado, Escola de Ciências Sociais, Departamento de História; Évora. Disponível em (<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/11961/1/Movimento%20Almóada.pdf>) (acedido a 13-02-2020)
- BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia e FERREIRA, Isabel Cristina (2000) – *Pêra Guerreiar: Armamento medieval no espaço português*. Palmela: Câmara Municipal.
- BARROS, Pedro; MELRO, Samuel e ESTRELA, Susana (2014) - “As Estelas com escrita do Sudoeste do concelho de Loulé”. In *Al-'Ulyã*, Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. N.º14. Disponível em (https://www.researchgate.net/publication/309493501_As_estelas_com_escrita_do_Sudoeste_do_concelho_de_Loule) (acedido a 10-03-2020)
- BAZZANA, André (1983) - “Typologie...”: les habitats fortifiés du Sharq al-Andalus. In: *Castrum I. Habitats fortifiés et organisation de l'espace en Méditerranée médiévale*. Table ronde tenue à Lyon les 4 et 5 mai 1982. Lyon: Maison de l'Orient et de la Méditerranée Jean Pouilloux. pp. 19-27. Disponível em (https://www.persee.fr/doc/mom_0766-0510_1983_act_4_1_1940) (acedido a 20-02-2020)
- BERNARD, Lewis (1990) - *Os Árabes na História*; 2ª edição; Ed. Estampa, Lisboa
- BOLUFER MARQUÉS, Joaquín (1987) - “Aproximación al poblamiento islámico de los términos municipal de Xàbia y Benitatxell” (Marina Alta, Alacant). II. In *Congresso de Arqueologia Medieval Espanhol*, Madrid. Vol.II.
- BOONES, James (1993) - “The third season of excavations at Alcaria Longa”. In *Arqueologia Medieval 2*, Campo Arqueológico de Mértola, ed.Afrontamento, Porto. pp.111-125. Disponível em (<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2386>) (acedido a 18-04-2020)

- BRUNO, Patrícia (2000) - *A Fortaleza de Juromenha, Contributo para o estudo e conservação da muralha islâmica de taipa militar*; Universidade de Évora; Évora. Disponível em (https://www.academia.edu/3573183/A_Fortaleza_de_Juromenha_Contributo_para_o_estudo_e_a_conserva%C3%A7%C3%A3o_da_muralha_isl%C3%A2mica_de_taipa_militar) (acedido a 20-11-2020)
- BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COELHO, Catarina; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina; GOMES, Ana Sofia; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José; INÁCIO, Isabel; LIBERATO, Marco; SANTOS, Constança dos (2016) - “Em torno das cerâmicas de armazenamento As Talhas (al-hawâbî) no Gharb al-Andalus”, In *Al Madam*; Série II. Centro Arqueológico de Almada, Almada. pp. 41-52. Disponível em (https://www.academia.edu/42664245/Em_torno_das_Cer%C3%A2micas_de_Armazenamento_as_talhas_al_hawab%C3%ABi_no_Gharb_al_Andalus) (acedido a 20-05-2020)
- BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COELHO, Catarina; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina F.; GOMES, Ana; GONÇALVES, Maria José; GRANGÉ, Isabel; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LIBERATO, Marco; LOPES, Gonçalo e SANTOS, Constança (2019) - “El Servicio De Mesa Para Líquidos en El Garb Al-Andalus: Jarras e Jarritas - Jarras e Bilhas”. In *AL-KITAB: Juan Zozaya Stabel-Hansen, Carmelo Fernández Ibáñez (ed.). - ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE ARQUEOLOGÍA MEDIEVAL: Madrid*. pp. 363-371. Disponível em (https://www.academia.edu/42664251/El_servicio_de_mesa_para_l%C3%ADquidos_en_el_Garb_al_Andalus_jarras_e_jarritas) (acedido a 21-05-2020)
- BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina F.; GOMES, Ana; GONÇALVES, Maria José; GRANGÉ, Mathieu; INÁCIO, Isabel; GÓMEZ MARTÍNEZ; Susana e SANTOS, Constança (2010) - “Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus”; In *XELB 10, Actas do 7o Encontro de Arqueologia do Algarve*; Silves; pp.456-476. Disponível em (<http://www.camertola.pt/sites/default/files/CIGA.pdf>) (acedido a 16-05-2020)

- CANAS, Ricardo Jorge Quinto (2015) - “Flora y vegetación de la Serra do Caldeirão, Aproximação Fitossociológica”; (Dissertação de Doutoramento) Universidad de Jaén, Facultad de Ciencias Experimentales, Departamento de Biología Animal, Vegetal y Ecológica. Disponível em (<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjO85GtnZbuAhWpAWMBHRZkA6kQFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Fruja.ujaen.es%2Fbitstream%2F10953%2F651%2F1%2F9788484399063.pdf&usg=AOvVaw1KKrMyfbBzhM8TS9hUd69V>) (acedido a 15-08-2020)
- CARVALHO, António Rafael e FARIA, João Carlos (1994) - “Cerâmicas Muçulmanas do Museu Municipal de Alcácer do Sal”. In *Arqueologia Medieval* 3, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto. pp.101-111. Disponível em (https://www.academia.edu/980976/Cerâmicas_muçulmanas_do_Museu_Municipal_de_Alcácer_do_Sal) (acedido a 04-06-2020)
- CASIMIRO, Tânia Manuel (2013) - “Faiança portuguesa: datação e evolução cronostilística”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Direção-Geral do Património Cultural, Lisboa. Vol.16. pp.351-367. Disponível em (https://www.academia.edu/5790429/Faiança_portuguesa_datação_e_evolução_crono_estil%C3%ADstica) (acedido a 06-06-2020)
- CATARINO, Helena e ARRUDA, Ana Margarida (1981) - “Vale do Boto: escavações de 1981 no complexo árabe/medieval”, In *Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, vol. 3*; Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade de Lisboa; Lisboa; pp. 9- 24. Disponível em (<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/38492>) (acedido a 09-07-2020)
- CATARINO, Helena (1988) - *Para o estudo da Ocupação Muçulmana no Algarve Oriental*. (Provas de Capacidade Científica). Coimbra.
- CATARINO, Helena (1992a) - “Cerâmicas Islâmicas do Castelo de Salir”. In *Catálogo do Museu Municipal de Arqueologia*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.

- CATARINO, Helena (1992b) - “A fortificação muçulmana de Salir (Loulé): primeiros resultados arqueológicos”. In *Al-‘Ulyã*, Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Nº1, Loulé; pp.9-51. Disponível em ([http://cms.cm-loule.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/files/al-úlyá/Revistas/1/H.%20C.-A%20fortificação%20mulçulmana%20de%20Salir%20\(Loulé\).1992.p.9-51.pdf](http://cms.cm-loule.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/files/al-úlyá/Revistas/1/H.%20C.-A%20fortificação%20mulçulmana%20de%20Salir%20(Loulé).1992.p.9-51.pdf)) (acedido a 9-01-2020)
- CATARINO, Helena (1992c) - “O Castelo de Salir: Estruturas habitacionais e cerâmicas do período almóada”. In *Actas do 7º Congresso do Algarve*; Vilamoura. pp.19-25
- CATARINO, Helena (1993) - “Objectos de osso e de metal recolhidos nas escavações do Castelo de Salir (Loulé)”. In *Al-Úlyà*; Loulé:Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Nº 2, Loulé; pp. 17-31. Disponível em (http://cms.cm-loule.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/files/al-úlyá/Revistas/2/H.C.-Objectos%20de%20osso%20e%20metal%20recolhidos%20nas%20escavações%20do%20castelo%20de%20Salir.1993.p.17-31.pdf) (acedido a 03-02-2020)
- CATARINO, Helena (1994a) - “O Castelo de Paderne (Albufeira): resultados da 1ª Intervenção Arqueológica”. In *Arqueologia Medieval 3*, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto, pp. 73-87.
- CATARINO, Helena (1994b) - “Os Castelos de Taipa do Período Muçulmano no Sul de Portugal: O Exemplo de Salir (Loulé)”. In *Actas dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. XXXIV; Porto
- CATARINO, Helena (1995) - “O Castelo de Salir: Resultados das escavações dos Silos”. In *Al-Úly*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Nº. 4. pp. 9-30. Disponível em (http://cms.cm-loule.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/files/al-úlyá/Revistas/4/H.C.-O%20castelo%20de%20Salir%20Resultados%20da%20escavação.1995.p.9-30.pdf) (acedido a 05-02-2020)
- CATARINO, Helena (1997/98a) - “O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica”, In *Al-‘Ulyà*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Vol. I; nº6. Disponível em (<http://www.cm-loule.pt/pt/menu/1309/al-ulya-n-6---volume-i.aspx>) (acedido a 09-01-2020)
- CATARINO, Helena (1997/98b) - “O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica”, In *Al-‘Ulyà*. Loulé:Arquivo Histórico Municipal de Loulé.Vol. II; nº6. Disponível em (<http://www.cm-loule.pt/pt/menu/1421/al-ulya-n-6---volume-ii.aspx>) (acedido a 09-01-2020)

- CATARINO, Helena (1997/98c) - “O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica”, In *Al-‘Ulyà*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Vol. III; nº6. Disponível em (<http://www.cm-loule.pt/pt/menu/1422/al-ulya-n-6---volume-iii.aspx>) (acedido a 09-01-2020)
- CATARINO, Helena (1998) - “Fortificações da Serra Algarvia”. In *Portugal Islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*. Museu Nacional de Arqueologia. pp.207-220. Disponível em (<http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/wp-content/uploads/Cat-Portugal-Islamico-COMP.pdf>) (acedido a 20-02-2020)
- CATARINO, Helena (1999/00) - “O castelo de Salir: escavações da campanha de 1998”. In *Al-‘Ulyã*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Nº7. Disponível em (http://cms.cm-loule.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/files/al-úlyá/Revistas/7/H.C.-O%20Castelo%20de%20Salir%20escavações%20da%20campanha.1999.2000.p.77-128.pdf) (acedido a 07-03-2020)
- CATARINO, Helena (2017a) - “O Atual Território de Loulé no Período Islâmico”. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 450-462.
- CATARINO, Helena (2017b) - “O Castelo de Salir, Um distrito rural (Hisn e Qarya) Islâmico de Ocsonoba”. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp.480-491.
- CATARINO, Helena (2017c) - “Época Islâmica. Do Gharb ao Algarve: Cinco Séculos de Islão”. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 448-570.
- CATARINO, Helena e INÁCIO, Isabel (2005) - “Vestígios do Urbanismo islâmico no Castelo de Paderne: Uma primeira abordagem”. In *XELB 6 Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve*; Silves.
- CAVACO, Sandra (2011) - “O Arrabalde da Bela Fria. Contributos para o Estudo da Tavira Islâmica”. (Dissertação Mestrado) Universidade do Algarve; Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Campo Arqueológico de Mértola. Disponível em (<https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3109/2/Texto.pdf>) (acedido a 19-07-2020)
- CHALMETA, Pedro (1994) - *Invasión e Islamización, La sumisión de Hispania y la formación de al-Andalus*; Coleção al-Andalus; Fundación MAPFRE, Madrid

- CHEJNE, Anwar G. (1980) - *Historia de España Musulmana*; Ed. Cátedra, Madrid
- CORREIA, Fernando Branco (1991) - *Um Conjunto Cerâmico Árabe-Medieval de Beja*. Campo Arqueológico de Mértola. pp. 373-385. Disponível em (https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2181/1/23_Um_conjunto_cerâmico_árabe-medieval_Beja_CMMO_1991.pdf) (acedido a 22-07-2020)
- CORREIA, Fernando Branco e PICARD, Christophe (1992) - “Intervenção Arqueológica no Castelo de Juromenha: primeiros resultados”, In *Arqueologia Medieval, 1*, Campo Arqueológico de Mértola; ed. Afrontamento, Porto; pp. 71-89. Disponível em (<http://www.camertola.pt/sites/default/files/Arqueologia%20Medieval%201.pdf>) (acedido a 18-11-2020)
- COTRIM, Mafalda; FARIA, Paulina e SILVA, António Santos (2018) - “Conservação das muralhas de taipa militar do castelo de Paderne - uma história de intervenções”, In *Construção- Reabilitar e Construir de Forma Sustentável*, FEUP, Porto; pp. 1480-1489. Disponível em (https://run.unl.pt/bitstream/10362/65250/1/CN_Cotrim_et_al_intervencoes_castelo_paderne_Construcao2018.pdf) (acedido a 01-11-2020)
- COUTINHO, Helder M.R. (1993) - “Cerâmica Muçulmana do Montinho das Laranjeiras”. In *Arqueologia Medieval 2*, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto. pp.39-54. Disponível em (<http://www.camertola.pt/sites/default/files/Arqueologia%20medieval%202.pdf>) (acedido a 08-07-2020)
- CUNHA, Santinho Armando; GOMES, Rosa Varela (1990) - “Testemunhos Arqueológicos da Conquista Cristã da Alcáçova de Silves”. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990)*; Lisboa. pp.429-437.
- DELAPORTE, Sandrine e LÓPEZ BRAVO, Fernando (2011) - “Objetos Metálicos de Época Medieval procedentes de Recientes Excavaciones Arqueológicas Urbanas en Burricana”, In *La Arqueología de la Burriyyana Islámica, A La Borriana Cristiana*, Burriana; pp. 123-195. Disponível em (https://www.academia.edu/2149837/Objetos_metálicos_de_época_medieval_procedentes_de_recientes_excavaciones_arqueológicas_urbanas_en_Burriana) (acedido a 12-10-2020)

- D'ENCARNAÇÃO, José (2017) - “Dos Monumentos Epigráficos Romanos de Loulé”. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp.312-317.
- FABIÃO, Carlos (2017) - “Para a História da Arqueologia de Loulé”; In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 34-41
- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (1991) - “O Povoado Fortificado de Mesas do Castelinho, Almodôvar”. In *Actas da IV Jornadas Arqueológicas* (Lisboa 1990), Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. pp. 305-319. Disponível em (https://www.academia.edu/5992176/O_povoado_fortificado_de_Mesas_do_Castelinho_Almodovar) (acedido a 12-06-2020)
- FERNANDES, Isabel Cristina et al.,(1998) - “Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela”, In *Actas da 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e pós-medieval, Métodos e resultados para o seu estudo*. Câmara Municipal de Tondela. pp.211-255. Disponível em ([https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2127/1/Cerâmica_verde_Manganés_Castro_da_Cola_Cerâmica_Medieval_pós_medieval_1998.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2127/1/Ceramica_verde_Manganés_Castro_da_Cola_Ceramica_Medieval_pós_medieval_1998.pdf)) (acedido a 16-06-2020)
- FERNANDÉZ BARBA, Ramón (2006) - *Aporte de la Mesa (Chiclana de la Frontera, Cádiz) al estudio de la cerámica islámica del Garb al-Andalus*, Universidad Cádiz, Cádiz. Disponível em (https://www.academia.edu/3757019/Aporte_de_La_Mesa_Chiclana_de_la_Frontera_Cádiz_al_estudio_de_la_cerámica_islámica_del_Garb_al_Andalus) (acedido a 16-07-2020)
- GAMITO, Teresa Júdice (1998) - “Povoamento Rural no Gharb”. In *Portugal Islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*. Museu Nacional de Arqueologia. pp.143-175. Disponível em (<http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/wp-content/uploads/Cat-Portugal-Islamico-COMP.pdf>) (acedido a 12-09-2020)
- GARCIA, Cristina (2015) - *Cacela-a-Velha no contexto da actividade marítima e do povoamento rural do sudoeste peninsular nos séc. XII-XIV*. (Dissertação de Doutoramento) Universidad Huelva, Departamento de Historia; Hulva. Disponível em (<https://core.ac.uk/reader/60671003>) (acedido a 20-10-2020)

- GILOTTE, Sophie; CÁCERES GUTIÉRREZ, Yasmina e JUAN ARES, Jorge de (2012) - “Un Ajuar de Época Almorávide Procedente de Albalat (Cáceres, Extremadura)”. In *AL-BALÁT Vida y guerra en la frontera De al-Andalus (Romangordo, Cáceres)* Silves; pp.763-776.
- GILOTTE, Sophie; CÁCERES GUTIÉRREZ, Yasmina e GONZÁLEZ BORNAY, José Miguel (2017) - “Al-Balât y su entorno: Actividades especializadas, del zoco a la casa”, In *AL-BALÁT Vida y guerra en la frontera De al-Andalus (Romangordo, Cáceres)*, Diputación de Cáceres/Junta de Extremadura; pp. 155- 185.
- GOMES, Rosa Varela (1988) - “Cerâmicas Muçulmanas de Silves”. In *XELB 1*; Silves.
- GOMES, Rosa Varela (1991) - “Cerâmicas Almóadas do Castelo de Silves”. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa, pp. 387-403.
- GOMES, Rosa Varela (2009) - “O Castelo de Silves, Contributos da Investigação Recente”, In *XELB 9*, Silves; pp.477-488. Disponível em (https://www.academia.edu/12062807/O_Castelo_de_Silves_Contributos_da_investigacao_recente) (acedido a 12-08-2020)
- GOMES, Mário Varela e GOMES, Rosa Varela (1991) - “Cerâmicas Vidradas e Esmaltadas dos séc. XIV a XVI, Do Poço-Cisterna de Silves”. In *XELB 3, Silves nos Descobrimentos*; Silves; pp. 143-205. Disponível em (https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2185/1/27_Cerâmicas_vidradas_esmaltadas%2c_dos_séculos_XIV%2cXV%2cXVI_Poço-cisterna_Silves_CMMO_1991.pdf) (acedido a 15-07-2020)
- GOMES, Rosa Varela e GOMES, Mário Varela (2001) – “Palácio Almóada da Alcáçova de Silves”, In *Catálogo de Exposição, Museu Nacional de Arqueologia*, Lisboa
- GOMES, Rosa Varela e GOMES, Mário Varela (2014) - “Recinto Fortificado del Silves, Portugal (1981-2010)”, In *La Restauración de la taipa en la Península Ibérica. Criterios, técnicas, resultados y perspectivas*, Lisboa; pp. 196-201. Disponível em (https://www.academia.edu/9008945/Recinto_fortificado_del_Silves_Portugal_1981_2010_) (acedido a 20-10-2020)
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2001) - “A Cerâmica Islâmica de Mértola”. In *Arte Islâmica*. Museu de Mértola, pp. 63-69. Disponível em (https://www.academia.edu/34584128/A_ceramica_islamica_de_Mértola_In_Museu_de_Mértola_Arte_Islamica_pdf) (acedido a 24-08-2020)

- GÓMEZ MARTINEZ, Susana (2004) - *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción y Comercio*. (Dissertação Doutoramento). Madrid: Universidad Complutense de Madrid. Disponível em (<https://core.ac.uk/display/19710785>) (acedido a 05-09-2020)
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2007) - “Cerâmica Islâmica no Gharb al-Andalus” , In *A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro*, Museu da Olaria, Barcelos; pp.95-116. Disponível em (https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2136/1/Ceramica_islamica_Gharb_al-Andalus_Producao_Ceramica_Portugal_2007.pdf) (acedido a 30-07-2020)
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (Coord.), (2014) – *Museu de Mértola, Catálogo Geral*. Ed. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Disponível em (https://www.academia.edu/35746797/MUSEU_DE_MERTOLA_CATALOGO) (01-09-2020)
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LOPES, Virgílio; MACIAS, Santiago; PALMA, Maria de Fátima e TORRES, Cláudio (2008) - “Mértola Islâmica. A madina e o arrabalde”. In *XELB 9, Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve – O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo (Silves, 23, 24 e 25 de Outubro de 2008)*. Câmara Municipal de Silves, Silves. pp. 405-427. Disponível em (https://www.academia.edu/5223936/Mertola_Islamica_A_madina_e_o_arrabalde) (acedido a 11-08-2020)
- GONÇALVES, C. e DIAS, R. (2010) - “O Período Islâmico em Faro. Cerâmica Vidrada e Esmaltada (resultados preliminares)”. In *XELB 9, Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve: “O Gharb no al-Andalus: síntesis e perspectivas de estudo. Homenagem a José Luís de Matos*, Silves; pp. 563-570. Disponível em (https://www.researchgate.net/publication/259278481_O_Periodo_Islamico_em_Faro_-_Resultados_Preliminares) (acedido a 06-06-2020)

- GONÇALVES, Maria José; INÁCIO, Isabel; SANTOS, Constança dos; COELHO, Catarina; LIBERATO, Marco; GOMES, Ana Sofia; BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2013)- “Vinte anos de Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus: ensaio crono-tipológico das formas abertas”; In *VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa. pp. 1026- 1041. Disponível em (https://www.academia.edu/29666363/Vinte_anos_de_Cerâmica_Islâmica_do_Garb_al_Andalus_ensaio_crono_tipológico_das_formas_abertas_I) (acedido a 29-05-2020)
- GONÇALVES, Maria José; INÁCIO, Isabel; SANTOS, Constança dos; COELHO, Catarina; LIBERATO, Marco; GOMES, Ana Sofia; BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2017) - “Manifestações Lúdicas na Cerâmica do Gharb Al-Andalus”. In *Arqueologia em Portugal*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa; pp. 1417-1430. Disponível em (<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/30491>) (acedido a 30-08-2020)
- GONÇALVES, Vitor S. E SOUSA, Ana Catarina (2017) - “Serra e Mar. As antigas sociedades camponesas em Loulé (Algarve)”. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp.60-197
- GOUVEIA, Mário de (2017) - “Notas sobre um tesouro monetário da época islâmica encontrado em Silves (INCM/MCM 22990-23079)”. In *Revista Numismática e Medalhística*; Museu da Casa da Moeda, Lisboa. pp. 63-72. Disponível em (<https://www.museucasadamoeda.pt/storage/revistasM/1514373573.pdf>) (acedido a 15-09-2020)
- GUERRA, Amílcar (2017) - “As Entidades Étnicas do Mundo Pré-Romano”. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp.246-262.
- GUERRA, Amílcar e FABIÃO, Carlos (1993) - “Uma Fortificação Omíada em Mesas do Castelinho (Almodôvar)”. In *Arqueologia Medieval 2*, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto. pp. 85-102. Disponível em (<http://www.camertola.pt/sites/default/files/Arqueologia%20medieval%202.pdf>) (acedido a 03-07-2020)

- HITA RUÍZ, José Manuel; SUÁREZ PADILLA, José e VILLADA PAREDES, Fernando (2009) - *Comer en Ceuta en el Siglo XIV, La alimentación durante la época Maríní*. Museu de la Basílica Tardorromana. Disponível em (https://www.researchgate.net/publication/288292038_Comer_en_Ceuta_en_el_siglo_XIV) (acedido a 01-04-2020)
- KHAWLI, Abdallah (1992) - “Lote de Cerâmicas Epigrafadas em estampilhagem de Mértola”. In *Arqueologia Medieval, 1*, Campo Arqueológico de Mértola; ed. Afrontamento, Porto, pp.63-78. Disponível em (<http://www.camertola.pt/sites/default/files/Arqueologia%20Medieval%201.pdf>) (acedido a 15-03-2020)
- LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2015) - *A Presença Islâmica em al-Qase, Uma análise sobre o urbanismo e o sistema defensivo de Alcácer do Sal*; (Dissertação de Mestrado), Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa. Disponível em (<https://run.unl.pt/handle/10362/17511>) (acedido a 03-12-2020)
- Leitão, Marta Isabel Caetano (2006) - “Estudo de Espólio Cerâmico proveniente do interior de uma habitação almóada da alcáçova de Alcácer do Sal (Portugal)”, In *Arqueologia y Territorio 23*; Alcácer do Sal; pp. 23-39. Disponível em (https://www.academia.edu/30557913/Estudo_de_espólio_cerâmico_proveniente_do_interior_de_uma_habitação_almóada_da_alcáçova_de_Alcácer_do_Sal) (acedido a 16-04-2020)
- LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2017) - “O Uso da Taipa Militar nas Fortificações Muçulmanas do Actual Território Português”, In *Al-Madan*, II Série, nº 21; Almada; pp. 113 - 119. Disponível em (<http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20%28geral%29.htm>) (acedido a 18-11-2020)
- LOPES, Francisco M. Viegas e FERNANDES, Paulo M. Carvalho (2006)- “Promoção geológica e ambiental: o exemplo da Rocha da Pena (Algarve)”, In *Actas do VII Congresso Nacional de Geologia*, Estremoz, pp. 953-956.
- LOPES, Virgílio; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; CANTO, Alberto e RAFAEL, Lúcia (2012) - “Catálogo”. In *O Arrabalde Ribeirinho*, Museu de Mértola; Campo Arqueológico de Mértola. pp. 71-101. Disponível em (https://www.academia.edu/18590174/ARRABALDE_RIBEIRINHO_MUSEU_DE_MÉRTOLA) (acedido a 21-05-2020)

- LUZIA, Isabel (1996) - “O Espólio da Cerca do Convento”. In *Al-Ulyã*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Nº5, pp.51-73. Disponível em (http://cms.cm-loule.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/files/al-úlyá/Revistas/5/I.L.-O%20espólio%20cerâmico%20da%20Cerca%20do%20Convento.1996.p.51-73.pdf) (acedido a 31-09-2020)
- LUZIA, Isabel (1999/00) - “Escavação de Emergência do Cemitério Muçulmano da “Quinta da Boavista”/Loulé”. In *Al-Ulyã*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Nº7, pp. 129-185. Disponível em (http://cms.cm-loule.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/files/al-úlyá/Revistas/7/I.%20L.%20-%20Escavação%20de%20emergência%20no%20cemitério%20mulçumano%20da%20QB%20-%20Loulé.%201999-2000.%20pág.%20129-185.pdf) (acedido a 01-05-2020)
- LUZIA, Isabel (2003) - *Cerâmicas Islâmicas da Cerca do Convento/Loulé*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.
- MACHADO, José Pedro (1997) - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.
- MACÍAS, Santiago (1992) - “Resenha dos Factos Políticos”, In *História de Portugal*, vol.I, Antes de Portugal; Ed. Circulo de Leitores
- MACIAS, Santigo (1993) - “Moura na Baixa Idade Média: Elementos para um Estudo Histórico e Arqueológico”. In *Arqueologia Medieval 2*, Campo Arqueológico de Mértola, ed. Afrontamento, Porto. pp.127-157. Disponível em (<http://www.camertola.pt/sites/default/files/Arqueologia%20medieval%202.pdf>) (acedido a 17-06-2020)
- MÁRQUEZ BUENO, Samuel e GUIRRIARÁN DAZA, Pedro (2008) - “Recursos formales y constructivos en la arquitetura militar almohada de al-Andalus”, In *Arqueología de la Arquitectura*, nº5; Madrid; pp. 115-134. Disponível em (<https://core.ac.uk/download/pdf/230913614.pdf>) (acedido a 12-12-2020)
- MELRO, S.; GONÇALVES, A.; CLÉLIA, S. (2004) - “Intervenções Arqueológicas na Alcaria dos Guerreiros de Cima”. In *Era, revista de divulgação científica de estudos arqueológicos*, nº6. pp. 62-81. Disponível em (https://www.academia.edu/7322272/Intervenção_arqueológica_nos_Alcaiais_dos_Guerreiros_de_Cima_Almodôvar_Resultados_preliminares_ERA_6_2004_) (29-09-2020)

- MONTEIRO, José Paulo; SILVA, José Matos; GUERREIRO, Paula; MARTINS, João e REIS, Edite (2007) - *Modelações de Relações entre Águas Superficiais e Subterrâneas nos Aquíferos do Algarve Central*; Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos. Disponível em (https://www.researchgate.net/publication/238088696_MODELACAO_DE_RELACOES_ENTRE_AGUAS_SUPERFICIAIS_E_SUBTERRANEAS_NOS_AQUIFEROS_DO_ALGARVE_CENTRAL) (acedido a 28-04-2020)
- MORAL ENCINAS, Ángel Luis (2005) - *Cronologia Histórica de Al-Andalus*; Ed. Miraguano, Madrid
- NAVARRO PALAZON, Julio (1986) - *La Ceramica Islamica en Murcia*, Vol. I e Catálogo, coord. Geral Esperanza Ramirez Segura; Centro Municipal de Arqueologia e Ayuntamiento de Murcia, Murcia. Disponível em (https://www.academia.edu/5854264/La_cerámica Islámica en Murcia Volumen I Catálogo) (acedido 03-07-2020)
- NAVARRO PALAZÓN, Julio (1991) - “Una Casa islâmica en Murcia. Estudio de su ajuar (Siglo XIII)”. In *Serie Islam y Arqueologia I*, Centro de Estudios Árabes y Arqueológicos “Ibn Arabi”, Ayuntamiento de Murcia, Murcia. Disponível em (<https://digital.csic.es/handle/10261/17133>) (acedido 05-07-2020)
- NAZARÉ, Maria João (2013) - *Cerâmicas Medievais de Santa Olaia (Figueira da Foz) Depositadas no Museu Municipal Dr. Santos Rocha*. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- OLIVEIRA, Ataíde (1905) - *Monografia do Concelho de Loulé*, Câmara Municipal de Loulé e Região de Turismo do Algarve, Algarve em Foco Editora. Disponível em (https://archive.org/details/monografiadoconc00oliv_0) (acedido 27-10-2020)
- OLIVEIRA, Carlos; BARROS, Pedro; MELRO, Samuel e ESTRELA, Susana (2017) - “A Idade do Ferro no Concelho de Loulé”. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp.201-219
- OLIVEIRA, Luís Filipe (2017) - “A Conquista e a Soberania do Algarve”. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp.574- 581.

- PALMA, Maria de Fátima e RAFAEL, Lígia (2012) - “Vidros, ossos e metais da intervenção arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal)”, In *Mértola, V Encontro Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Mértola; pp. 477-496. Disponível em (<https://core.ac.uk/download/pdf/62692262.pdf>) (acedido 07-08-2020)
- PENDERY, Steven R. (1999) - “Portuguese tin-glazed earthenware in seventeenth century New England: a preliminary study”. In *Hist Arch* 33, Historical Archaeology. Rockville. pp. 58–77. Disponível em (<https://doi.org/10.1007/BF03374302>) (acedido a 15-11-2020)
- PEREIRA, Carlos (2017) - “Mundo Funerário Romano no Território de Loulé”. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp.302-311.
- PEREIRA, Selma Eduarda Moita da Silve (2012) - *A Tecelagem Tradicional do Algarve, A Última Tecedeira da Serra de Monchique*; (Dissertação de Mestrado) Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Faro. Disponível em (<https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3133/1/Tese%20Selma%20Silva%20Pereira.pdf>) (acedido a 28-07-2020)
- PÉREZ MACIAS, Juan Aurelio et al. (1993) - “Une lote de cerâmicas islâmicas de Niebla”. In *Arqueologia Medieval* 2, Mértola. pp.55-62. Disponível em (<http://www.camertola.pt/sites/default/files/Arqueologia%20medieval%202.pdf>) (acedido a 29-05-2020)
- RÁMIREZ ÁGUILLA, Juan Antonio (2015) - “Castillos y poblamiento en el sureste de Al-Andalus”, In *LOS TRES CASTILLOS DE PLIEGO Estudio y catalogación de los castillos y fortalezas del municipio de Pliego*; Murcia. Disponível em (https://www.researchgate.net/publication/321900836_Castillos_y_poblamiento_en_el_sureste_de_al-Andalus) (acedido a 12-12-2020)
- RAMOS-PEREIRA, Ana (2017)- “Territórios de Loulé”. In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*. Museu Municipal de Loulé. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 50-56.
- RAMOS, Ana Cristina; BRAZUNA, Sandra (2007) - “Intervenção Arqueológica no Cine-Teatro Farense”, In *ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA, Ocupação Islâmica; Vipasca* N.º 2. 2ª série; pp. 536-541.

- RETUERCE VELASCO, Manuel (1986) - “Cerâmica islâmica de la “Cidade das rosas”, Serpa (Portugal)”. II. In *Coloquio de cerámica medieval del Mediterráneo Occidental* ed. Madrid: Ministério da Cultura. pp.85-92. Disponível em (https://www.researchgate.net/publication/329444614_Ceramica_islamica_de_la_Cidade_das_Rosas_SerpaPortugal) (acedido a 26-10-2020)
- REUTERCE VELASCO, Manuel (1987) - “El Templen. ¿Primer Testimonio del Telar Horizontal en Europa?”, In *Boletín de Arqueología Medieval nº 1* (Separata), Asociación Española de Arqueología Medieval; pp. 71-76. Disponível em (https://www.researchgate.net/publication/309718624_El_templen_Primer_testimonio_del_telar_horizontal_en_Europa) (acedido a 18-09-2020)
- RODRIGUES, Sandra (2004) - *As Vias Romanas do Algarve*. Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve/Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve. Disponível em (<https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/5908>) (acedido a 03-02-2020)
- ROSSELLÓ-BORDOY, G. (1991) - *El Nombre de las Cosas en Al-Andalus: una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Mallorca: Museo de Palma de Mallorca.
- AZUAR RUÍZ, Rafael (1985) - *Catálogo de Fondos del Museu Arqueológico Provincial. Castillo de la Torre Grossa*. Diputación Provincial de Alicante Negociado de Cultura, Educación y Deportes, Alicante. Disponível em (<https://www.marqalicante.com/contenido/genericas/torregrossa.pdf>) (acedido a 04-05-2020)
- AZUAR RUÍZ, Rafael et al., (1989) - *La rabita de las dunas de Guardamar (Alicante)*. Comisión de Cultura de la Disputación Provincial de Alicante, Alicante: Museo Arqueológico. Disponível em (https://www.academia.edu/1981052/La_Rábita_Califal_de_las_Dunas_de_Guardamar_Alicante_Cerámica_epigraf%C3%ADa_fauna_malacofauna) (acedido a 21-03-2020)
- SÁNCHEZ-MOLERO, Francisco Cavilla (2009-2010) - *Cerâmicas Almohades Precedentes del Área de Camposoto (San Fernando, Cádiz)*, Cádiz. Disponível em ([http://www.epccm.es/index.php?journal=epccm&page=article&op=viewFile&path\[\]=123&path\[\]=54](http://www.epccm.es/index.php?journal=epccm&page=article&op=viewFile&path[]=123&path[]=54)) (acedido a 15-02-2020)

- SILVA, M. Inácio da (2011) - *A Cerâmica Islâmica da Alcáçova de Santarém, das unidades estratificadas 17, 18, 27, 30, 39, 41, 193, 195, 196, 197 e 210*. (Dissertação de mestrado). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em (<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5361>) (acedido a 18-08-2020)
- TERRINHA, Pedro; ROCHA, Rogério; REY, Jacques; CACHÃO, Mário; MOURA, D.; ROQUE, C.; MARTINS, Linia; VALADARES, Vasco; CABRAL, João; AZEVEDO, Maria Rosário; BARBERO, Luis; CLAVIJO GONZÁLEZ, Emilio; DIAS, R.; MATIAS, Hugo; LUÍS, Matias; MADEIRA, José; DA SILVA, Carlos Marques; MUNHÁ, J.; REBELO, L.; RIBEIRO, Carlos; VICENTE, J.; NOIVA, João; YOUNI, Nasrddine e BENSALAH, Mohamed Khalil (2013)- “A Bacia do Algarve: Estratigráfica, Paleografia e Tectónica”, In *Geologia de Portugal*, 1ª Edição, Vol. 2, Editora Escolar, Lisboa, pp.29-166. Disponível em (<https://core.ac.uk/download/pdf/61506983.pdf>) (acedido a 11-02-2020)
- TOMÉ, Ricardo (1996) - “Morfologia Cársica no Concelho de Loulé, Abordagem Preliminar”, In *Al-'Ulyã*, Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Nº5. Disponível em (http://cms.cm-loule.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/files/al-úlyá/Revistas/5/R.T.-Morfologia%20Cársica%20no%20concelho%20de%20Loulé.1996.p.217-239.pdf) (acedido a 28-02-2020)
- TORO MOYANO, Isidro; RAMOS LIZANA, Manuel (1987) - “Las Necrópolis de las Delicias y El Almendral. Dos necrópolis visigodas en el llano de Zafarraya (Granada)”. In *II Congreso Arqueología Medieval Españõla*; Madrid. pp. 385-394. Disponível em (https://www.researchgate.net/publication/267466862_Las_necropolis_de_Las_Delicias_y_El_Almendral_Dos_necropolis_visigodas_en_el_llano_de_Zafarraya_Granada) (acedido a 03-03-2020)
- TORRES, C.; GÓMEZ MARTINEZ, S.; FERREIRA, M. B. (2003) – “Os nomes da cerâmica medieval: Inventário de termos”. In *Actas das 3 as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 125-134. Disponível em (<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/4132>) (acedido a 27-04-2020)

- TORRES, Cláudio; PALMA, Manuel Passinhas; REGO, Miguel e MACIAS, Santiago (1991) - “Cerâmica Islâmica de Mértola - propostas de cronologia e funcionalidade”. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa, pp. 497-536. Disponível em (<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2187>) (acedido a 18-09-2020)
- VALDÉS FERNÁNDEZ, Fernando (1985) - “La Alcazaba de Badajoz”. In *I. Hallazgos Islámicos (1971-1982) y testar de la Puerta del Pilar*. Madrid: Mistério da Cultura.
- VALLVÉ, Joaquín (1986) - *La División Territorial de la España Musulmana*; Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Filología; Departamento de Estudios Árabes, Madrid. Disponível em (<https://www.deepdyve.com/lp/brill/joaquin-vallv-la-divisi-n-territorial-de-la-espa-a-musulmana-consejo-czNfKjNC09>) (acedido a 15-04-2020)
- VIDAL CASTRO, Francisco (2003) - “Almorávides y Almohades en al-Andalus y el Magreb”, In *Triângulo de Al-Andalus*, Rabat, Alcazaba de Los Udāya; Ed. Fundación el Legado Andalusi; Granada; pp. 75-87. Disponível em (http://www.africafundacion.org/africaI+D2009/documentos/Vidal-AlmoravidesyAlmohades_gr.pdf) (acedido a 08-10-2020)

Referências bibliográficas electrónicas

Via Algarvia (2015) Rota da Água; acessido a 11 de Agosto de 2020 <http://www.viaalgarviana.org/wp-content/uploads/2015/07/Rota-da-Água-PT.pdf>

Carta da Hidrologia Continental (1990); acessido a 21 de Agosto de 2020 - <https://am.uc.pt/bib-geral/item/44933>

Carta Geológica Portuguesa (1952); acessido a 21 de Agosto de 2020 <https://am.uc.pt/bibletras/item/44989>

Portal do Arqueólogo, Projeto Estudo do povoamento muçulmano no Algarve Central e Oriental: Alcarias e Núcleos Fortificados; (1987); acessido a 01 de Setembro de 2020 <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=projetos&subsid=46929>

Portal do Arqueólogo, Castelo de Salir; acessido a 01 de Setembro de 2020 <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=53861>

Portal do Arqueólogo, Escavação de 1987; (1987); acessido a 01 de Setembro de 2020 <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=119299>

Portal do Arqueólogo, Conservação e Restauro de 1986; (1986); acessido a 01 de Setembro de 2020 <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=119270>

Pólo Museológico de Salir (2015), acessido a 01 de Setembro de 2020 https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/13904

Anexos

Índice

1. Catálogo dos Materiais do Castelo de Salir	II
1.1. Cerâmicas de Cozinha	IV
1.2. Cerâmicas de mesa	XVII
1.3. Cerâmicas de cozinha e mesa	XXVII
1.4. Cerâmicas de Armazenamento e de Transporte	XXXI
1.5. Cerâmicas de Cozinha e de Uso Pessoal	XXXVII
1.6. Cerâmicas de Iluminação e de Fogo	XL
1.7. Objectos de Tecelagem e Utilitários	XLII
1.8. Armamento	LXI
1.9. Artefactos diversos	LXXI
2. Trabalhos realizados no estágio	LXXXI
2.1. Tabela dos trabalhos realizados no estágio	LXXXII
2.2. Exemplo da tabela base de estudo	LXXXIX

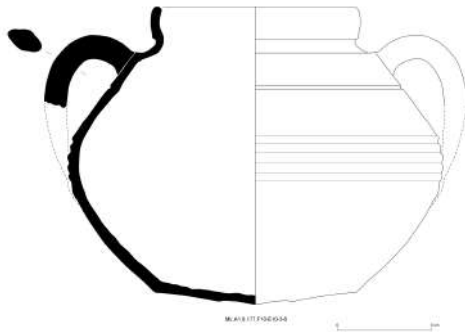
1. Catálogo dos Materiais do Castelo de Salir

Ficha Técnica:

Fotografias:	Soraia Martins
Tratamento de imagem:	Rui de Almeida
Desenhos:	Helena Catarino Antonieta Canteiro Regina Rodrigues Paula Guerreiro
Desenho vetorial:	Ana Álvaro López Rui de Almeida
Siglas utilizadas Referências Estratigráficas:	Quadrícula: Q. Nível: N Sem número associado: s/nº
Siglas utilizadas peças:	Diâmetro: D Diâmetro do Bordo: DB Diâmetro do Fundo: DF Diâmetro Máximo: DM Diâmetro do Orifício: DO Espessura: E Espessura do Bordo: EB Espessura do Fundo: EF Espessura da Asa: EA Altura: A Comprimento: C Largura: L (Todas as medidas são apresentadas em centímetros)

1.1. Cerâmicas de Cozinha

Panelas



Identificação: ML.B1184 (1.8.177)

Referência Estratigráfica: Q. F10/E10-N3-6

Forma: Panela.

Descrição: Bordo arredondado com inflexão interna; colo cilíndrico com ressalto na ligação colo/ombro; corpo globular achatado e fundo abaulado. Duas asas de secção oval que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo da peça.

Pasta de cor cinzenta escura (Munsell 2.5 YR 3/0) no núcleo; cor das paredes internas e externas acinzentada escura (Munsell 5YR 3/1).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície rugosa.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Caneluras no bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:15,6; EB:4; DB:10; EA:1,8; EF:3; DF:10,5.

Bibliografia: Catarino, 1992a:12.

Identificação: ML.A0617 (1.8.1334)

Referência Estratigráfica: Q. J11-Silo8-N6C-9

Forma: Pequena panela.

Descrição: Bordo triangular; colo curto em evasé; corpo globular e fundo abaulado. Duas asas de secção oval que partem do bordo e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor avermelhada (Munsell 2.5 YR 5/4) no núcleo; cor das paredes internas a avermelhada (Munsell 2.5 YR 5/4); paredes externas a acastanhado queimado (Munsell 2.5YR 3/1) e em castanho claro (Munsell 5YR 5/2).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Caneluras no bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:13,8; EB:0,6; DB:11; DM:17,6; EA:1,9;DF:9,6.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0639 (1.8.1163)

Referência Estratigráfica: Q. K10-N3-383

Forma: Panela.

Descrição: Bordo plano; colo recto, curto, em gola ligeiramente convexa; corpo globular e fundo abaulado. Duas asas de secção oval que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor avermelhada (Munsell 2.5 YR 5/4) no núcleo; cor das paredes internas e externas castanha avermelhada (Munsell 5YR 5/1).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

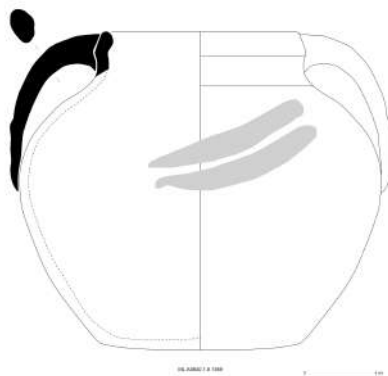
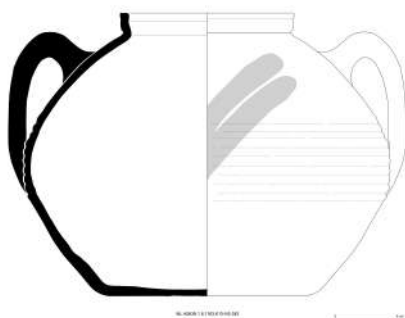
Decoração: Traços de pintura a branco na zona da asa e bojo superior, com caneluras no bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:17,3; EB:0,5; DB:11; DM:23; EA:2; DF:14,7.

Bibliografia: Catarino, 1992c:25;

Catarino, 1999/00:114.



Identificação: ML.A0640 (1.8.1369)

Referência Estratigráfica: Q. L10-Silo7-N3C/6B-1

Forma: Panela.

Descrição: Bordo plano; colo cilíndrico; corpo ovóide e fundo plano. Duas asas de secção oval que partem do bordo e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor acastanhada escura (Munsell 7.5YR 4/1) no núcleo; cor das paredes internas e externas acastanhada escura (Munsell 7.5YR 4/1).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície alisada.

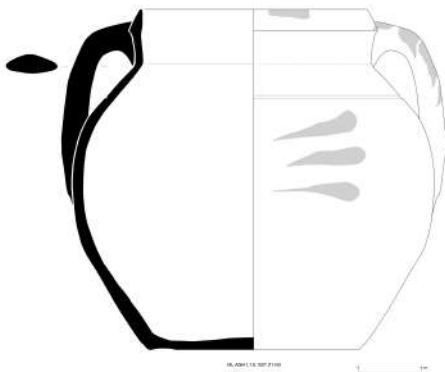
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Com pintura a branco na zona do ombro/bojo (possível digitação contínua com o indicador e dedo médio).

Periodização: Séc. XII.

Dimensões (cm): A:17,4; EB:0,5; DB:10,5; DM:20; DF:11,1.

Bibliografia: Catarino, 1999/00:125.



Identificação: ML.A0641 (1.8.1507)

Referência Estratigráfica: Q. I11-N3-297

Forma: Panela.

Descrição: Bordo arredondado; colo cilíndrico; corpo ovóide e de fundo plano. Duas asas de seção oval que partem do bordo e terminam no bojo.

Pasta de cor alaranjada (Munsell 10R 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas alaranjada (Munsell 10R 5/6).

Elementos não plásticos de calibre médio; textura homogénea e superfície alisada.

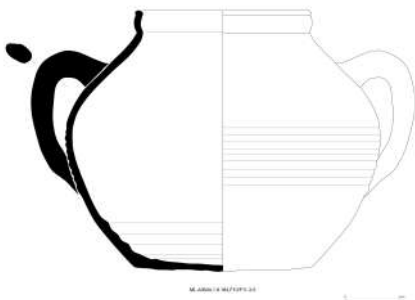
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Bojo e asas com traços verticais e horizontais a branco.

Periodização: Séc. XII.

Dimensões (cm): A:21,5; EB:0,5; DB:14,5; DM:24,3; DF:13,8.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1198.



Identificação: ML.A0644 (1.8.164)

Referência Estratigráfica: Q. F10/F11-N3-5

Forma: Panela.

Descrição: Bordo arredondado com leve sulco externo; colo curto convexo; corpo globular e fundo plano irregular. Duas asas de secção oval que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor cinzenta (Munsell 2.5 YR 4/0) no núcleo; cor da parede interna e externa castanha avermelhada (Munsell 2.5 YR 5/4).

Elementos não plásticos de calibre médio a grosso; textura pouco homogénea e superfície alisada.

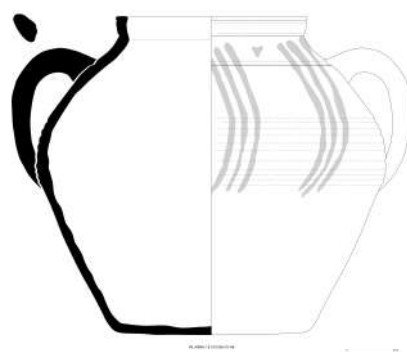
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Caneluras a meio do bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:17,1; EB:0,5; DB:11,5; DM:25,5; EA:2,1; DF:14.

Bibliografia: Catarino, 1992a:9; Catarino, 1992b:39-42; Catarino, 1997/98c:1199.



Identificação: ML.A0645 (1.8.1510)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6-4

Forma: Panela.

Descrição: Bordo vertical ligeiramente espessado; colo curto; corpo globular/ovóide achatado e fundo convexo. Duas asas de seção oval que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas alaranjadas (Munsell 2.5YR 5/6) e acinzentadas (Munsell 2.5YR 4/1).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Bordo, colo e bojo adornado por alguns conjuntos de três traços verticais e horizontais, em branco. No ombro está presente uma linha incisa que contorna toda a peça. A zona inferior do bojo detêm caneluras.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:21,5; EB:0,7; DB:13,1; DM:24,4; EA:1,5; DF:20,3.

Bibliografia: Catarino, 1999/00:113; Catarino, 2017c:526.



Identificação: ML.A0646 (1.8.1269)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo6-N6C-13

Forma: Panela.

Descrição: Bordo arredondado; colo curto; corpo globular e fundo convexo. Duas asas de secção oval que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor cinzenta alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas cinzenta alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

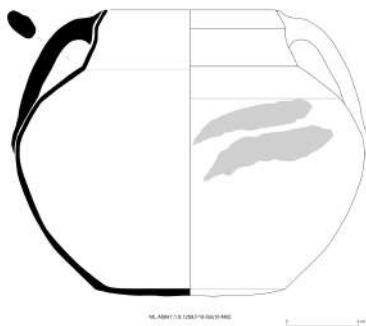
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Incisão no ombro que percorre toda a peça; com caneluras na zona do bojo; detendo conjuntos de dois traços a branco verticais no bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:19,7; EB:0,5; DB:11,3; DM:29,9; EA:1,5; DF:14,4.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0647 (1.8.1258)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6C-8

Forma: Panela.

Descrição: Bordo recto; colo curto; corpo globular e fundo plano. Duas asas de secção oval que partem do bordo e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor acinzentada (Munsell 10YR 5/1) e alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas acinzentadas (Munsell 10YR 5/1), alaranjadas (Munsell 2.5YR 5/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

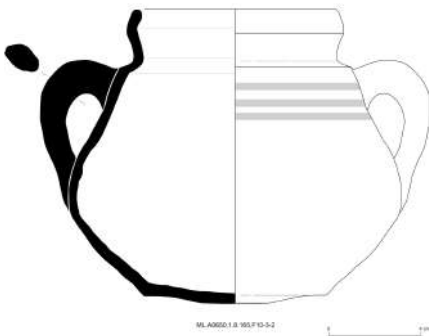
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Canelura no colo, ombro com linha incisa que contorna a peça.

Periodização: Séc. XII.

Dimensões (cm): A:16,4; EB:0,4; DB:10; DM:20,3; EA:0,9; DF:10,5.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0650 (1.8.165)

Referência Estratigráfica: Q. F10-N3-2

Forma: Panela.

Descrição: Bordo arredondado; colo convexo com estrangulamento de forma acentuada na zona do ombro; corpo globular achatado e fundo levemente convexo. Duas asas de secção oval que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor avermelhada (Munsell 2.5YR4/8) no núcleo; cor das paredes internas e externas de cor avermelhada (Munsell 2.5YR4/8).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície rugosa.

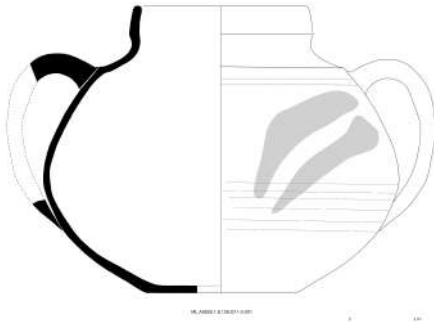
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Três bandas pintadas a branco na parte superior do bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensão (cm): A:12,7; EB:0,5; DB:8,6; DM:17,5; EA:1,5; DF:7,6.

Bibliografia: Catarino, 1992a:8.



Identificação: ML.A0652 (1.8.139)

Referência Estratigráfica: Q. G11-N3-201

Forma: Pequena panela.

Descrição: Bordo adelgaçante; colo curto com ressaltado para o ombro, corpo globular e fundo plano. Duas asas de secção oval que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo da peça.

Pasta de cor avermelhada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas avermelhada (Munsell 5YR 5/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Pintura branca com dedadas diagonais no bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensão (cm): A:17,1; EB:0,5; DB:11,5; DM:17,9; EA:1,1; DF:13,3.

Bibliografia: Catarino, 1992a:10; Catarino, 1997/98c:1200.



Identificação: ML.A0655 (1.8.176)

Referência Estratigráfica: Q.G11-N3-200

Forma: Pequena panela.

Descrição: Bordo direito boleado; colo curto com ressaltado para o ombro; corpo globular e fundo plano levemente abaulado. Duas asas de secção oval que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor avermelhada (Munsell 2.5YR 5/8) no núcleo; cor das paredes internas e externas avermelhada queimada (Munsell 2.5YR 5/8).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

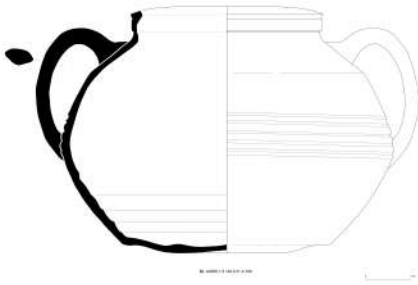
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Traços “dedadas” brancas na diagonal no bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensão (cm): A:17,5; EB:0,4; DB:10,2; DM:21,4; EA:1,1; DF:12,5.

Bibliografia: Catarino, 1992a:11; Catarino, 1997/98c:1301.



Identificação: ML.A0656 (1.8.140)

Referência Estratigráfica: Q. G11-N3-198

Forma: Grande panela.

Descrição: Bordo plano espessado interno e externo; colo em gola; corpo globular achatado e fundo acentuado e abaulado. Duas asas de secção oval que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor castanha avermelhada (Munsell 2.5YR 4/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas aczentadas (Munsell 2.5YR 4/1).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada com engobe.

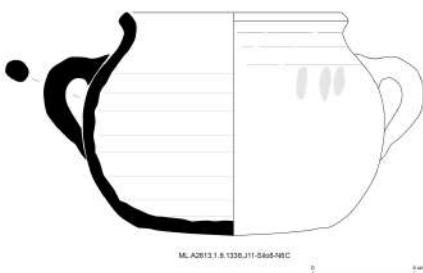
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Canelura no bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensão (cm): A:22; EB:0,9; DB:16,2; DM:31,1; EA:2,6; DF:17.

Bibliografia: Catarino, 1992a:7; Catarino, 1995:20; Catarino, 1997/98c:1211.



Identificação: ML.A2613 (1.8.1336)

Referência Estratigráfica: Q. J11-Silo8-N6C-s/nº

Forma: Panela.

Descrição: Bordo espessado para o exterior e lábio rectangular; colo baixo; corpo globular e fundo plano. Duas asas de secção circular que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor castanha alaranjada (Munsell 5YR 5/2) no núcleo; cor das paredes internas e externas castanha alaranjada (Munsell 5YR 5/2) com manchas de cor castanha aczentada (Munsell 2.5YR 3/1).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Bojo com decoração a branco com alguns traços paralelos na vertical.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensão (cm): A:8,1; EB:0,5; DB:9,5; DM:10,2; EA:1,1; DF:7,5.

Bibliografia: Catarino, 2017b:491.

Identificação: ML.A9280 (s/nº)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N3-305

Forma: Panela.

Descrição: Bordo espessado para o exterior; colo alto de forma cilíndrica; corpo possivelmente globular e fundo plano. Duas asas de secção oval que parte do colo e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor castanha alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas castanha alaranjada (Munsell 7.5YR 3/1) e externas acastanhada (Munsell 7.5YR 3/1).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

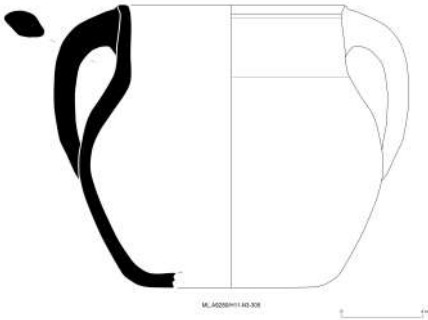
Decoração: Pintura a branco no colo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

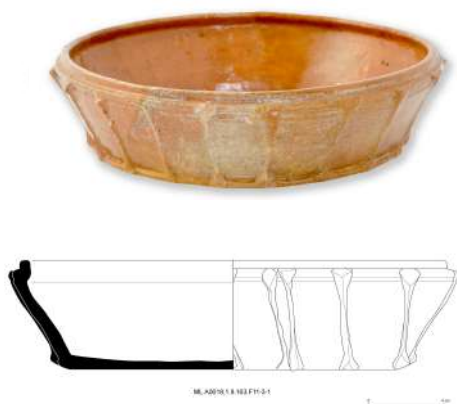
Dimensão (cm): A:13,7; EB:0,5; DB:11; DM:16,7; EA:2,1;DF:11.

Bibliografia: Inédito.

Observações: Peça fragmentada.



Caçoilas



Identificação: ML.A0618 (1.8.163)

Referência Estratigráfica: Q. F11-N3-1

Forma: Caçoila de “costillas”.

Descrição: Bordo arredondado com ressalto externo; corpo de paredes rectilíneas divergentes, troncocónico e fundo convexo.

Pasta avermelhada (Munsell 2.5YR4/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas em castanho melado.

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície vidrada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Cordões plásticos verticais e vidrado externo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:5,9; EB:0,5; DB:22,2; DM:22,4; DF:18,8.

Bibliografia: Catarino, 1992a:23; Catarino, 1992b:40; Catarino, 1992c:25; Catarino, 1997/98a:494; Catarino, 1997/98c:1208; Catarino, 2017c:504.



Identificação: ML.A0635 (1.8.1513)

Referência Bibliográfica: Q. I11/J11-N3-356

Forma: Caçoila.

Descrição: Bordo direito; corpo de paredes curvas e de fundo plano.

Pasta de cor acastanhada (Munsell 5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas acastanhada (Munsell 5YR 5/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Decoração: Junto ao bordo uma reentrância que contorna toda a peça. Na superfície interna existe decoração com traços longitudinais, a preto, que se cruzam desenvolvendo uma espécie de teia. Na parede externa existem manchas de cor idêntica que parecem continuação dos traços da superfície interna.

Técnica: Torno rápido.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:7,2; EB:0,6; DB:14,1; DM:25,5; DF:14,1.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1206; Catarino, 1999/00:119; Catarino, 2017c:506.

Identificação: ML.A0658 (1.8.1174)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6C-5

Forma: Caçoila.

Descrição: Bordo boleado; corpo de paredes curvo convexas carenado e fundo ligeiramente abaulado.

Pasta de cor vermelha acastanhada (Munsell 2.5YR 6/8) no núcleo; cor das paredes internas e externas vermelha acastanhada (Munsell 2.5YR 6/8).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

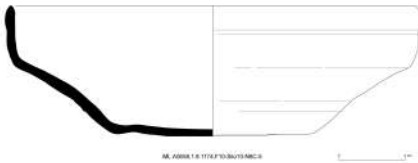
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Sulco abaixo do bordo.

Periodização: Séc. XII.

Dimensões (cm): A:7,8; EB:0,8; DB:25,3; DM:25,3; DF:12,8.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0664 (1.8.173)

Referência Estratigráfica: Q. F11-N3-57

Forma: Caçoila.

Descrição: Bordo plano com leve inflexão externa; corpo de paredes rectilíneas levemente divergentes até a carena e rectilíneas divergentes e fundo levemente abaulado.

Pasta de cor acinzentada (Munsell 10R 4/1) no núcleo; cor das paredes interna e externa alaranjadas (Munsell 2.5 YR 5/6).

Elementos não plásticos de calibre médio; textura homogénea e superfície rugosa.

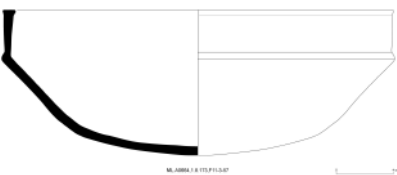
Técnica: Torno rápido.

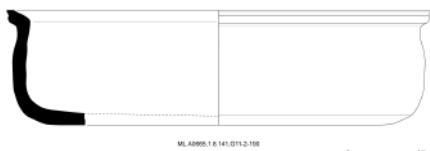
Decoração: Carena na zona do bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:10,2; EB:0,8; DB:27,5; DM:27,7; DF:17,5.

Bibliografia: Catarino, 1992a:16; Catarino, 1992b:40; Catarino, 1992c:25; Catarino, 1997/98a:494; Catarino, 1997/98c:1204; Catarino, 2017c:505.





Identificação: ML.A0665 (1.8.141)

Referência Estratigráfica: Q. G11-N2-190

Forma: Caçoila.

Descrição: Bordo em aba convexa, corpo de paredes curvo convexas e fundo abaulado. Dois arranques de asa, orientadas na horizontal.

Pasta de cor castanha avermelhada (Munsell 10R 4/8) no núcleo; cor das paredes internas e externas em tons acastanhados melados.

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; de textura homogénea e superfície vidrada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Caneluras na zona do bordo até às paredes, com vidrado externo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:7,9; EB:1,2; DB:24,0; DM:24,0; DF:18,6.

Bibliografia: Catarino, 1992a:24;

Catarino, 1997/98a:494; Catarino, 1997/98c:1205;

Catarino, 2017c:504.



Identificação: ML.A0662 (1.8.1337)

Referência Bibliográfica: Q. J11-Silo8-N6C-5

Forma: Caçoila.

Descrição: Bordo boleado (triangular), com sulcos externos; corpo de paredes curvas e fundo plano.

Pasta de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6).

Elementos não plásticos de calibre médio a grosso; textura pouco homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:7,5; EB:1,5; DB:23,7; DM:27,3; DF:14,9.

Bibliografia: Catarino, 2017c:505.

Identificação: ML.A2681 (1.8.156)

Referência Bibliográfica: Q. H10-N3-230

Forma: Caçoila/ Sertã.

Descrição: Bordo boleado com moldura externa até à carena; corpo de paredes convergentes carenado e fundo plano. Duas asas de secção fitiforme, que partem do bordo e terminam no bojo.

Pasta de cor alaranjada (Munsell 7.5YR 4/1) no núcleo; cor das paredes internas alaranjada (Munsell 7.5YR 4/1) e das paredes externas acinzentada (Munsell 5YR 5/4).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada com brunido interno.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Brunido interno.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:7,8; EB:0,8; DB:28,5; DM:33,8; EA:2,5; DF: 17,3.

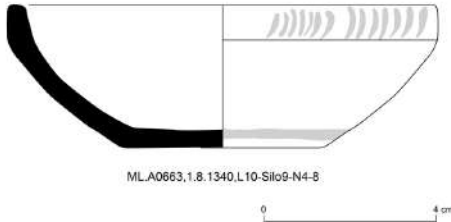
Bibliografia: Catarino, 1992a:15;

Catarino, 1997/98c:1207.



1.2. Cerâmicas de mesa

Taças



Identificação: ML.A0663 (1.8.1340)

Referência Estratigráfica: Q. L10- Silo9-N6-8

Forma: Taça.

Descrição: Bordo boleado direito; corpo de paredes curvo convexas, ligeiramente carenado e fundo é plano.

Pasta de cor avermelhada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas avermelhada (Munsell 2.5YR 5/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogéneo e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Traços de pintura a branco na zona do bordo.

Periodização: Séc. XII-XIV.

Dimensões (cm): A:3,2; EB:0,4; DB:9,8; DM:9,8; DF:5,4.

Bibliografia: Catarino, 1999/00:119.

Observações: Pela forma e decoração no exterior aparenta ser um fundo de jarrinha reaproveitado.

Tigelas

Identificação: ML.A0638 (1.8.1368)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N3-312

Forma: Tigela.

Descrição: Bordo espessado externo; corpo carenado e fundo de pé anelar.

Pasta de cor alaranjada (Munsell 10R 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas alaranjada (Munsell 10R 5/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

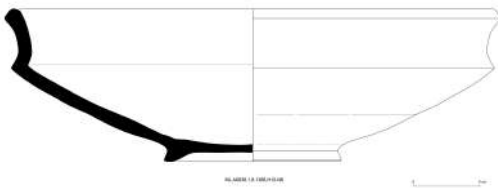
Decoração: Incisões no bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:9,5; EB:1,2; DB:29,3; DM:29,5; DF:10,2.

Bibliografia: Catarino, 1997/98a:494;

Catarino, 1997/98c:1205.



Identificação: ML.A0660 (1.8.159)

Referência Estratigráfica: Q. F11-N3-10

Forma: Tigela.

Descrição: Bordo arredondado com inflexão externa; corpo de paredes retilíneas paralelas até meio curvo convexo e fundo de pé anelar de forma trapezoidal.

Pasta acastanhada escura (Munsell 2.5YR 3/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas acastanhada com pintas amareladas e castanhas meladas escuras (Munsell 2.5YR 3/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; com textura homogénea e superfície vidrada.

Técnica: Torno rápido.

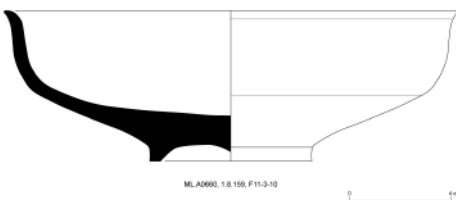
Decoração: Paredes com vidrado externo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:5,9; EB:0,5; DB:18,5; DM:18,2; DF:6,4.

Bibliografia: Catarino, 1992a:22;

Catarino, 1992b:40-41; Catarino, 1997/98c:1204.



Identificação: ML.A0666 (1.8.1260)

Referência Estratigráfica: Q. K10-N3-385

Forma: Tigela.

Descrição: Bordo boleado; corpo de paredes carenadas tronco cónico, com diversas perfurações “gatos” e fundo em pé anelar.

Pasta de cor castanho escuro (Munsell 2.5YR 4/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas castanho escuro (Munsell 2.5YR 4/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície vidrada.

Técnica: Torno rápido.

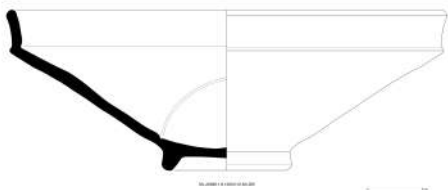
Decoração: Vidrado externo.

Periodização: Séc. X-XI.

Dimensões (cm): A:12; EB:1; DB:31,8; DM:31,8; DF:10,7.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1191;

Catarino, 1999/00:118.



Jarras e Jarrinhas



ML.A0611,1.8.1338,J11-Silo8-N6C



Identificação: ML.A0611 (1.8.1338)

Referência Estratigráfica: Q. J11-Silo8-N6C-14

Forma: Jarrinha.

Descrição: Bordo recto; colo alto com forma cilíndrica; corpo ovoíde e fundo plano. Duas asas de secção circular que partem do colo e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor acastanhada (Munsell 5YR 5/3) no núcleo; cor das paredes internas e externas acastanhada (Munsell 5YR 5/3) e acinzentada (Munsell 2.5YR 5/1).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

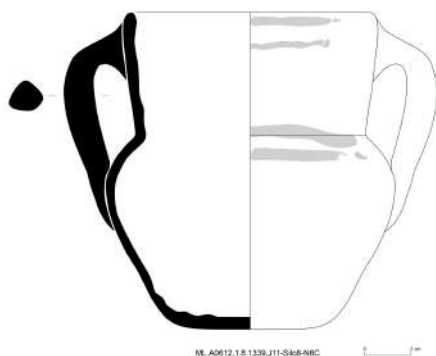
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Na parte superior e inferior do colo e bojo apresenta três barras em branco, estando entre estes dois conjuntos um símbolo não identificado.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:12,6; EB:0,4; DB:10,3; DM:17,3; EA:2; DF:7,3.

Bibliografia: Catarino, 2017c:514.



ML.A0612,1.8.1339,J11-Silo8-N6C



Identificação: ML.A0612 (1.8.1339)

Referência Estratigráfica: Q. J11-Silo8-N6C-10/45

Forma: Jarrinha.

Descrição: Bordo recto; colo alto com forma cilíndrica; corpo ovóide e fundo plano. Duas asas de secção circular que partem do bordo e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor acinzentado (Munsell 10YR 4/1) no núcleo; cor das paredes internas e externas acinzentada (Munsell 10YR 4/1).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Bojo e ombro com duas barras a branco.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:13,1; EB:0,4; DB:11,5; DM:12,7; EA:1,9; DF:7,5.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0616 (1.8.1173)

Referência Estratigráfica: Q. J11-Silo8-N6C-2

Forma: Jarra.

Descrição: Bordo espessado para o exterior; colo cilíndrico alto com reentrâncias; corpo globular e fundo plano. Duas asas de secção circular que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor acinzentada (Munsell 10YR 4/1), acastanhada (Munsell 10YR 6/3) e esverdeada (Munsell 2.5YR 5/2) no núcleo; cor das paredes internas e externas acinzentada (Munsell 10YR 4/1) e creme (Munsell 10YR 6/2).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura pouco homogénea e superfície alisada.

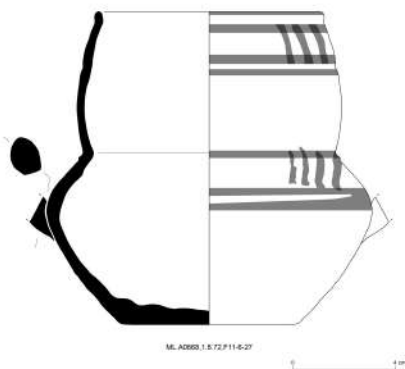
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Caneluras na zona do ombro.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:22; EB:0,9; DB:10,8; DM:21,2 EA:2,2; DF:9,5.

Bibliografia: Catarino, 1999/00:112.



Identificação: ML.A0668 (1.8.72)

Referência Estratigráfica: Q. F11-N6-27

Forma: Jarrinha.

Descrição: Bordo boleado; colo cilíndrico; corpo globular e fundo plano. Duas asas de secção circular que partem, provavelmente, do colo e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor creme (Munsell 7.5YR 7/4) no núcleo; cor das paredes internas e externa creme (Munsell 7.5YR 8/4).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Pintura a óxido de manganês no colo e bojo.

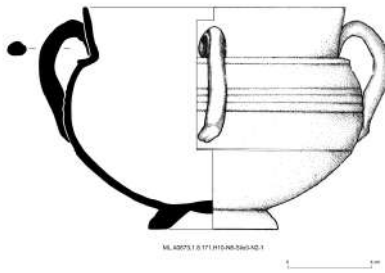
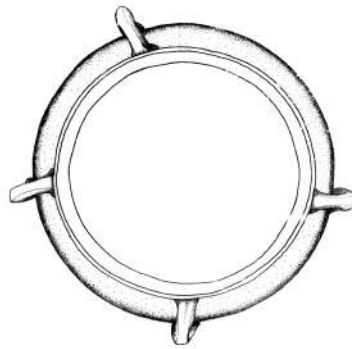
Periodização: Séc. XI-XII.

Dimensões (cm): A:12,7; EB:0,3; DB:10,4; DM:11,8; EA:1,2; DF:7.

Bibliografia: Catarino, 1992a:18;

Catarino, 1992b:36-37;

Catarino, 1997/98c:1215-1303.



Identificação: ML.A0673 (1.8.171)

Referência Estratigráfica: Q. H10-Silo3-N6-1

Forma: Jarra.

Descrição: Bordo direito; colo evasé; corpo globular e fundo em pé anelar. Quatro asas de secção circular que partem do colo e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor creme (Munsell 2.5YR 8/2) e amarelada (Munsell 10YR 8/3) no núcleo; cor das paredes internas e externas creme amarelada (Munsell 10YR 8/3).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Caneluras no corpo.

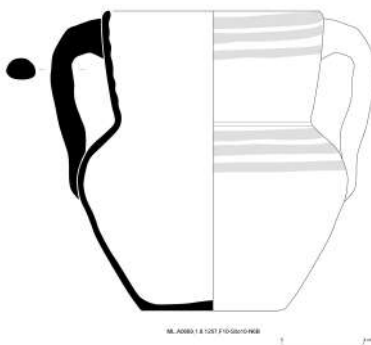
Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:10,5; EB:0,2; DB:12,1; DM:14,3; EA:0,6; DF:6,1.

Bibliografia: Catarino, 1992a:19;

Catarino, 1995:19; Catarino, 1997/98c:1217;

Catarino, 2017c:512.



Identificação: ML.A0669 (1.8.1257)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6B-3

Forma: Jarrinha.

Descrição: Bordo arredondado; colo alto cilíndrico; corpo globular e fundo plano. Duas asas de secção oval que partem do bordo e terminam no diâmetro máximo da peça.

Pasta de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 5/8) e acastanhada (Munsell 5YR 5/3) no núcleo; cor das paredes internas e externas alaranjada (Munsell 2.5YR 5/8).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície alisada.

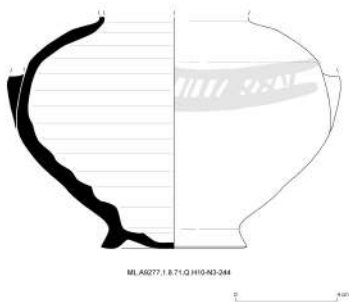
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Colo adornado por linhas a branco, que contornam toda a peça.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensão (cm): A:14,5; EB:0,3; DB:10,5; EA:1,8; DM:15; DF:7,3.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A9277 (1.8.71)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N3-244

Forma: Jarrinha.

Descrição: Bordo inexistente; colo inexistente; corpo globular e fundo em pé anelar. Duas asas que terminam no bojo.

Pasta de cor acinzentada (Munsell 2.5YR 3/0) e avermelhada (Munsell 2.5YR 5/8) no núcleo; cor das paredes internas e externas castanha alaranjada (Munsell 5YR 5/4).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

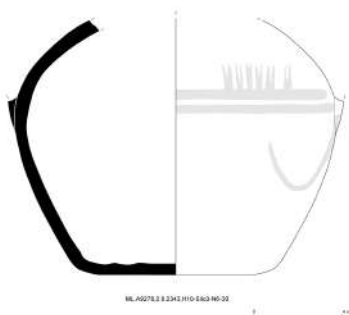
Decoração: Pintura no bojo, composta por bandas paralelas preenchidas com traços diagonais em xadrez no interior.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:8,6; DM:12,7; DF:5,7.

Bibliografia: Catarino, 1992a:20;

Catarino, 1997/98c:1195.



Identificação: ML.A9278 (1.8.1343)

Referência Estratigráfica: Q. H10-Silo3-N6-30

Formas: Jarra (?).

Descrição: Bordo inexistente; colo inexistente; corpo globular e fundo abaulado. Duas asas de secção impossível de definir que terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor castanha alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas acastanhada escura (Munsell 10YR 4/1). Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

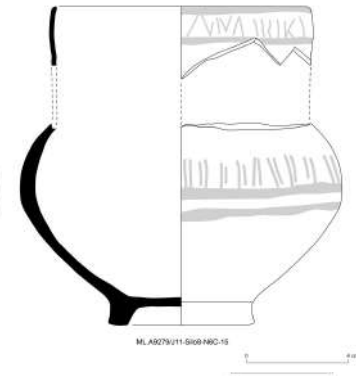
Decoração: Pintura a branco no bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões: A:11,1; DM:15,3; DF:9,5.

Bibliografia: Catarino, 1995:22;

Catarino, 1997/98c:1213.



Identificação: ML.A9279 (s/nº)

Referência Estratigráfica: Q. J11-Silo8-N6C-15

Forma: Jarrinha.

Descrição: Bordo inexistente; colo cilíndrico; corpo globular baixo e fundo em pé anelar.

Pasta de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

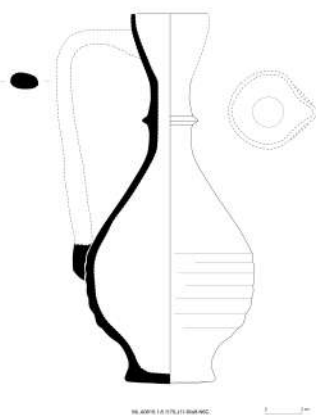
Decoração: Pintura a branco composta por duas linhas horizontais grossas que percorrem todo o diâmetro da peça; duas filas de traços mais finos orientados na vertical pouco distantes uns dos outros que acompanham as duas linhas horizontais mais grossas.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:7,9; EB: 0,3; DB:10; DM:12; DF:5,7.

Bibliografia: Inédito.

Bilhas



Identificação: ML.A0615 (1.8.1170)

Referência Estratigráfica: Q. J11-Silo8-N6C-8

Forma: Galheta/Infusa.

Descrição: Bordo direito; bico rectangular; colo alto; corpo ovóide alongado e fundo em pé anelar. Asa de secção oval que parte do colo e termina no ombro.

Pasta de cor castanha avermelhada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas castanha avermelhada (Munsell 2.5YR 5/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície vidrada.

Técnica: Torno rápido.

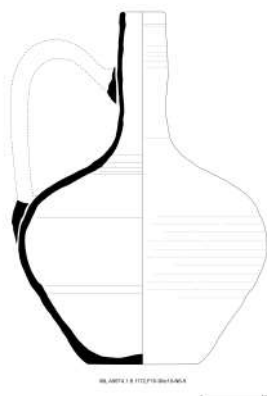
Decoração: Bordo adornado por reentrâncias, meio do colo surgem caneluras, com vidrado externo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:19,8; EB:0,3; DB:4,9; DM:9,8
EA:1; DF:5,4.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1197;

Catarino, 1999/00:112; Catarino, 2017c:517.



Identificação: ML.A0674 (1.8.1172)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6C-9

Formas: Pequena Bilha.

Descrição: Bordo plano; colo alto em tubo canelado; corpo globular e fundo plano. Asa de secção oval que parte do colo que termina no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor alaranjada (Munsell 7.5YR 6/3) e acinzentada escura (Munsell 7.5YR 5/1) no núcleo; cor das paredes internas e externas acinzentada escura (Munsell 7.5YR 5/1) de textura homogénea.

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Caneluras no colo e na parte superior do bojo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

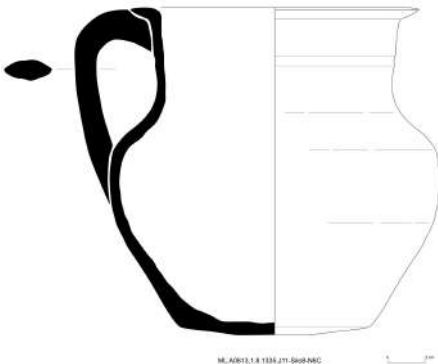
Dimensões (cm): A:23,0; EB:0,4; DB:3,1; DM:16,6;
EA:1,3; DF:7,8.

Bibliografia: Catarino, 1999/00:112;

Catarino, 2017c:518.

1.3. Cerâmicas de cozinha e mesa

Púcaros



Identificação: ML.A0613 (1.8.1335)

Referência Estratigráfica: Q. J11-Silo8-N6C-3

Forma: Púcaro.

Descrição: Bordo espessado para o exterior; bico rectangular; colo alto de forma cilíndrica; corpo globular e fundo plano. Asa de secção oval que parte do bordo e termina no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas laranja (Munsell 2.5YR 5/6) acinzentada (Munsell 10YR 4/1).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

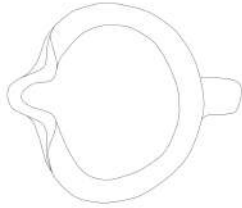
Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:16,2; EB:0,5; DB:14,3;DM:17,5; EA:2,5; DF:9,7.

Bibliografia: Catarino, 2017c:520.

Observações: A peça apresenta vestígios de fogo.



Identificação: ML.A0614 (1.8.992)

Referência Estratigráfica: Q. J11-Silo8-N6C-s/nº

Forma: Púcaro.

Descrição: Bordo com acentuada inflexão externa; bico rectangular; colo cilíndrico; corpo globular e fundo plano. Asa de secção oval que parte do bordo e termina no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor castanha acinzentada (Munsell 2.5YR 5/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas castanha acinzentada (Munsell 2.5YR 5/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

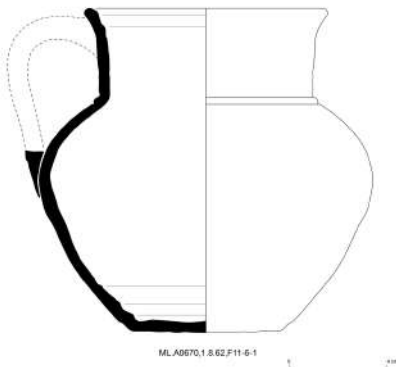
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:16,8; EB:0,7; DB:12,5; DM:17,2; EA:2,1; DF:9,7.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0670 (1.8.162)

Referência Estratigráfica: Q. F11-N6-1

Forma: Púcaro.

Descrição: Bordo espessado, quase triangular; colo alto evasé; colo cilíndrico; corpo globular e fundo abaulado. Asa (restaurada) de secção circular que parte do colo e termina no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor castanha avermelhada (Munsell 2.5YR 4/4) no núcleo; cor das paredes internas e externas acinzentada escura (Munsell 2.5YR 3/0).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Sem decoração.

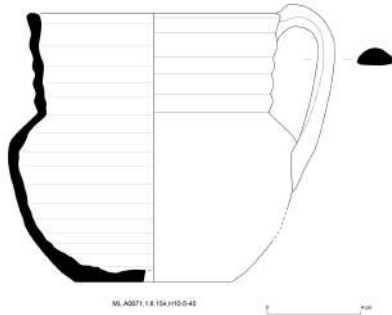
Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:13,3; EB:0,4; DB:9,7; DM:14,7; EA:1,5; DF:6,7.

Bibliografia: Catarino, 1992a:13;

Catarino, 1992b:35-36; Catarino, 1997/98c:1215;

Catarino, 2017c:522-523.



Identificação: ML.A0671 (1.8.154)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N5-40

Forma: Púcaro.

Descrição: Bordo boleado; colo canelado cilíndrico; corpo globular e fundo levemente abaulado. Asa de secção oval que parte do bordo e termina no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor acinzentada (Munsell 2.5YR 4/0) no núcleo; cor das paredes internas e externas acinzentada (Munsell 2.5YR 4/0).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Caneluras no colo, com mancha branca de traço vertical no ombro e bojo.

Periodização: Séc. XI-XII.

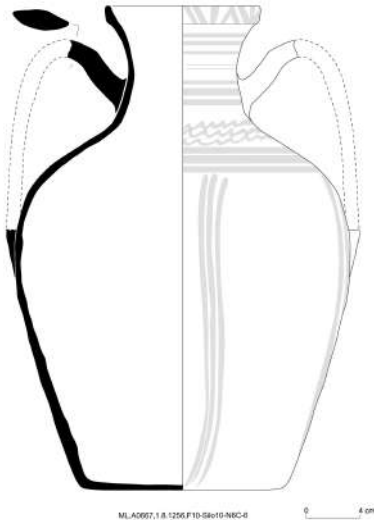
Dimensão (cm): A:11,3; EB:0,6; DB:9,2; DM:12,7; EA:9; DF:6,4.

Bibliografia: Catarino, 1992a:14;

Catarino, 1997/98c:1302; Catarino, 2017c:522-523.

1.4. Cerâmicas de Armazenamento e de Transporte

Cântaros



Identificação: ML.A0667 (1.8.1256)

Referência Estratigráfica: Q.F10-Silo10-N6C-6

Forma: Cântaro pequeno.

Descrição: Bordo triangular; colo alto cilíndrico, colo ombro; corpo piriforme e fundo plano. Duas asas de secção fitiforme que partem do colo e termina no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor cinza (Munsell 10YR 5/1) no núcleo; cor das paredes internas acastanhado (Munsell 7.5YR 7/2) e com cor das paredes externas acinzentado (Munsell 10YR 5/1).

Elementos não plásticos de calibre fino a médios; textura homogénea e superfície alisada.

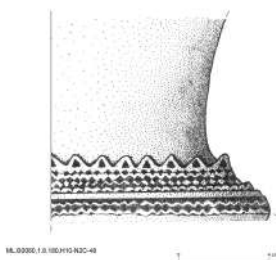
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Pintura a branco com traços finos no bordo e colo, no ombro existem meandros em ziguezague e séries de três linhas horizontais e verticais, respectivamente no ombro e no corpo.

Periodização: Séc. XII-XII.

Dimensões (cm): A:36,5; EB:1,8; DB:10,4; DM:26; EA:3,6; DF:15,3.

Bibliografia: Catarino, 1999/00:115; Catarino, 2017c:562.

Talhas

Identificação: ML.B0060 (1.8.180)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N2C-48

Forma: Talha.

Descrição: Colo curvo côncavo.

Pasta de cor castanha acinzentada clara (Munsell 5YR 5/2) no núcleo; cor das paredes internas e externas castanha alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8).

Elementos não plásticos de calibre médio a grosso; textura pouco homogênea e superfície rugosa interna e alisada externa.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Profusamente decorada abaixo do bordo, a rendilhado geométrico.

Periodização: Séc. XIII-XIV.

Dimensões (cm): DM:16,0.

Referências: Catarino, 1992a:26;
Catarino, 1997/98c:1188.



Identificação: ML.A0306 (1.8.179)

Referência Estratigráfica: Q.H11-N2C-298

Forma: Fragmento de Talha.

Descrição: Fragmento de bojo.

Pasta de cor rosada (Munsell 5YR 7/3) no núcleo; cor das paredes internas e externas alaranjada (Munsell 5YR 7/6).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogênea e superfície alisada.

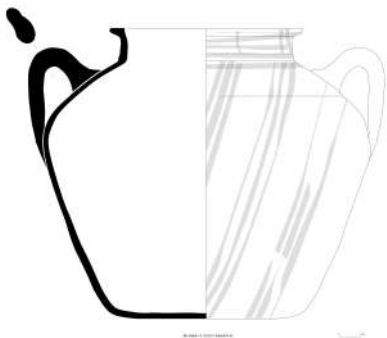
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Banda estampilhada que deveria percorrer toda a peça.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensão (cm): A:9,6.

Bibliografia: Catarino, 1992a:27;
Catarino, 1997/98c:1188.

Potes

Identificação: ML.A0649 (1.8.1270)

Referência Estratigráfica: Q. K11-Silo6-N3C-34

Forma: Pote.

Descrição: Bordo plano com espessamento externo; colo curto levemente côncavo; corpo globular e fundo plano. Duas asas de secção oval que partem do ombro e terminam no diâmetro máximo do bojo.

Pasta de cor castanha avermelhada (Munsell 2.5YR 5/8) no núcleo; cor das paredes internas e externas castanha avermelhada (Munsell 2.5YR 5/8).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície alisada.

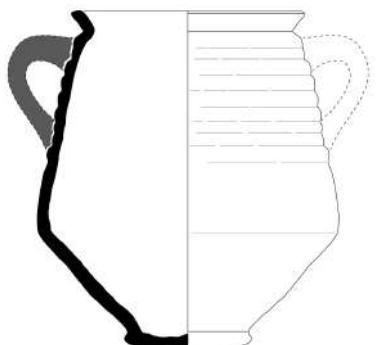
Técnica: Torno rápido.

Decoração: Pintura a branco no colo, bojo e no ombro com três séries de traços horizontais e verticais.

Periodização: Séc. XIII-XIV/XVI.

Dimensões(cm): A:27; EB:11; DB:17,4; DM:29,1; EA:1,6; DF:17,7.

Bibliografia: Catarino, 2017c:560.



ML.A0653, 1.8.1169, F10-Silo10-NBB-2

Identificação: ML.A0653 (1.8.172)

Referência Estratigráfica: Q. E11-N3-197

Forma: Pequeno pote.

Descrição: Bordo boleado com inflexão externa; colo muito curto com carena para o ombro, corpo de paredes convergentes e fundo irregular. Duas asa de secção oval que partem do ombro que terminam no bojo.

Pasta de cor acinzentada (Munsell 7.5YR 4/0) no núcleo; cor das paredes internas e externas vermelho amarelado (Munsell 7.5YR 8/4).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície com engobe.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Canelura no corpo e bojo.

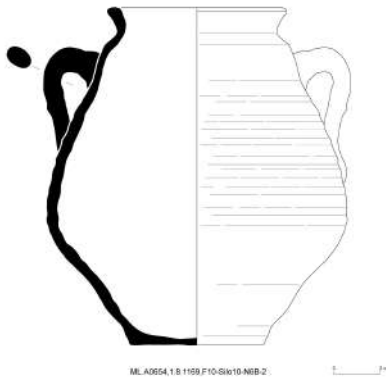
Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:12; EB:0,4; DB:9,1; DM:13,7; EA:0,7; DF:6.

Bibliografia: Catarino, 1992a:25;

Catarino, 1997/98a:494; Catarino, 1997/98c:1195;

Catarino, 2017c:558.



Identificação: ML.A0654 (1.8.1169)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6C-2

Forma: Pequeno Pote.

Descrição: Bordo boleado com inflexão externa; colo curto evasé; corpo tronco cónico e fundo plano. Duas asas de secção circular que partem do ombro e terminam no bojo.

Pasta de cor castanha amarelada (Munsell 5YR 7/4) no núcleo; cor das paredes internas em acastanhado claro (Munsell 10YR 8/2) e cor das paredes externas creme amarelado (Munsell 5YR 7/4) de textura homogénea.

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície alisada, com engobe externo.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Caneluras no corpo superior e bojo.

Periodização: Séc. XI-XII.

Dimensões (cm): A:14,7; EB:0,6; DB:13,2; DM:13,9; EA:0,5; DF:6,3.

Bibliografia: Inédito.

Cantil



Identificação: ML.A0675 (1.8.1367)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6C-7

Forma: Cantil.

Descrição: Bordo direito; colo curto cilíndrico; corpo circular e fundo continuação do colo circular. Duas asas de secção oval que partem do obro e terminam no bojo.

Pasta de cor castanha avermelhada (Munsell 7.5YR 6/6) no núcleo; cor das paredes internas e externas castanha avermelhada (Munsell 7.5YR 6/6).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície alisada.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Traços de pintura a branco e manchas de queimado.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:22; L:12; D:19

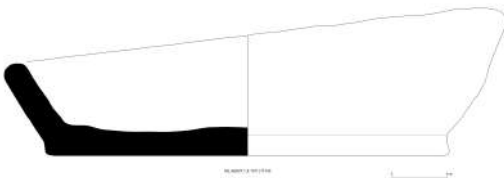
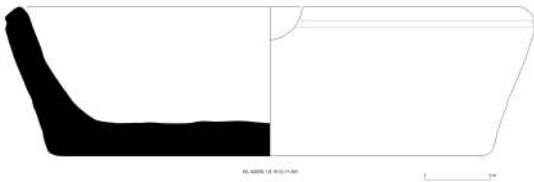
Bibliografia: Catarino, 1999/00:113; Catarino, 2017c:555.

1.5. Cerâmicas de Cozinha e de Uso Pessoal

Alguidares**Identificação:** ML.A0636 (1.8.1512)**Referência Estratigráfica:** Q. I11-N3-295**Forma:** Alguidar.**Descrição:** Bordo arredondado, com uma depressão dedada para possível bico vertedor; colo inexistente; corpo tronco cónico invertido e fundo plana.

Pasta de cor acastanhada (Munsell 2.5YR 5/3) no núcleo; cor das paredes internas e externas acastanhada (Munsell 2.5YR 5/3).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície semi alisada.

Técnica: Manual.**Decoração:** Sem decoração.**Periodização:** Séc. XII-XIII.**Dimensões (cm):** A:9,8; EB:1,6; DB:27,5; DM:32,4; DF:24,5.**Bibliografia:** Catarino, 2017c:506.**Identificação:** ML.A0637 (1.8.1511)**Referência Estratigráfica:** Q. I11-Silo7-N3-s/nº**Forma:** Alguidar.**Descrição:** Bordo arredondado; colo inexistente; corpo tronco cónico invertido e fundo plano.

Pasta de cor acinzentada clara (Munsell 5YR 5/3) e acinzentada escura (tom avermelhado) (Munsell 7.5YR 5/2) no núcleo; cor das paredes internas e externas acinzentada escura (Munsell 7.5YR 5/2).

Elementos não plásticos de calibre médio; textura heterogénea e superfície rugosa.

Técnica: Manual.**Decoração:** Sem decoração.**Periodização:** Séc. XII-XIII.**Dimensões (cm):** A:10,6; EB:1,7; DB:35,8; DM:35,8; DF:30,5.**Bibliografia:** Catarino, 2017b:488.

Identificação: ML.A0657 (1.8.1151)

Referência Estratigráfica: Q. L10-Silo7-N6C-2

Forma: Alguidar.

Descrição: Bordo boleado, com dedada, para vertedor; colo inexistente; corpo tronco cónico e fundo plano.

Pasta de cor castanha avermelhada escura (Munsell 5YR 4/4) no núcleo; cor das paredes internas castanha avermelhada clara (Munsell 5YR 5/4) e das paredes externas avermelhada queimada (Munsell 5YR 4/4).

Elementos não plásticos de calibre fino a médio; textura homogénea e superfície rugosa.

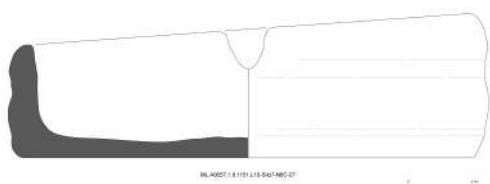
Técnica: Manual.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:9,7; EB:1,6; DB:30; DM:31,3; DF:29,5.

Bibliografia: Catarino, 1999/00:126.



Identificação: ML.A0659 (1.8.166)

Referência Estratigráfica: Q. E10-N3-51

Forma: Alguidar.

Descrição: Bordo arredondado com espessamento externo; colo inexistente; corpo tronco cónico e fundo plano.

Pasta de cor acinzentada (Munsell 7.5 YR 5/0) e acastanhada (Munsell 7.5 YR 5/2) no núcleo; cor das paredes interior acinzentado (Munsell 5YR 6/1) e das paredes externas castanho amarelado (Munsell 7.5 YR 6/4).

Elementos não plásticos de calibre médio a grosso; textura pouco homogénea e superfície rugosa no exterior, com engobe no interior.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Caneluras no bordo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:14; EB:2,4; DB:48; DM:48; DF:29,8.

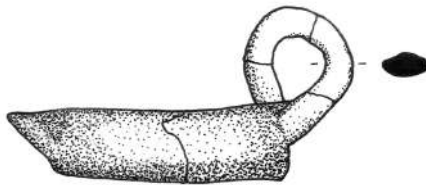
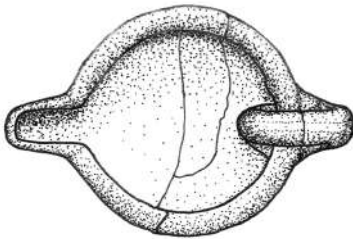
Bibliografia: Catarino, 1992a:17;

Catarino, 1997/98a:494; Catarino, 1997/98c:1210;

Catarino, 2017c:565-566.

1.6. Cerâmicas de Iluminação e de Fogo

Candeias



ML.A0672.1.8.70.H10-N3-245



Identificação: ML.A0672 (1.8.70)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N3-245

Forma: Candeia.

Descrição: Bordo plano em bisel interno; bico aberto curto; colo inexistente; corpo cilíndrico e fundo plano. Asa de secção oval que parte do bordo e termina no interior do bojo.

Pasta de cor creme (Munsell 10YR 8/3) no núcleo; cor das paredes internas e externas creme (Munsell 10YR 8/3).

Elementos não plásticos de calibre fino; textura homogénea e superfície em verniz externo.

Técnica: Torno rápido.

Decoração: Vestígios de vidrado verde em pequenos pingos conservados no corpo e na asa.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): A:4,6; EB:0,7; DB:6,8; DM:10,5
DF:6,8.

Bibliografia: Catarino, 1992a:28;

Catarino, 1997/98a:494; Catarino, 1997/98c:1187;

Catarino, 2017c:553.

1.7. Objectos de Tecelagem e Utilitários

Fusos



Identificação: ML.A0345 (1.8.535)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N2C/3-s/nº

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,5; C:13,3.

Bibliografia: Catarino, 2017c:549-550.



Identificação: ML.A0346 (1.8.574)

Referência Estratigráfica: Q. G11-N4A-s/nº

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões(cm): E:0,6; C:13,4.

Bibliografia: Catarino, 2017c: 549-550.



Identificação: ML.A0347 (1.8.228)

Referência Estratigráfica: Q. I10-N3-s/nº

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,2; C:7,1.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0348 (1.8.231)

Referência Estratigráfica: Q. E11-N2B-s/nº

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades: uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,5; C:11,1.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0530 (1.8.1166)

Referência Estratigráfica: Q. Q10-N6C-4

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocônica e outra pontiaguda torcida.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,5; C:13,1.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0625 (1.9.1124)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6C/3-s/nº

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocônica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XII.

Dimensões (cm): E:0,4; C:15,8.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0626 (1.8.1530)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6C-1

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,6; C:9,1.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0627 (1.8.1529)

Referência Estratigráfica: Q. K11-N2B-8

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

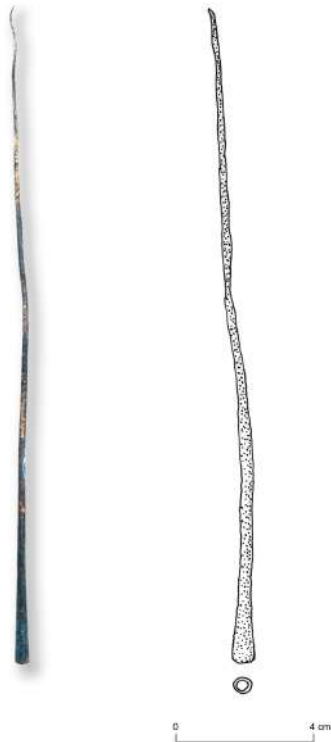
Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,4; C:10,7.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0628 (1.8.1165)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6C-5

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,4; C:20,1.

Bibliografia: Catarino, 1999/00:122.



Identificação: ML.A0629 (1.8.1164)

Referência Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6C-4

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

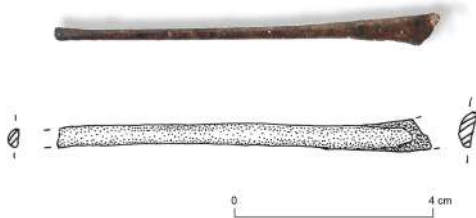
Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,5; C:20,4.

Bibliografia: Catarino, 1999/00:122.



Identificação: ML.A0690 (1.8.563)

Referência Estratigráfica: Q. G10-N3-18

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas fragmentadas.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,6; C:7,4.

Bibliografia: Catarino, 1993:22.



Identificação: ML.A0691 (1.8.573)

Referência Estratigráfica: Q. I11-N3-s/nº

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,4; C:7,2.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0692 (1.8.226)

Referência Estratigráfica: Q. I10-N2C-3

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,5; C:12,9.

Bibliografia: Catarino, 1993:28.



Identificação: ML.A0693 (1.8.250)

Referência Estratigráfica: Q. G10-N3-17

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de bronze.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,4; C:16,4.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0694 (1.8.575)

Referência Estratigráfica: Q. J11-N4-s/nº

Forma: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de bronze.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,6; C:19,4.

Bibliografia: Catarino, 2017c:549-550.



Identificação: ML.A0695 (1.8.230)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N5-s/nº

Forma/Função: Fuso.

Descrição: Peça longa; duas extremidades uma troncocónica e outra pontiaguda.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

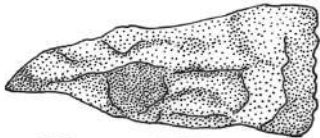
Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,5; C:12,2.

Bibliografia: Inédito.

Tempereiros



Identificação: ML.A0680 (1.8.1514)

Referência Estratigráfica: Q. I10-N3-62

Forma: Tempereiro.

Descrição: Peça triangular, com espigão de fixação.

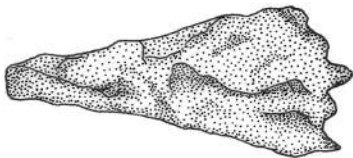
Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:2,2; C:5,5.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1221



Identificação: ML.A0681 (1.8.1515)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N3-60

Forma: Tempereiro.

Descrição: Peça triangular; dois dentes em uma das extremidades.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:2,2; C:5,8.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1221.

Cossoiros



Identificação: ML.A0340 (1.8.239)

Referência Estratigráfica: Q.H10/H11-N2C/3-s/nº

Forma: Cossoiro.

Descrição: Peça circular; orifício central.

Matéria de fabrico: Osso.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,7; DM:1,7.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1305; Catarino, 2017c:550.



Identificação: ML.A0341 (1.8.240)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N2B/3-s/nº

Forma: Cossoiro.

Descrição: Peça circular, orifício central.

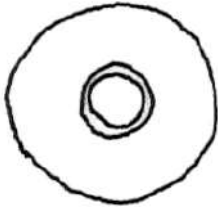
Matéria de fabrico: Osso.

Decoração: Orifício contornado por uma linha em relevo.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,7; DM:1,9.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1305; Catarino, 2017c:550.



Identificação: ML.A0630 (1.8.1168)

Referencia Estratigráfica: Q. F10-Silo10-N6C-1

Forma: Cossoiro.

Descrição: Peça circular; orifício central.

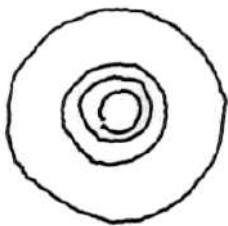
Matéria de fabrico: Osso.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,7; DM:2,1; DO:0,6.

Bibliografia: Catarino, 1999/00:122.



Identificação: ML.A0631 (1.8.1167)

Referência Estratigráfica: Q. J11-Silo8-N6C-1

Forma: Cossoiro.

Descrição: Peça circular; orifício central.

Matéria de fabrico: Osso.

Decoração: Junto ao orifício que se encontra no centro situa-se uma reentrância.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,7; DM:2,2; DO:0,6.

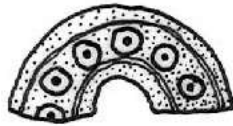
Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1305;
Catarino, 1999/00:122; Catarino, 2017c:550.



Identificação: ML.A0696 (1.8.325)
Referência Estratigráfica: Q. H11-N2B-5
Forma: Cossoiro.
Descrição: Peça circular; orifício central.
Matéria de fabrico: Chumbo.
Decoração: Sem decoração.
Periodização: Séc. XII-XIII.
Dimensões (cm): E:0,9; DM:1,4.
Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1305.



Identificação: ML.A0697 (1.8.328)
Referência Estratigráfica: Q. I11-N2B-s/nº
Forma: Cossoiro.
Descrição: Peça circular; orifício central.
Matéria de fabrico: Osso.
Decoração: Incisão que contorna o orifício central.
Periodização: Séc. XII-XIII.
Dimensões (cm): E:0,6; DM:2; DO:0,6.
Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0698 (1.8.237)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N3-5

Forma: Cossoiro.

Descrição: Peça circular; orifício central.

Matéria de fabrico: Osso.

Decoração: Adornada por círculos e delimitada por duas reentrâncias.

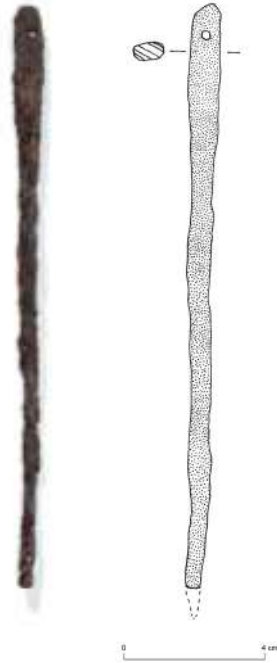
Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,6; DM:2,1; DO:0,6 .

Bibliografia: Catarino, 1993:22;

Catarino, 1997/98c:1221.

Agulhas



Identificação: ML.A0344 (1.8.327)

Referência Estratigráfica: Q. I10-N3-73

Forma: Agulha.

Descrição: Peça longa de secção retangular; duas extremidades uma mais larga que a outra.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,9; C:6,8.

Bibliografia: Catarino, 1997/98C:1221-1305;
Catarino, 2017c:551.

Pregos



Identificação: ML.A9330 (s/nº)

Referência Estratigráfica: Q. F10-N3-6

Forma: Prego.

Descrição: Peça longa de secção retangular afunilada. Duas extremidades, uma achatada de forma circular; outra arredondada fina.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:1,7; C:6,7.

Bibliografia: Catarino, 1993:18;
Catarino, 1997/98c:1220.



Identificação: ML.A9331 (s/nº)

Referência Estratigráfica: Q. J10-N2C-14

Forma: Prego.

Descrição: Peça longa de secção retangular afunilada. Duas extremidades, uma achatada de forma circular; outra arredondada fina.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões: E:2,7; C:6,9.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A9332 (s/nº)

Referência Estratigráfica: Q. E10-N3-15

Forma: Pregão.

Descrição: Peça longa de secção retangular afunilada. Duas extremidades, uma achatada; outra arredondada fina.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:1,5; C:3,5.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A9333 (s/nº)

Referência Estratigráfica: Q.E10-N2A/3A-14

Forma: Pregão.

Descrição: Peça longa de secção retangular afunilada. Duas extremidades, uma achatada de forma circular; outra arredondada fina.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões: E:1,3; C:4,3.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A9334 (s/nº)

Referência Estratigráfica: Q. G10-N3-45

Forma: Pregão.

Descrição: Peça longa de secção retangular afunilada. Duas extremidades, uma achatada de forma circular; outra arredondada mais fina.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões: E:1,2; C:5,1.

Bibliografia: Inédito.

Cabos de Roca



Identificação: ML.A0343 (1.8.283)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N3-4

Forma: Cabo de roca.

Descrição: Peça longa; duas extremidades troncocónicas.

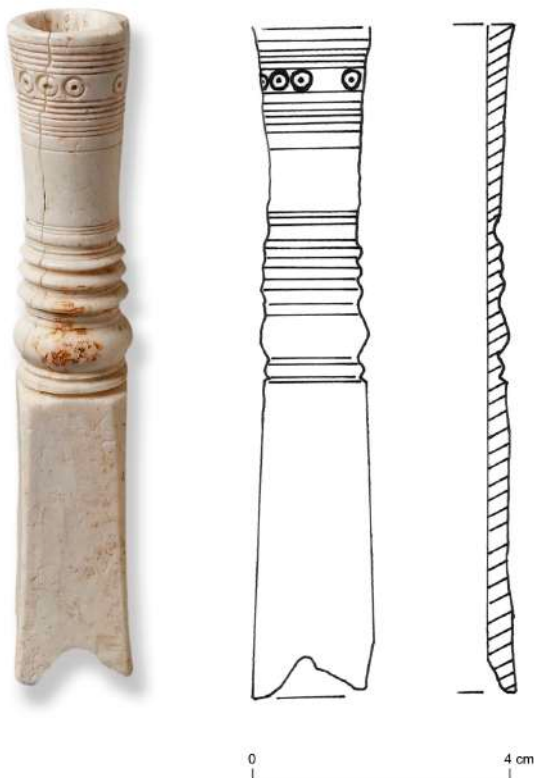
Matéria de fabrico: Osso.

Decoração: Incisa junto ao bordo, a meio existem traços na horizontal, abaixo do bordo alguns círculos e um ressalto, base com 3 caneluras, centro da peça circulares de grandes dimensões.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): DM:2,4; C:9,9.

Bibliografia: Catarino, 1993:26;
Catarino, 1997/98c:1221-1305;
Catarino, 2017c:548-550.



Identificação: ML.A0699 (1.8.284)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N6-1

Forma: Cabo de roca.

Descrição: Peça longa; duas extremidades, um troncocónicas e outra quadrangular.

Matéria de fabrico: Osso.

Decoração: Com incisão junto ao bordo, com traços orientado horizontalmente, com círculos que detêm um ponto ao centro. A meio da peça apresenta algumas caneluras.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): DM:1,8; C:10,3.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1221-1305;
Catarino, 2017c:548- 550.

1.8. Armamento

Ponta de Lança ou de Besta



Identificação: ML.A0332 (1.8.263)

Referência Estratigráfica: Q. F10-N3-s/nº

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção circular afunilada. Duas extremidades finas.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:0,8; C:7,4.

Bibliografia: Catarino, 1993:24;
Barroca, Monteiro e Ferreira, 2000:393.



Identificação: ML.A0334 (1.8.257)

Referência Estratigráfica: Q. I10-N2B-s/nº

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção circular afunilada. Duas extremidades finas.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:1,1; C:7,8.

Bibliografia: Catarino, 1993:24;
Barroca, Monteiro e Ferreira, 2000:393;
Catarino, 2017c:547.



Identificação: ML.A0335 (1.8.251)

Referência Estratigráfica: Q. G11-N3-s/nº

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção circular afunilada. Duas extremidades, uma fina e outra quase quadrangular.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:0,8; C:7,7.

Bibliografia: Barroca, Monteiro e Ferreira, 2000:393.



Identificação: ML.A0337 (1.8.260)

Referência Estratigráfica: Q. I10-N2B-s/nº

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção circular afunilada. Duas extremidades circulares grossas.

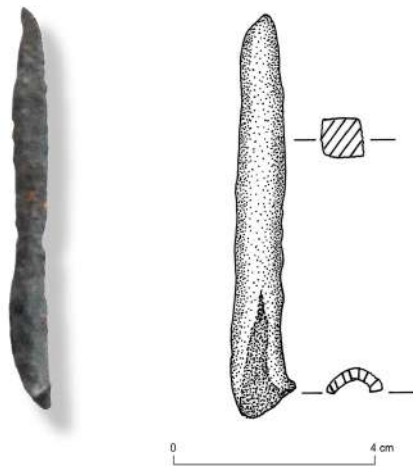
Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:1,2; C:4,5.

Bibliografia: Barroca, Monteiro e Ferreira, 2000:393.



Identificação: ML.A0619 (1.8.247)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N3-56

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção quadrangular. Duas extremidades finas.

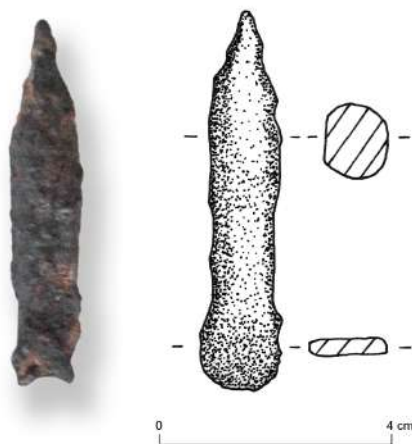
Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:0,9; C:7,8.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1218.



Identificação: ML.A0621 (1.8.1523)

Referência Estratigráfica: Q. J10-N2-25

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção quadrangular. Duas extremidades uma fina e outra quadrangular.

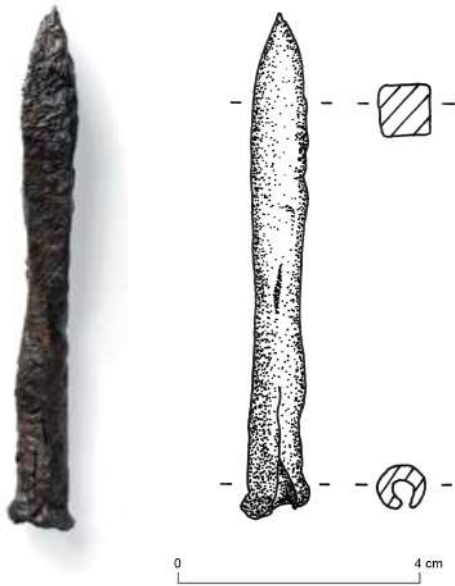
Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:1,1; C:6,2.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1219.



Identificação: ML.A0682 (1.8.953)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N2- 23

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção quadrangular. Duas extremidades finas.

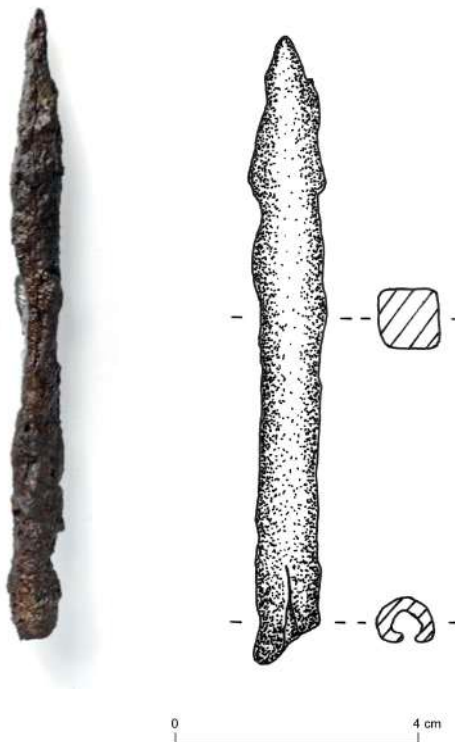
Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:0,9; C:8,2.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1219;
Catarino, 2017c:547.



Identificação: ML.A0683 (1.8.931)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N5-7

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção quadrangular. Duas extremidades finas.

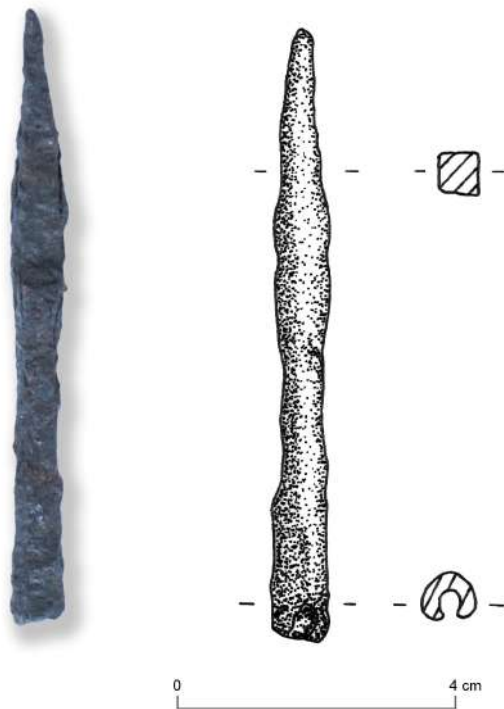
Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:1,1; C:12,2.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1219;
Catarino, 2017c:547.



Identificação: ML.A0684 (1.8.252)

Referência Estratigráfica: Q. G11-N2-19

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção quadrangular. Duas extremidades finas.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:0,8; C:8,6.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1219.



Identificação: ML.A0685 (1.8.254)

Referência Estratigráfica: Q. G11-N3-19

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção circular afunilada. Duas extremidades finas.

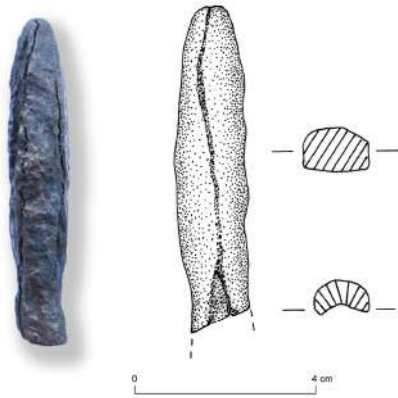
Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:0,8; C:8,7.

Bibliografia: Catarino, 2017c:547.



Identificação: ML.A0686 (1.8.253)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N2-7

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção circular afunilada. Duas extremidades finas.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:1,3; C:7,1.

Bibliografia: Catarino, 1997/98c:1218.



Identificação: ML.A0687 (1.8.248)

Referência Estratigráfica: Q. E10-N2A-4

Forma: Ponta de lança ou de besta.

Descrição: Peça longa de secção circular afunilada. Duas extremidades finas.

Matéria de fabrico: Liga de ferro.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): E:0,8; C:10,2.

Bibliografia: Inédito.

Projecteis de Pedra



Identificação: ML.A0329 (1.8.291)
Referência Estratigráfica: Q. G11-N5-s/nº
Forma: Projétil de pedra.
Descrição: Peça de forma esférica.
Matéria de fabrico: Pedra.
Técnica: Afeiçoada.
Decoração: Sem decoração.
Periodização: Séc. XII-XIII.
Dimensões (cm): DM:4,7.
Bibliografia: Catarino, 2017c: 546-547.



Identificação: ML.A0330 (1.8.290)
Referência Estratigráfica: Q. F11-N5-s/nº
Forma: Projétil de pedra.
Descrição: Peça de forma esférica.
Matéria de fabrico: Pedra.
Técnica: Talhada.
Decoração: Sem decoração.
Periodização: Séc. XII-XIII.
Dimensões (cm): DM:3,8.
Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0331 (1.8.288)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N1-s/nº

Forma: Projétil de pedra.

Descrição: Peça de forma esférica.

Matéria de fabrico: Pedra.

Técnica: Talhada e polida.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): DM:2,2.

Bibliografia: Catarino, 2017c:546-547.



Identificação: ML.A0623 (1.8.1171)

Referência Estratigráfica: Q. J10/J11-N2A-s/nº

Forma: Projétil de pedra.

Descrição: Peça de forma esférica.

Matéria de fabrico: Pedra.

Técnica: Talhada e polida.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): DM:3,6.

Bibliografia: Catarino, 2017c:546-547.



Identificação: ML.A0689 (1.8.287)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N2B-s/nº

Forma: Projétil de pedra.

Descrição: Peça de forma esférica.

Matéria de fabrico: Pedra.

Técnica: Talhada e polida.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): DM:3.

Bibliografia: Inédito.

1.9. Artefactos diversos

Indumentária e Acessórios



Identificação: ML.A0308 (1.8.74)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N2C-s/nº

Forma: Botão.

Descrição: Peça de forma circular; anverso arranque de espigão.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Técnica: Fundido e gravado.

Decoração: Uma das faces com motivos canelados radiais a partir de moldura central em círculo.

Periodização: Séc. XIII.

Dimensões (cm): D:1,8.

Bibliografia: Catarino, 2017c:533.



Identificação: ML.A0318 (1.8.309)

Referência Estratigráfica: Q. G10-N1-s/nº

Forma: Brinco.

Descrição: Peça de forma circular; duas extremidades, uma fina encaixa na outra de forma circular.

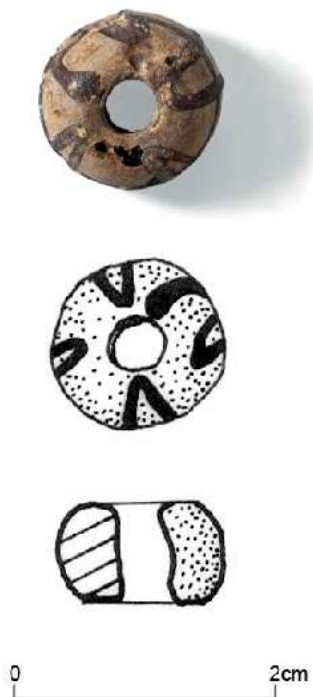
Matéria de fabrico: Liga de bronze.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,1; D:2.

Bibliografia: Catarino, 2017c:534.



Identificação: ML.A0338 (1.8.241)

Referência Estratigráfica: Q. G11/H11-N4A-s/nº

Forma: Conta.

Descrição: Peça circular; orifício central.

Matéria de fabrico: Pasta vítrea.

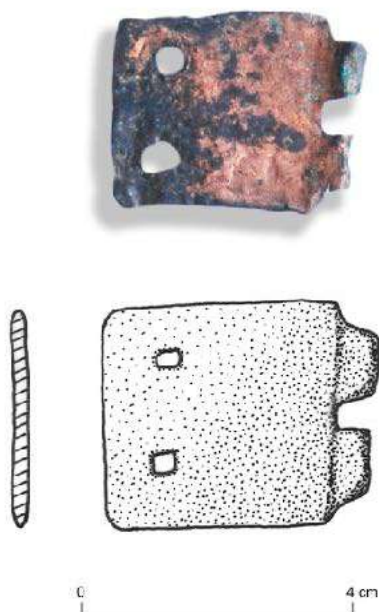
Decoração: Em relevo em pasta de vidro irisado, com aplicações de motivos ornamentais a negro que forma meandros em arcos e uma linha a circundar o corpo.

Periodização: Séc. XI-XII.

Dimensões (cm): E:0,7; D:1,3.

Bibliografia: Catarino, 1993:22;

Catarino, 1997/98c:1222; Catarino, 2017c:535.



Identificação: ML.A0688 (1.8.298)

Referência Estratigráfica: Q. G11-N3-41

Forma: Placa de cinturão.

Descrição: Peça rectangular; com duas perfurações numa extremidade e duas abas em outra.

Matéria de fabrico: Liga de cobre.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XIII-XIV.

Dimensões (cm): L:3,2; E:0,1; C:4.

Bibliografia: Catarino, 1993:18-27;

Catarino, 1997/98c:1220.

Objectos Lúdicos



Identificação: ML.A0321 (1.8.570)

Referência Estratigráfica: Q. I10-N3-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície pasta esverdeada (Munsell 10YR 3/3).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Vidrado nas superfícies.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:1; D:4,2.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0324 (1.8.567)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N3/2-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície externa alaranjada (Munsell 5YR 5/6) e interna acinzentada escura (Munsell 2.5YR 6/8).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,7; D:4,1.

Bibliografia: Catarino, 2017c:538.



Identificação: ML.A0325 (1.8.568)

Referência Estratigráfica: Q. G11-N3-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície acastanhada (Munsell 2.5YR 4/6).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Vidrada dos dois lados.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,9; D:3,8.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0326 (1.8.66)

Referência Estratigráfica: Q. G10-N2-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:1,2; D:5,4.

Bibliografia: Catarino, 2017c:538.



Identificação: ML.A0327 (1.8.566)

Referência Estratigráfica: Q. H10-N6-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície externa acinzentada (Munsell 2.5YR 4/1) e interna alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de barro já cozido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm):E:0,4; D:5,2.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0328 (1.8.569)

Referência Estratigráfica: Q. J10-N3/4-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície externa alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8) e interna alaranjada clara (Munsell 2.5YR 5/6).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de barro cozido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,7; D:3,8.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0336 (1.8.267)

Referência Estratigráfica: Q. I10-N3-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície alaranjada (Munsell 5YR 4/4).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Torno e talhada.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,7; D:3,3.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0542 (1.8.275)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N2B-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície castanha (Munsell 2.5YR 5/6).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,5; D:2,4.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0632 (1.8.1519)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N8/6-4

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície externa alaranjada (Munsell 2.5YR 4/4) e castanha (Munsell 5YR 5/3).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:1; D:5.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0633 (1.8.1518)

Referência Estratigráfica: Q. H11-N4-4

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície alaranjada (Munsell 5YR 6/6).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:1; D:4,4.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0634 (1.8.1517)

Referência Estratigráfica: Q. J11-N2B-165

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície alaranjada (Munsell 2.5YR 6/8).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,9; D:4,1.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0676 (1.8.270)

Referência Estratigráfica: Q. I11-Silo2-N4-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície alaranjada (Munsell 2.5YR 5/8) e vidrado em castanho.

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Vidrado nas superfícies.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:0,8; D:4,1.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0677 (1.8.271)

Referência Estratigráfica: Q. F11-N4-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície alaranjada (Munsell 2.5YR 5/6).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:1,5; D:4.6.

Bibliografia: Inédito.



Identificação: ML.A0678 (1.8.268)

Referência Estratigráfica: Q. G10-N3-s/nº

Forma: Marca de Jogo.

Descrição: Peça circular.

Cor da superfície castanha (Munsell 7.5YR 5/4).

Matéria de fabrico: Barro.

Técnica: Afeiçãoada a partir de um fragmento de objeto de barro já cozido.

Decoração: Sem decoração.

Periodização: Séc. XII-XIII.

Dimensões (cm): E:2,2; D:6,5.

Bibliografia: Inédito.

2. Trabalhos realizados no estágio

2.1. Tabela dos trabalhos realizados no estágio

Data (ano 2020)	Horário	Horas	Trabalhos realizados
6/1	09:30 - 13:00 14:00 - 17:30	7	Criação de uma tabela do espólio que vai ser estudado.
7/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da criação da tabela.
8/1	9:30- 13:00 13:30- 17:00	7	Deslocação a Salir. Confirmação dos materiais em exposição com fichas de inventário. Continuação da elaboração da tabela.
9/1	9:00- 13:00 14.00-17:00	7	Continuação da inserção de dados na tabela base de estudo. Confirmação dos dados inseridos, depois de visita a Salir. Recolha da bibliografia associada às peças. Confirmação da bibliografia de cada peça.
10/1	9:00- 13:00 13:50-16:50	7	Continuação da confirmação da bibliografia de cada peça.
13/1	9:07-13:07 14:00-17:00	7	Listagem dos desenhos presentes nas pastas fornecidas por Helena Catarino. Associação dos desenhos ao ML.A e números de inventário antigo.
14/1	9:00- 13:00 13:50-16:50	7	Confirmação das associações feitas. Confirmação das descrições feitas no Catálogo Loulé (MNA) e dos trabalhos realizados por Helena Catarino.
15/1	9:08-13:08 14:13- 17:13	7	Confirmação das descrições entre o Catálogo Loulé (MNA) e as fichas de inventário realizadas por Helena Catarino. Confirmação das descrições entre das fichas de inventário produzidas por Helena Catarino e Catálogo das peças expostas em Salir. Tratamento dos desenhos digitalizados.
16/1	9:07-13:00 13:50- 17:00	7	Continuação do tratamento dos desenhos digitalizados.
17/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Inserção dos desenhos previamente tratados na tabela base de estudo. Inserção de peças novas que estavam na Reserva Intermédia. Elaboração de ficha excel sobre todas as peças em exposição em Salir.

Data (ano 2020)	Horário	Horas	Trabalhos realizados
20/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Tratamento de desenhos agora com ML.A. Tabela das necessidades de cada peça. Tabela de necessidades desenho e foto.
21/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Tratamento de desenhos digitalizados. Estudo de peças metálicas (pregos).
22/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Introdução de novas entradas de peças expostas em Salir. Reunião, ponto de situação, Dra. Soraia e Dr.Rui. Procura na reserva de peças que faltam.
23/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da colocação das entradas na tabela em relação às peças que estavam expostas em Salir. Organização da tabela.
24/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Organização da tabela. Confirmação da presença de todas as entradas. Tratamento de desenhos das novas entradas na tabela.
27/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Ida a Salir, para confirmar descrições de peças. Criação de tabela de peças que faltam ML.A. Revisão dos desenhos. Inserção das fotografias tiradas para a exposição em Lisboa MNA, na tabela.
28/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Inserção de novos desenhos digitalizados na tabela. Comprimir imagem e desenhos para exportar para a documentos.
29/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Formatação das descrições das peças para colocar no catálogo. Tabela com confirmação das tabelas medidas, fotos, código Munsell.
30/1	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Tabela com confirmação das tabelas medidas, foto, código Munsell. Formatação das descrições das peças para colocar no catálogo.







Data (ano 2020)	Horário	Horas	Trabalhos realizados
31/1	9:00-13:20 14:00 - 16:40	7	Formatação das descrições das peças para colocar no catálogo. Recolha bibliografia para completar melhor a descrição das peças da tabela. Elaboração de uma tabela com descrições formatadas.
3/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Relatório Mensal para a Prof. Helena Catarino. Continuação da formatação das descrições.
4/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da formatação das descrições.
5/2	9:15-13:00 14:00-17:15	7	Continuação da formatação das descrições. Confirmação das peças nos locais da exposição do Núcleo Sede.
6/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da formatação das descrições e conclusão deste. Início da construção da metodologia. Leitura de bibliografia.
7/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da construção da metodologia. Leitura de metodologias tipo.
10/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Ida a Salir e confirmação de algumas duvidas na exposição. Continuação da formatação da metodologia. Leitura de bibliografia referente à introdução e agradecimentos.
12/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Finalização provisória da Metodologia. Elaboração provisória de agradecimentos. Início da Introdução.
13/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Leitura bibliográfica.
14/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Esquema do Trabalho. Leitura bibliográfica.
17/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Leitura bibliográfica. Esquema do catálogo, parâmetros de divisões do espólio. Introdução do esquema em forma de coluna na tabela original e na tabela das descrições.

Data (ano 2020)	Horário	Horas	Trabalhos realizados
18/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Leitura bibliográfica.
19/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Leitura bibliográfica. Confirmação de Valores (medidas) e cor da tabela da Munsell das peças da Reserva Intermédia.
20/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Confirmação das medidas e das cores da tabela Munsell da vitrina 1 e início da vitrina 2 em Salir.
21/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação dos trabalhos anteriores. (Salir)
26/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Conclusão dos trabalhos anteriores. (Salir)
27/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Colocação das medidas nos parâmetro de código Munsell e das medidas das peças (de Salir).
28/2	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Finalização da colocação das medidas na tabela de inventário.
2/3	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Atualização da lista de faltas de ML.A. Atualização das peças expostas em Salir. Atualização da lista de desenhos que faltam fazer. Atualização da lista dos desenhos que faltam tintar.
3/3	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Relatório Mensal para a Prof. Helena Catarino do mês de Fevereiro. Atualização da lista de descrições formatadas.
4/3	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Trabalhos de conservação e restauro, referente ao sítio arqueológico da Rua das Bicas. Continuação da atualização das descrições formatadas. Leitura Bibliográfica.
5/3	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Trabalhos de conservação e restauro, referente ao sítio arqueológico da Rua das Bicas. Leitura bibliográfica.
9/3	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Confirmados os valores de tabela Munsell e as medidas das peças em exposição no Núcleo Sede.
10/3	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Divisão dos desenhos tintados por desenhos com e sem associação às entradas na tabela de Inventário.

Data (ano 2020)	Horário	Horas	Trabalhos realizados
11/3	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Divisão dos desenhos de papel impressão, pelos associados à tabela e não associados à tabela. Divisão dos desenhos dos perfis estratigráficos, dos mapas da escavação e do mapa de salir. Digitalização dos desenhos para limpeza.
12/3	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Elaboração de um índice (tipo) para o trabalho de relatório. Elaboração de um índice (tipo) do catálogo final .
13/3	9:00- 13:00 14:00- 15:00	7	Escolha dos desenhos (Plantas e perfis) para a sua digitalização e limpeza.
1/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Revisão dos conteúdos na tabela de inventário.
2/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da revisão do trabalho.
3/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da revisão do trabalho.
4/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Retificações aconselhadas pelos orientadores.
5/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação das retificações.
8/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Verificação dos Paralelos
9/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Ajuda aos serviços educativos, na elaboração de jogos para colocar no Facebook. Leitura bibliográfica sobre os recipientes de armazenamento, talhas.
11/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação dos trabalhos sobre talhas (resumo).
12/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Trabalhos sobre recipientes de Armazenamento (Pote).
15/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação dos trabalhos sobre os recipientes de armazenamento. Reunião com orientadores.
16/6	9:00- 13:00 14:00-17:00	7	Início da formatação dos anexos.

Data (ano 2020)	Horário	Horas	Trabalhos realizados
17/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da formatação dos anexos. Ajuste dos desenhos tratados nos locais certos.
18/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da formatação dos anexos. Colocação dos desenhos requalificados nos sítios certos.
19/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Confirmação das associações com os desenhos. Reunião com orientador da entidade de acolhimento em relação dos desenhos. Digitalização de desenhos.
22/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Listagem dos desenhos que faltam. Listagem das fotografias que faltam. Ajuda aos serviços educativos com o projeto da Moura Cássima.
23/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Ajuda aos serviços educativos com o projeto da Moura Cássima. Reunião com orientador da entidade de acolhimento em relação dos desenhos. Escolha dos desenhos a colocar na tabela.
24/6	9:00- 13:00 14:00- 15:00	5	Ajuda aos Serviços educativos com o projeto da Moura Cássima. Digitalização dos desenhos e tratamento dos mesmos.
25/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Ajuda aos Serviços educativos com o projeto da Moura Cássima. Continuação da elaboração dos anexos.
26/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da elaboração dos anexos. Tratamento de fotos relacionadas com as peças.
29/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da elaboração dos anexos. Tratamento de fotos relacionadas com as peças.
30/6	9:00- 13:00 14:00- 17:00	7	Continuação da elaboração dos anexos. Tratamento de fotos relacionadas com as peças.

2.2. Exemplo da tabela base de estudo

Referência HC	N. Inventário HC	Nº de Inventário Velho	Nº de Inventário Novo (ML)	Descrição	Publicações	Desenho	Fotografia	Localização	Vitrine	Número	Categoria
Q. F11-N3-10		1.8.159	MLA0660	Tigela. vidrada. Almôada (séc. XII- XIII). Forma Aberta. Bordo arredondado com inflexão externa; paredes rectilíneas paralelas até meio do corpo e curvo convexas em ligação com o fundo; fundo de pé anelar, pe perfil trapezoidal. Pasta castanho escuro avermelhado; textura homogénea; CNP médios finos; natureza arenosa. Superfície verniz interior castanho com pintas amarelas; com verniz exterior; cor paredes interiores castanho com pintas em amarelo e cor das paredes exteriores vidradas em castanho melado escuro (Munsell 2.5YR 3/6). Sem decoração. Cozedura oxidante. AL: 5,9; EB: 0,5; DM:18,2; DB: 6,4.	- Catarino. (1992). p. 22. - Catarino. (1992). A fortificação muçulmana de Salar (Loulé). pp. 40-41. - Catarino. (1997/98).p.1 297.			Salar	2	1	Recipiente de Mesa
Q. H10-N3-230		1.8.156	MLA2681	Sertã. Cronologia:-. Forma: aberta. Bordo boleado com moldura externa até à carena; paredes convergentes para o fundo; corpo carenado; 2 asas verticais; fundo plano. Pasta de cor castanho avermelhado; textura homogénea; CNP: finos e grossos; natureza: -. Superfície alisada com brunido interno; cor das paredes externas: em cinzento (5YR 5/4) e internas: alaranjada (Munsell 7.5YR 4/1). Decoração: brunido interno em recticúla. Cozedura -: arrefecimento -. AL:7,8; EB:0,8; DB: 28,5; DM: 33,8; LA:2,5; DF: 17,3; Peso: 1275g.	- Catarino. (1992). p. 15. - Catarino. (1997/98).p.1 289			Reserva, Museu de Loulé, RI			Recipiente de Cozinha
Q. H10-N5-40		1.8.154	MLA0671	Púcaro. Cronologia:-. Forma:fechada. Bordo boleado; corpo globular; colo cilíndrico canelado; asa oval vertical a partir do bordo; fundo abaulado levemente. Pasta de cor cinza (2.5YR 4/0); textura homogénea; CNP: finos médios; natureza: -. Superfície alisada; cor das paredes internas e externas: cinza queimado (2.5YR 4/0). Decoração: caneluras no colo mancha branca de traço vertical no ombro e bojo. Cozedura redutora. DM: 12,7; DF: 6,4; EB: 0,6; EA:9 ; DB: 9,2; AL:11,3.	- Catarino. (1992). p. 14. - Loulé. Territórios, Memórias, Identidades. (2017). pp.522-523. - Catarino. (1997/98).p.1 302.			Salar	2	9	Recipiente de Cozinha e de Mesa